

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

**PLANEJAMENTO URBANO NA ESCUTA:
sons da cidade**

Renata Silva Machado

**Porto Alegre
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

**PLANEJAMENTO URBANO NA ESCUTA:
sons da cidade**

Renata Silva Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

**Porto Alegre
2011**

Renata Silva Machado

Planejamento urbano na escuta : sons da cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

Porto Alegre, 20 de abril de 2011.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Viviane Vedana – PPGAS/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Célia Ferraz de Souza – PROPUR/UFRGS

Prof. Dr. João Farias Rovati – PROPUR/UFRGS

A Iara e Luana.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a:

A CAPES pela concessão da bolsa de estudo de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, PROPUR/UFRGS.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eber Pires Marzulo, por compartilhar a inquietação em relação aos sons da cidade e pelos ensinamentos que ultrapassam a orientação acadêmica.

A Prof^a. Dr^a Denise Balarine Cavalheiro Leite, minha orientadora na iniciação científica, que pelos seus valiosos ensinamentos fez-se presentes nessa pesquisa, mesmo que sem sua participação direta.

Ao Prof. João Farias Rovati, pelo incentivo na realização dos E-PUR e da I Jornada PUR, momentos importantes para meu desenvolvimento como estudante de planejamento urbano. E aos colegas e grandes amigos que dividiram comigo a organização desses eventos, Carolina Ribeiro Oliveira, Bruno Cesar Euphrasio de Mello, Aline Martins da Silva e Jeniffer Cuty.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa GPIT, pelos momentos de reflexão e descontração, tão importantes ao longo da realização desse trabalho. Em especial às colegas e amigas Eclea Morais Mullich, Taiana Pitrez Tagliani, Thais Amorin Aragão, Letícia Coelho, Daniela Cidade e Lívia Oliveira.

As minhas filhas, Luana e Lara, pelo carinho, amor e compreensão, sempre presentes, mesmo quando eu precisava me ausentar.

Ao Rodrigo, pelo amor e companheirismo ao longo da realização desse trabalho.

A minha mãe Elenita e Dirceu, pelo apoio incondicional, que foi essencial em vários momentos para a realização deste trabalho.

A Lorena, Carolina e Camila, amigas e irmãs de coração, pelas conversas, cafés, chocolates e por estarem presentes, às vezes minuto a minuto, quando eu precisei.

A minha avó Juracema e meu avô Novely, pelo amor e pela compreensão das razões da minha ausência.

A minha família, tios, tias, primos e primas e sobrinho.

E as amigas Juliana, Iandra e Maria, que seguem amigas pelas idas e vindas da vida.

Resumo

O sons da cidade são objeto de reflexão recente. O final da década de 70 do século XXI é o período onde são identificadas obras fundadoras do estudo dos sons no e do espaço urbano na literatura vinculada às ciências sociais puras e aplicadas. Mesmo como objeto de reflexão recente e ainda pouco divulgado, os sons da cidade estão presentes em pesquisas, se não como foco central, como aspecto central da cidade e da vida na cidade. A presente dissertação propõe-se identificar a presença dos sons da cidade como temática de pesquisa no Planejamento Urbano e Regional (PUR) brasileiro através da busca de palavras-chave nos textos da área. São dois os momentos de análise: primeiro ao demarcar o alcance espaço temporal da pesquisa é lançado um olhar amplo ao PUR através do conjunto de trabalhos apresentados nas últimas quatro edições dos encontros da ANPUR (X, XI, XII e XIII ENANPUR, ocorridos respectivamente nos anos 2003, 2005, 2007 e 2009) e das dissertações e teses defendidas no PROPUR/UFRGS desde a fundação do programa em 1970 até 2009. Em seqüência são tratados em profundidade os trabalhos apresentados no XIII ENANPUR (2009), evento onde se identificou a maior recorrência de palavras-chave com potencial associativo a temáticas sons da cidade. Esta análise permite inferir que os sons são tema cada vez mais freqüentes na área PUR, sendo que se destacam como formas de tratar os sons a apresentação destes como elementos constitutivos da experiência urbana, como práticas cotidianas, e como aspectos enunciados por serem apreendidos como um problema.

Palavras-chave: sons da cidade; planejamento urbano e regional; cotidiano; imagens da cidade;

Abstract

The sounds of the city are subject of recent discussion. The 70th decade of the XXI Century is the period where the founders works in the study of sounds and of urban space are identified in literature linked to the social sciences, both pure and applied. Even being object of recent reflection and still little known, the sounds of the city takes themselves present in researches, if not as a central focus, as a constituent aspect of the town and the life in this place. This dissertation aims to identify the presence of the city sounds as theme of research in the Brazilian field of Urban and Regional Planning thru keywords searching in the studies of this area. The moments of analysis were two: former, to demarcate the temporal scope, was launched a broad look at PUR covering both dissertations and theses presented in Post-Graduation Program on Urban and Regional Planning (PROPUR/UFRGS) from the foundation of this program in 1970 until 2009, and the set of papers presented in the last four editions of the meetings of National Association of Post-Graduation in Urban and Regional Planning - ANPUR (X, XI, XII and XIII ENANPUR, that occurred respectively in the years 2003, 2005, 2007 and 2009). In sequence were treated in depth the papers presented at the XIII ENANPUR (2009), because the biggest recurrence of keywords with associative potential with the research theme named sounds of the city was identified in this event. This analysis allows us to infer that the sounds are increasingly frequent topic in the PUR area, being identified as ways of dealing with the sounds the presentation of them as a constitutive part of the urban experience, as everyday practices, and as a aspect that is enounce because is apprehended as a problem.

Key-words: sounds of the city; urban and regional planning; everyday life; city images

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A relação entre a característica do objeto de estudo e o tratamento permitido pelas ferramentas de pesquisa, numa perspectiva de evolução da disciplinaridade para a interdisciplinaridade	45
Figura 2 - Unidades de análise em relação às fontes consultadas	63
Figura 3 – Composição dos dados coletados de acordo com a sua fonte	65
Figura 4 – Número de Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS: 1973-2009.....	67
Figura 5 – Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS, agrupadas por década, de 1973-2009	68
Figura 6 – Contribuição das X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR no total de unidades de análise coletadas nos anais do evento, de 2003-2009.....	71
Figura 7 Número de trabalhos apresentados no X, XI, XII e XIII ENANPUR, por tipo de sessão: 2003-2009	72
Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR	78
Figura 9 – Número de Vocábulos por edição do ENANPUR, do X ao XIII encontro.....	80
Figura 10 - Contribuição de cada vocábulo para o total de recorrências de palavras-chave nos anais da X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR.....	81
Figura 11 – Etapas da codificação.....	87
Figura 12 – Variação no número de palavras-chave codificadas e contadas no XIII ENANPUR.....	91
Figura 13 - Sentidos recorrentes dos sons, por conjunto, em relação ao total de fontes consultadas (unidades de análise - <i>sources</i>), no XIII ENANPUR.....	96
Figura 14 - Sentidos recorrentes dos sons, por conjunto, em relação ao total de palavras-chave codificadas (<i>coding references</i>), no XIII ENANPUR.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Freqüência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo sua natureza	64
Tabela 2 - Freqüência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo fonte original	66
Tabela 3 – Origem dos alunos egressos do PROPUR/UFRGS entre 1973 e 2009: unidade federativa onde realizaram suas graduações.....	69
Tabela 4 – Trabalhos apresentados por fase do ENANPUR, e razão de crescimento da 2ª fase (XII e XIII ENANPUR) em relação à 1ª fase (X e XI ENANPUR)	72
Tabela 5 – Número de Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade: 1973-2009	73
Tabela 6 – Número de Teses defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade: 2007-2009	74
Tabela 7- Total de Vocábulo relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada	76
Tabela 8 - Total de trabalhos ou sessões livres apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada no período	77
Tabela 9 – Freqüência por vocábulo na X, XI, XII e XIII edição do ENANPUR.....	79
Tabela 10 – Unidades de análise e palavras-chave codificadas por <i>node</i>	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fundação dos Programas de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional.....	49
Quadro 2 – Codificação e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR em comparação à frequência e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR e no período correspondente ao X, XI, XII e XIII ENANPUR.....	93
Quadro 3 - Quantidade de fontes (<i>sources</i>) e codificações (<i>coding references</i>) das palavras-chave por <i>node</i> em relação aos conjuntos (<i>sets</i>), sendo eles (A) Sons como ação, (B) Sons que incomodam e (C) Sons como objeto.....	95
Quadro 4– Posicionamento (%) dos conjuntos de palavras-chave (<i>sets</i>) em relação à temática sons da cidade, por número de trabalhos e por quantidade de palavras-chave codificadas.....	108
Quadro 5 – Palavras-chave (<i>nodes</i>) próximas à temática sons da cidade.....	109

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. SOBRE CIDADE, PLANEJAMENTO URBANO E SONS	27
2.1. VIDA NA CIDADE, TRANSFORMAÇÃO NAS RACIONALIDADES E NO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	27
2.2. IMAGENS DA CIDADE E SOCIABILIDADES URBANAS	35
2.3. ESTUDOS SOBRE A CIDADE: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL NO BRASIL	27
3. SONS DA CIDADE NOS TEXTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL BRASILEIRO	52
3.1. SUPORTE E REGISTRO DO CONHECIMENTO	52
3.2. CONHECIMENTO DA ÁREA PUR: FONTES UTILIZADAS	54
3.3. PALAVRAS-CHAVE DA TEMÁTICA SONS DA CIDADE	58
3.4. ANAIS DOS ENANPUR, TESES E DISSERTAÇÕES DO PROPUR/UFRGS: ANÁLISE PRELIMINAR DOS MATERIAIS PESQUISADOS	62
3.5. LEVANTANDO A RECORRENCIA DOS SONS	73
4. SENTIDOS DOS SONS NO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	83
4.1. LEVANTAMENTO DAS PALAVRAS CHAVE E CODIFICAÇÃO: NODES	88
4.2. DOS SENTIDOS PREDOMINANTES POR PALAVRA-CHAVE AO SEU AGRUPAMENTO: SETS	94
4.2.1. (A) SONS COMO AÇÃO	97
4.2.2. (B) SONS QUE INCOMODAM	101
4.2.3. (C) SONS COMO OBJETOS	103
4.3. E A TEMÁTICA SONS DA CIDADE NO PUR?	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	111
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

1. INTRODUÇÃO

Na cidade há som. A existência cotidiana na cidade tem como componente inextrincável o som. Mesmo que as pessoas que habitam a cidade fiquem caladas, imóveis, buscando não emitir sons, ainda assim serão ouvidos e produzidos sons.

O deslocamento das pessoas no ambiente urbano é exemplo de fonte de produção de sons: passos em uma calçada, alarmes e motores e buzinas e freadas de carros, músicas cantadas e escutadas em auto-falantes ou fones de ouvido, rangido de trem nos trilhos, aviões... Num instante pode-se ouvir uma gama de sonoridades mais ampla que as decorrentes do deslocamento das pessoas na cidade: pingos da chuva, pássaros, vento, ondas do mar, *cooler* do computador, telefones, falas, respirações. As fontes de sonoridades existentes na cidade estão ligadas tanto a práticas cotidianas, quanto à eventos que não dependem da vontade, ação ou movimento das pessoas, como no caso de fenômenos ligados à natureza. Além de ser presença constante na vida cotidiana, os múltiplos sons da cidade são aspectos constituintes da materialidade do espaço acionados nas territorializações realizadas nos atos da vida cotidiana. Os sons atuam, desta forma, na construção movente de imagens e identidades de uma cidade (FOURTUNA, 1998).

O cotidiano está repleto de momentos aparentemente irrelevantes, mas que carregam em si traços de valores e códigos partilhados, dos quais os habitantes da cidade são simultaneamente produtores e produtos. Nos atos da vida cotidiana se lança mão de competências sensitivas como parte dos recursos para se situar, movimentar e relacionar. Pode-se, nesse sentido, atribuir às experiências cotidianas cheiros, sons, cores, formas. As competências sensitivas foram e são forjadas nos

momentos banais do cotidiano, nos momentos presentes, nos passados, e ainda em prolongamentos direcionados a um tempo futuro, constituindo fios de sociabilidade urbana. A cada instante na cidade emergem acontecimentos, que podem ser explorados desde abordagens variadas.

A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis. A cada instante, há mais que o olho pode ver, mais que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. (LYNCH, 1997, p.1)

Talvez por apresentar-se como fonte sempre movente de acontecimentos, a cidade e as práticas urbanas tenham figurado como tema freqüente a inspirar artistas, filósofos e pensadores. Segundo Velho (1995, p.227) (grifo do autor) “poder-se-ia enumerar centenas de escritores, críticos, artistas de vários tipos e orientações que nos últimos 150 anos lidaram, de modo explícito, com a *questão urbana*”, ou seja, com questões referentes às relações estabelecidas entre pessoas e espaços urbanos. O estudo da relação espaço-sociedade tem sido realizado desde enfoques analíticos variados (SANTOS, 2000). Dentre os enfoques ou formas de aproximar-se à cidade, encontram-se iniciativas voltadas para o estudo das sociabilidades urbanas, da percepção de usuários de um determinado espaço da cidade, dos usos de uma região da cidade por grupos sociais díspares, da participação popular na gestão da cidade, de planos e projetos urbanos e regionais, da realização de práticas de planejamento urbano e regional, de configuração urbana e regional. A variedade de formas de pensar e conhecer aspectos da relação espaço-sociedade anteriormente listadas não esgota nem os enfoques existentes nem os enfoques possíveis a esse objeto de pesquisa, mas permitem por em evidencia que o estudo

da cidade é, na atual configuração do campo científico¹, tema de interesse de áreas do conhecimento² variadas. São exemplos disso pesquisas realizadas nas áreas de conhecimento sociológico, antropológico, geográfico, urbanístico e arquitetônico. Entende-se aqui que “uma área de conhecimento é, ao fim e ao cabo, aquilo que conduz uma comunidade grande ou pequena de investigadores a perseguir objetivos relativamente comuns” (SANTAELLA, s/d, p.7). Ao passo que se identifica a realização de pesquisas direcionadas à cidade nas diferentes áreas do conhecimento, pode-se inferir que existam objetivos relativamente comuns entre as ações – neste caso, estudos sobre a cidade – em uma ou outra área do conhecimento, que diferem de área para área, e que fazem com que alguns estudos sejam considerados ou identificados como sociológicos, outros como urbanísticos, e assim por diante.

O presente trabalho se limitará a explorar o conjunto de práticas científicas relacionadas à área do conhecimento denominada Planejamento Urbano e Regional (PUR)³. Considerando que cada área do conhecimento científico constitui-se como

¹ Na acepção de Bourdieu, as produções culturais como arte, ciência, literatura são produzidas no seio de um mundo específico relativamente regido por leis próprias, pois cada um desses mundos não existe apartado de outros mundos. O autor denomina esses mundos campos, e os define como “universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência (1997, p.20). A cada campo corresponderia um tipo de capital específico, que seria possuído de maneira desigual pelos sujeitos e instituições que fazem o campo, levando a ocupação de posições de dominante/dominado, de acordo com a posse do capital específico em questão (BOURDIEU, 2007b). Nesse sentido, entende-se o campo científico como marcado por divisões e subdivisões internas, que estão em constante disputa e (re)definição, onde os limites entre uma e outra área do conhecimento vão sendo arranjados.

² Além da definição de uma área do conhecimento pela partilha de vontades dos sujeitos pesquisadores, há também a definição das áreas do conhecimento por instituições ligadas ao desenvolvimento e fomento de pesquisas. No caso brasileiro, pode-se citar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ Segundo tabela de áreas do conhecimento vigente na CAPES e no CNPq, a subárea Planejamento Urbano e Regional é integrada pelas seguintes especialidades: métodos e técnicas do planejamento urbano e regional, informação, cadastro e mapeamento, técnica de previsão urbana e regional, técnicas de análise e avaliação urbana e regional, técnicas de planejamento e projeto urbanos e

tal através de um movente jogo de partilha de objetivos nas práticas para conhecer um determinado objeto, o PUR, tem sua especificidade assentada na vontade de articular o conhecer a cidade com o intervir na cidade. Segundo Certeau (2008, p.172)(grifo do autor), “planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a *própria pluralidade* do real e dar *efetividade* a este pensamento do plural: é saber e poder articular.”

Dentre as abordagens à díade espaço-sociedade Fortuna (1998) aponta a existência de diferentes vertentes ou posturas epistemológicas em relação à concepção da cidade. A primeira vertente corresponde à inclinação em assentar a objetividade dos estudos urbanos no tratamento do espaço descolado do componente sociedade, resultando na supressão das subjetividades implicadas na relação espaço-sociedade. A segunda vertente, aparece como crítica à primeira e busca abordar a relação espaço-sociedade tendo em conta sua constituição como experiência repleta de subjetividades e multisensorialidade. No PUR, a segunda vertente faz-se presente nas reflexões de Jacobs (2000), Certeau (2008), Santos (1999). Como tradição crítica, estes estudos propõem recuperação das práticas cotidianas como elementos constituintes do que vem a ser chamado de cidade. Resultando na valorização do espaço banal, do cotidiano como *locus* espaço-temporal para a realização de estudos sobre a cidade e a vida na cidade (RIBEIRO, 2005). A valorização das práticas cotidianas tanto como objetos quanto como *locus* de estudos na área PUR assenta-se no entendimento de que a aproximação aos atos da vida cotidiana na cidade contribuiria na compreensão das suas dinâmicas.

regionais, serviços urbanos e regionais, administração municipal e urbana, estudos da habitação, aspectos sociais do planejamento urbano e regional, aspectos econômicos do planejamento urbano e regional, aspectos físico-ambientais do planejamento urbano e regional, serviços comunitários, infra-estruturas urbanas e regionais, transporte e tráfego urbano e regional, legislação urbana e regional (CAPES, 2009).

Permitindo assim, agregar saberes ao repertório da área PUR no cumprimento da articulação entre o compreender e o intervir na cidade. Pois, as transformações sensíveis nos percursos da vida cotidiana na cidade na sucessão de tempos e formas de realizá-los e interpretá-los não falam somente da experiência solitária de pessoas na cidade, mas de traços gerais dos jeitos contemporâneos de organizar-se e interagir socialmente – falam, em última análise, de aspectos do fazer sociedade hoje.

O descompasso entre a cidade projetada pelos planejadores e a cidade vivida pelos indivíduos é a evidência a partir da qual Certeau (2008) critica a racionalidade dos planejadores. A cidade dos técnicos é um modelo que serve à sociedade do controle, trata-se de mecanismos de controle espacializados. Certeau (2008) estabelece como esses mecanismos disciplinares espacializam-se e, principalmente, quais são os mecanismos de oposição, de resistência, elaborados pelos usuários. As práticas cotidianas são táticas dos usuários para resistir à cidade planejada pelo técnico. E estas práticas transformam o lugar em espaço, “o espaço é um lugar praticado (...) assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2008, p. 202). A vida cotidiana é o momento onde acontecem e se evidenciam as práticas de apropriação do lugar transfigurando-o em espaço (CERTEAU, 2008). A partir da discussão do lugar e do espaço, o cotidiano se apresenta como uma terceira categoria, que atende também ao estudo da complexa vida na cidade.

O cotidiano, ou o espaço banal, seria a dimensão onde todos têm a possibilidade de comunicação (SANTOS, 1999). O caráter processual do espaço é evidenciado quando este é pensado juntamente à noção de tempo. Desta maneira, o

espaço enquanto categoria de entendimento pode ser renovado, dando conta assim do movimento do espaço objetivo, a partir do conteúdo que o último contém. Não seria possível falar de espaço sem falar de tempo, pois o tempo contém uma dimensão espacial e o espaço contém uma dimensão temporal, ou seja, o tempo não existe se não espacializado e o espaço existe somente num determinado tempo. Neste sentido a noção de evento é proposta para unir as noções de tempo-espaço a partir da constatação da empiricidade do tempo que consiste na definição “do que existe, em que o que existe é um conjunto de possibilidades a tomar ou a deixar de tomar (...) que apenas alguns atores são capazes de exercer e que são exercidas apenas em certos lugares” (SANTOS, 1999, p. 16). Ao pensar a cidade como evento mostram-se imbricados uma duração que dura no espaço, e um espaço que existe numa duração. Neste lastro, a cidade como evento permite chegar à compreensão da esfera da vida cotidiana como temporalidade onde dura o espaço. O cotidiano seria assim escala temporal onde emerge, a partir das territorializações, o espaço urbano.

Em ambas as vertentes epistemológicas identificadas nos estudos em PUR, as imagens visuais se destacam como fonte para conhecer e técnica para registrar o conhecimento produzido sobre o espaço urbano. O uso das imagens visuais aparece ainda como prática consagrada nas trajetórias das ciências da natureza e das humanidades. A emergência das imagens visuais como registro e procedimento científico para atingir o conhecimento sobre um objeto de reflexão assentou-se na atribuição à imagem da capacidade de retratar objetivamente o objeto de reflexão. Nas ciências da natureza, as imagens apareceram inicialmente sob forma de ilustrações, na geografia sob forma de mapas e cartogramas. Dentre as humanidades, na história da arte e da antropologia, as imagens também passaram a

ser utilizadas, sendo que a última é apontada com precursora nas ciências humanas na utilização dos fatos vistos e registros visuais destes fatos como procedimento para conhecer e registrar o conhecimento produzido a partir do objeto de reflexão, através de observações, ilustrações, passando pela fotografia e chegando na utilização de filme e vídeo (MENESES, 2003). Da utilização das imagens visuais como forma eficaz de reproduzir fielmente o objeto observado, premissa sob a qual se assentou a utilização destas como documentos científicos, emergiu a tendência em privilegiar, dentre os aspectos da experiência urbana cotidiana, os aspectos visuais (FORTUNA, 1998).

Se através do olhar é possível especular sobre a dimensão e as características de um certo espaço, através da escuta dos sons de um determinado lugar é possível também chegar à elaboração de proposições sobre o mesmo. Nessa pesquisa, trabalha-se com o pressuposto de que a apreensão do lugar através do som pode ser pensada tanto na dimensão da prática cotidiana – ou seja, como ação corriqueira na vida das pessoas na cidade, quanto como procedimento para conhecer cientificamente certo espaço e práticas ali efetivadas.

Na vida cotidiana, ao experienciar os sons da cidade, os indivíduos lhes atribuem sentidos, e, assim, esses sons passam a integrar e atuar na significação das suas trajetórias. Os sentidos atribuídos pelas pessoas aos sons da cidade são relacionais. O ambiente acústico é integrado por uma sucessão constante de sons literalmente sem sentidos (MARTIN, 1995). Isto não implica em incompatibilidade entre sons e sentidos, mas destaca a inexistência de sentidos intrínsecos aos sons. O que ocorre é que são as pessoas que conferem sentidos aos sons (WISNIK, 2006). Seja atribuindo-lhes características emotivas como sons de felicidade ou sons

melancólicos; seja vinculando-os a locais como som da praia; seja a atividades como sons do trabalho; ou ainda atribuindo-lhes valores como barulho do trânsito. Propõe-se aqui a compreensão da escuta dos sons da cidade e a atribuição de sentido a estes sons como práticas cotidianas que, como o conjunto destas, constituem fazeres sociais. Pois mesmo ações mais individuais dialogam, não necessariamente no sentido de aderir, se não com conhecimentos prévios ao menos com a contextualização espaço-temporal das mesmas. Assim a escuta, mesmo sendo um ato solitário, seria também um acontecer social (RIBEIRO, 2005).

Se na cidade há som, resta indagar: os sons da cidade são escutados por quem vive e faz a cidade? E mais, dentre os variados habitantes de cidades, os pesquisadores interessados em articular o conhecer com o intervir na cidade, escutam os sons urbanos, se interessam em tratar, estudar esses sons?

As idéias expostas até este ponto conduzem à delimitação da experiência humana marcada pela ininterrupta companhia dos sons, e encaminham à possibilidade de conhecer a cidade através dos seus sons. Em decorrência, pode-se conjecturar que os sons, sejam estes projetados e/ou escutados na cidade, são fenômeno empírico com potencial para serem tratados como objeto de reflexão científica em estudos interessados nas questões urbanas, dentre eles o da área PUR.

Ao lançar olhar sobre estudos onde a cidade aparece como tema de reflexão, extrapolando assim o espaço da área PUR, pode-se verificar casos onde os sons urbanos são explorados e problematizados desde distintos enfoques, sendo tratados e enunciados como paisagens sonoras, poluição sonora, ruídos, sons e música.

Pontua-se que os sons são também objeto de reflexão recorrente em estudos onde as questões urbanas e as cidades não figuram nem como foco, nem como plano de fundo das investigações. Áreas do conhecimento como a música, a física, as engenharias, a medicina interessam-se em estudar os sons, sem necessariamente relacioná-los com a cidade (BAUER, 2002).

Se por um lado identifica-se a presença do fenômeno sonoro como objeto de estudo tratado por várias áreas do conhecimento e enunciado de formas também variadas, por outro, não é possível afirmar serem os sons tema de estudo freqüente e comum. Se tomada como temática de pesquisa concernente às ciências sociais – tanto puras quanto aplicadas, identifica-se que os sons são objeto de reflexão ao qual diz-se haver pouca exploração.

Se a cidade soa e ressoa, será que a Sociologia e as restantes Ciências Sociais a ouvem? Num primeiro momento a resposta é negativa. A regra parece ser a de que a Sociologia e a generalidade das Ciências Sociais quando se debruçam sobre a cidade revelam-se surdas. (FORTUNA, 1998, p. 23)

Assim, partindo do pressuposto que os sons são parte constituinte da cidade e da experiência urbana, e que ao assim serem reconhecidos também são temática de pesquisa concernente à área do conhecimento PUR, e, tendo em conta que os sons são tema ainda pouco explorado, buscou-se mapear as formas de presença dos sons da cidade no conhecimento produzido pelo campo PUR. Esta dissertação, portanto, versará sobre como são estudados os sons da cidade na área PUR, buscando refletir e evidenciar possibilidades de pensar a cidade e a vida na cidade a partir dos sons do ambiente urbano.

Para estudar a presença da temática sons nos estudos sobre a cidade especificamente nos estudos do PUR foi necessária uma revisão e explicitação de modos básicos e muitas vezes naturalizados do fazer científico dessa área. Discute-se, assim, desde a eleição de veículos privilegiados para o registro e divulgação do conhecimento na ciência em geral e nos estudos em PUR em específico, até aspectos do processo de consolidação do PUR no campo científico brasileiro e do contexto em que esse ocorre.

É importante mencionar que o presente trabalho resulta de um duplo esforço: de um lado, um esforço para aproximar-se e apropriar-se da área PUR de modo mais amplo; de outro, de pesquisar em que medida e como os sons são uma temática presente nos estudos sobre a cidade e, em especial nos estudos em PUR. Foi parte integrante deste trabalho, portanto, a busca pela construção de uma estratégia para aproximar-se a esses dois aspectos e para analisá-los. A estratégia construída ao longo desta pesquisa correspondeu, em grande medida, a uma análise de fundo de aspectos muitas vezes considerados dados ou óbvios da produção científica (BACHELARD, 1996; BOURDIEU, 2007; BECKER, 1999). Tais como a construção do entendimento do PUR como uma área do conhecimento, de suportes utilizados para registrar e divulgar o conhecimento produzido, da existência de um espaço no campo científico ocupado pelos estudos específicos do PUR. Isso aconteceu devido ao fato de que foi possível verificar que a inicial inexpressividade da temática sons nos estudos sobre a cidade poderia estar relacionado à motivos epistemológicos.

Ver-se-á, neste trabalho, como o silêncio presente nos trabalhos acadêmicos acerca dos sons na cidade (FORTUNA, 1998) está relacionado a um amplo e

complexo contexto social e científico (SIMMEL, 1976; ELIAS, 2006), pautado por um determinado entendimento dominante de ciência e de objetividade que favoreceu a supervalorização do sentido visual como meio de conhecimento e de percepção do mundo (LYNCH, 1997; CERTEAU, 1998), em detrimento dos outros – audição, tato, olfato e gustação. Fazer ciência, nesse contexto epistemológico, equivalia a ser objetivo; e ser objetivo, a tratar essencialmente de coisas visíveis. Foi apenas quando começa a emergir um novo contexto epistemológico (JACOBS, 2000; SANTOS, 1999; RIBEIRO, 2005), pautado por outros valores e por uma revisão da idéia de objetividade, que os sons emergem como temática existente na cidade e como objeto de estudo relevante e passível de análise científica.

Assim, foram pressupostos da realização desta pesquisa: (1) que os sons são objeto de reflexão do conhecimento científico em geral, e em particular do planejamento urbano; e (2) que o planejamento urbano pode ser tratado como área do conhecimento ao qual corresponde um conjunto de conhecimento científico específico, por mais que essa formulação não seja consenso (PIQUET *et al*, 2005), conforme veremos posteriormente. Portanto, nessa pesquisa, a delimitação dos sons da cidade como objeto de reflexão e do planejamento urbano como área do conhecimento, são tomadas como dimensões conceituais que precedem a busca pelo entendimento de como se dá a participação da temática sons da cidade no PUR brasileiro.

Foram formuladas duas indagações como estratégia para orientar a pesquisa: (1) No planejamento urbano brasileiro, os sons da cidade figuram como objetos de reflexão?; e (2) Como são enunciados os sons da cidade nos trabalhos vinculados à área do conhecimento PUR? Estas indagações nortearam a organização da

presente dissertação e, por isso, dão a ver dimensões conceituais que tanto integram o quadro referencial no qual se formula a problemática quanto definem, em momento posterior, a realização empírica da pesquisa. A primeira indagação traz como conteúdo subjacente um informe sobre a situação inicial deste trabalho, momento no qual não era evidente, ou talvez, não era possível nem qualificar nem localizar a presença dos sons como objeto de reflexão ou temática de estudo estabelecida e consolidada na área PUR. Enquanto que, na segunda questão, demonstra-se o interesse em estudar as formas de tratar o fenômeno sonoro nos trabalhos da área, independentemente dos sons figurarem como objetos de reflexão ou temática estabelecida e/ou consolidada no PUR brasileiro - pois foi pressuposto que, mesmo que os sons não fossem o foco principal dos trabalhos, eles poderiam aparecer, em alguma instância, na prática do conhecer.

Estrutura da Dissertação

Esta dissertação está dividida em três capítulos seguidos de considerações finais. No capítulo **2. SOBRE CIDADE, PLANEJAMENTO URBANO e SONS** são apresentadas as bases teóricas, das quais se lança mão, para problematizar as maneiras de tratar os sons da cidade observadas no Planejamento Urbano e Regional brasileiro. Parte-se da emergência da cidade como objeto de reflexão sistematizada como indício de mudanças no paradigma de ciência vigente e na experiência cotidiana, que passa a ser caracterizada pela intensificação dos estímulos sociais. Tendo a cidade industrial (CHOAY, 2007) como gatilho para uma série de problemas sociais e de organização do espaço, vê-se o aparecimento inicialmente de uma racionalidade urbanística (CERTEAU, 2008) e posteriormente de um campo do saber orientado para a proposição de soluções aos problemas

urbanos (CHOAY, 1988). Ainda neste capítulo refere-se ao percurso que culminou com a delimitação de um entendimento de cidade onde esta é apreendida e representada como objeto visto de longe e de cima, colaborando assim, no lançamento e reiteração de bases epistemológicas para a consolidação das imagens visuais (CERTEAU, 2008), especialmente as caracterizadas pela forma da perspectiva clássica, como forma realista de conhecer e representar o mundo recorrente tanto nas ciências quanto na vida cotidiana (MENESES, 2003). A elaboração de uma crítica em relação à visão da cidade destituída dos movimentos pequenos e dos componentes sensíveis do cotidiano (JACOBS, 2000; SANTOS, 1999; CERTEAU, 2008), decorrente da apreensão desta por um olhar distante, aliada ao reconhecimento das imagens visuais como elementos participantes das sociabilidades urbanas (SIMMEL, 1996), conformam-se como cenário favorável para o estudo dos componentes sensíveis da cidade outrora negligenciados, a saber tato, olfato, gustação e audição. Compreende-se que se insere nesse contexto a emergência da noção de paisagem sonora (SCHAFER, 2001), que visa simultaneamente evidenciar a constituição sonora do mundo e conscientizar da necessidade da limpeza do ambiente sonoro atual. Recorre-se a noção de paisagem e a atitude blasé de Simmel (1996; 1976), às práticas cotidianas de Certeau (2008), para revisar e problematizar a paisagem sonora de Schafer (2001). Posteriormente, apresenta-se discussão dos modos de produção e divulgação de conhecimento em PUR, realizando um percurso que perpassa pelo entendimento de que a ciência é uma prática social historicamente situada (ELIAS, 2005), e de que as áreas do conhecimento são fruto de uma construção, e não algo dado (BACHELARD, 1996; BOURDIEU, 2007), chegando por fim a delinear especificidades desse campo do

saber a partir da existência do PUR como campo institucionalizado na universidade e nas agências de fomento.

O capítulo **3. SONS DA CIDADE NOS TEXTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL BRASILEIRO**, porta de entrada à dimensão empírica do presente trabalho, consiste em exposição dos critérios utilizados para escolha das fontes pesquisadas e descrição dos dados coletados nas dissertações, teses e anais de eventos da área de estudos PUR. Partindo do entendimento de que a metodologia deva ser um estudo que viabilize a pesquisa de um objeto ou um problema de estudo específico, passou-se ao questionamento de como pesquisar as formas de participação da temática sons da cidade no PUR brasileiro. É aqui, portanto, onde se inicia a elaboração de um método adequado ao tratamento do objeto desta dissertação. Considerando que o objeto de pesquisa é um dado construído – tanto quanto a questão que incita a construção do primeiro – e não um dado de natureza (BOURDIEU, 2007) e que o processo de construção deste dado também pretende realizar-se a partir de um conjunto de critérios estabelecidos pelo pesquisador são referidos neste capítulo, os passos para a construção de um recorte do conhecimento em PUR. O percurso traçado para acessar as formas de participação dos sons da cidade na área do conhecimento PUR deu-se em forma de transição do que se reconhecia como objeto teórico para um objeto empírico de pesquisa. Para cumprir com tal objetivo, foram delimitados de maneira simultânea um recorte espaço-temporal e um entendimento de conhecimento científico a ser pesquisado. A delimitação do objeto de pesquisa foi norteada, portanto, pela definição de qual produção do PUR brasileiro seria tratada e de quais os meios de circulação mais representativos da mesma.

A análise das formas de presença dos sons no PUR é realizada e expressa no capítulo **4. sentidos dos sons** , através da manipulação das unidades de análise coletadas nos anais do XIII ENANPUR. Neste momento são apresentadas as três etapas de codificação dos trechos de texto coletados, além da análise desses quanto aos sentidos vinculados às palavras-chave e aos seus posicionamentos em relação à temática sons da cidade.

Por fim, retorna-se ao problema de pesquisa inicialmente colocado reposicionando-o e requalificando-o à luz dos apontamentos oriundos da análise dos dados.

2. SOBRE CIDADE, PLANEJAMENTO URBANO E SONS

2.1. VIDA NA CIDADE, TRANSFORMAÇÃO NAS RACIONALIDADES E NO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A aparição da cidade como objeto de estudo da ciência guarda relação com o papel que esta passou a ter em termos de ocupação do espaço no escopo da sociedade industrial, nos séculos XVIII e XIX. Segundo Choay (2007, p.1), “A sociedade industrial é urbana. A cidade é o seu horizonte. Ela produz as metrópoles, conurbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais”. Pode-se dizer, neste sentido que, a existência da cidade industrial e os acontecimentos que tem esta como palco são o contexto no qual a cidade e sua organização passaram a ser objetos de reflexão sistematizados. Não se está afirmando que, anteriormente à cidade industrial não tenham sido realizadas reflexões sobre a cidade e o estar na cidade, apenas se está salientando que quando a cidade industrial não era, ainda, uma existência, não era também possível estudar este evento.

As transformações na forma de ocupar o espaço que caracterizam a cidade industrial decorrem de uma intensificação de diferentes aspectos já existente nos modelos anteriores de cidade. Estes aspectos, vinculados às formas de sociabilidade e ocupação do espaço, ao serem intensificados não resultam apenas num e de um aumento escalar, mas na feitura de novas formas de estar, viver, pensar e fazer a cidade. Existe uma racionalidade própria de quem vive na cidade, que segundo Simmel (1976), é marcada pela constante iminência de mudanças e pela presença volumosa de estímulos sociais. Há uma racionalidade urbanística antecedente à cidade tanto como conceito quanto como fato histórico isolável

(CERTEAU, 2008). De maneira análoga ao que se identifica com a aparição de uma racionalidade urbanística, as práticas urbanísticas, ou seja, a efetivação de ações visando a resolução de problemas identificados na empiria da cidade, antecedem a criação do termo que sintetiza o conjunto dessas práticas, a saber urbanismo (CHOAY, 1988). A proeminência da cidade como lugar de viver promove e é promovida pela emergência de modos de fazer e pensar característicos. Na experiência cotidiana urbana, a racionalidade urbanística vai simultaneamente destacando elementos para a composição de imagens, entendimentos da cidade, e sendo alimentada por estas mesmas imagens e entendimentos possíveis a partir da vida na cidade. Paradoxalmente ao lugar de onde emerge – o espaço urbano que tem como duração a vida cotidiana (SANTOS, 1999) –, a racionalidade urbanística acaba por levar à consolidação do fenômeno cidade como objeto visto de longe e de cima, em detrimento de um entendimento pautado por outros sentidos ou por uma vista de perto, de dentro.

A imagem de cidade como algo visto de fora e de cima, verificadas em pinturas, fotografias, cartogramas, mapas, informam sobre a centralidade ocupada pelo olhar, e por uma forma específica de olhar no processo de construção de um entendimento do fenômeno cidade. Nessas imagens, registradas primeiramente através de pinturas, desponta uma sugestão de como deveria parecer uma cidade quando olhada do alto. Pois, se ver a cidade de cima não podia concretizar-se como experiência vivida, foi possível concretizá-la como experiência fruída. Há, em certa medida, uma invenção de uma imagem da cidade que se caracteriza por ser apreendida de longe e de cima, e que para tal, tem como prerrogativa um distanciamento dos movimentos pequenos das ruas, dos transeuntes, do que se capta da cidade ao estar em suas ruas.

A vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la. As pinturas medievais ou renascentistas representavam a cidade vista em perspectiva por um olho que no entanto jamais existira até então. Elas inventavam ao mesmo tempo a visão do alto da cidade e o panorama que ela possibilitava. (CERTEAU, 2008, p.170)

A técnica denominada perspectiva clássica, iniciada na pintura medieval e intensificada no renascimento, meio pelo qual se saciou a vontade de ver, assentava-se na premissa de representar realisticamente o mundo. Esta técnica logrou saciar a vontade de ver o panorama da cidade pois ela era tida como representação realista da vista da cidade. Ao ser tomada como forma realista de representar o mundo, a vista panorâmica da cidade e a possibilidade de olhar a cidade onde se vive de longe, inauguram uma nova forma de pensamento e entendimento do fenômeno urbano distinta da experiência possibilitada quando se está dentro da cidade. Onde em detrimento de um olhar mais abrangente, perde-se na visibilidade do movimento característico da vida cotidiana.

Essa crescente centralidade do olhar como forma de apreensão, observada em relação ao registro da cidade na pintura, não foi um processo isolado, mas exemplo de forma prevalente na sintetização do que do mundo se apreendia e compreendia. A sobre-valorização da perspectiva clássica como modo de apreensão e representação realista do mundo foi naturalizada chegando, no contexto da revolução científica, a ser considerada técnica objetiva para o registro do conhecimento, “particularmente no que diz respeito à representação do espaço e às teorias ópticas” (MENESES, 2003, p.13). No período correspondente ao século XVII, no campo do saber, formas de conhecer e pensar menos científicas deram lugar a formas mais científicas (CERTEAU, 2008; ELIAS, 2006). Observou-se o surgimento de novas categorias de pensamento e também a transformação do conteúdo de categorias já existentes, como o caso da categoria natureza, que ampliou e tornou

possível a problematização de fenômenos até então não reconhecíveis. Segundo Elias (2006)

O pensamento transformava-se, passando do estágio em que se tratavam todas as regularidades como fatos da “natureza” para uma etapa na qual se afirmava claramente o caráter especial dos fenômenos econômicos. Entretanto, a mudança era lenta, como também o era a transição de uma fase em que o bem-estar dos homens parecia depender fundamentalmente da ordem natural para outra na qual se concebia o bem-estar em termos clara e inequivocamente sociais. (p.178)

No que tange ao desenvolvimento das áreas do conhecimento, nota-se que as ciências naturais precederam temporalmente o desenvolvimento das ciências da sociedade, visto que enquanto a primeira já estava consolidada no século XVII com a revolução científica, a segunda e o próprio conceito de sociedade, estava em desenvolvimento no final do século XVIII (ELIAS, 2006). No escopo das ciências da natureza, buscavam-se explicações para os fenômenos naturais que fossem além das vontades e leis divinas. Assim, os cientistas ocupavam-se em buscar identificar e definir as leis da natureza. Uma vez identificadas as leis que regiam os fenômenos, estas passavam a ter o status de normas. De maneira geral, o nascente conhecimento científico caracterizava-se por ser laico e normativo. Laico por buscar explicações outras que as bíblicas e normativo por determinar como os fenômenos sociais e naturais deveriam acontecer.

É a partir do entendimento da existência de leis independentes das vontades dos governantes e de divindades que é impulsionada a busca pela compreensão das leis da natureza. Posteriormente, este processo se estende à sociedade, em um movimento que importou o modelo de entendimento de busca de leis naturais para a busca das leis sociais. É a partir do entendimento da existência de leis independentes das vontades dos governantes e de divindades que é impulsionada a

busca por compreensão das leis da natureza e posteriormente da sociedade. A sucessão das buscas pelas leis da natureza e da sociedade foi marcada pela importação do modelo de entendimento da primeira sobre a segunda. Ou seja, o paradigma das ciências da natureza foi importado para as ciências da sociedade (ELIAS, 2006). Efeitos de tal fato ainda hoje podem ser observados atuando como obstáculo epistemológico nas ciências sociais (BECKER, 1999; BOURDIEU *et al*, 2007).

Da mesma maneira que aspectos sociais foram passíveis de serem problematizados a partir da negação da idéia de lei divina governando o mundo, o conhecimento científico foi se modificando, tornando possível o tratamento de fenômenos antes tidos como insignificantes e aos quais não era conferido o status de existente. Abordar a trajetória do conhecimento científico desde as abordagens pré-científicas até as mais científicas como um processo social dá visibilidade à transformação das racionalidades, e ao papel central que esta transformação ocupa no processo de desenvolvimento do saber. No que tange à racionalidade urbanística, ressalta-se que esta lançou as bases sobre as quais foi possível emergir, no século XIX, o urbanismo.

A partir da existência da cidade industrial, a centralidade do olhar na apreensão do mundo (FORTUNA, 1998; MENESES, 2003), as mudanças profundas nos modos de vida, de pensamento, de habitação, de trabalho, de relações de trabalho (SIMMEL, 1976; ELIAS, 2006), e, os atos efetivados sobre a cidade, ou seja, as intervenções urbanísticas, passaram a dar forma e conteúdo a um processo que culminou com o estabelecimento de uma nova área do conhecimento, uma nova disciplina que passou a estudar – e neste contexto, a normatizar – sobre as

intervenções na cidade (CHOAY, 2007). Assim é delimitada a área do conhecimento urbanístico.

Em consonância com as características da produção científica da época, os modelos e teorias inaugurais do urbanismo respondiam à questões emergentes da práxis, eram normativos, e assentavam seu objetivismo, condição para ser reconhecido como ciência legítima, na supressão de aspectos ligados ao subjetivo, às emoções e as formas de vivenciar sensitivamente a cidade. Percebe-se, portanto, que o estudo do fenômeno cidade dialogou com o desenvolvimento do conhecimento científico da época. Tal diálogo, de certa forma, determinou alguns aspectos do nascente urbanismo como ciência. Assim, pode-se dizer que o recorte ao fenômeno cidade realizado pelos primeiros urbanistas era ao mesmo tempo fruto e gerador de uma concepção de ciência da época onde a função normativa instaurava-se como fator legitimador da ciência, e onde a imagem assentava-se como forma legítima para tratar e representar o espaço.

No nascente conhecimento urbanístico, os percursos perpassados na busca por conhecer cientificamente imprimiram distinções nas práticas, fazendo emergir tradições nacionais variadas. Aponta-se, portanto, que o processo de consolidação do urbanismo como ciência ocorreu de forma desigual nos distintos contextos nacionais da Europa do século XIX. Ainda na primeira metade desse século, na França, engenheiros ligados a movimentos utópicos começam a refletir sobre as intervenções realizadas na cidade. Posteriormente, entre os anos 50 e 60 do século XIX, Paris passaria por uma série de intervenções com ênfase no saneamento, embelezamento e melhoria no sistema de circulação da cidade. Estas intervenções, conhecidas pelo nome de haussmannização, passaram a ser influentes “com difusão

nacional e internacional da Paris de Haussmann e de seus engenheiros” (PICON, 2001, p.67). Assim, Paris passou a ter o status de modelo de cidade capital, e as intervenções propostas por Haussmann e sua equipe passaram a ser vistas como modelo para posteriores intervenções urbanísticas. No entanto, a intervenção realizada em Paris não foi caracterizada por escolhas embasadas por critérios científicos, o que naquele período significava ter como fundamento leis que diziam do funcionamento da cidade. O passo em direção à reflexão e sistematização de forma científica dos feitos realizados nas ocasiões de intervenções das cidades foi dado em outro contexto nacional, na Espanha, onde Cerdá, após realizar intervenção em Barcelona, e tendo conhecimento das intervenções haussmannianas em Paris, escreve obra que propõe o surgimento de uma disciplina.

Do latim *urbs* (cidade), este termo recente tem por base o neologismo espanhol *urbanización*, criado em 1867 pelo engenheiro-arquiteto espanhol Ildefonso Cerdá, em sua *Teoría general de la urbanización*, para designar uma disciplina nova: a ciência da organização espacial das cidades: “Vou introduzir o leitor no estudo de uma matéria completamente nova, intacta e virgem. Como tudo aí é novo, precisei procurar e inventar nomes novos para exprimir idéias novas cuja explicação não se encontrava em nenhum léxico”. (...) A revolução concluída por Cerdá não é contingente. Ela não surge *ex nihilo*. Por um lado, é indissociável da revolução industrial, por seus efeitos imediatos sobre o meio urbano e como mutação histórica. Por outro, resulta de uma démarche mental veiculada ao mesmo tempo pela tradição utopista e pelo positivismo do século XIX. O projeto de Cerdá, visando a elaboração de uma ciência do arranjo do espaço humano, nasceu de fato de sua vontade de fundamentar sua intervenção de praticante em Barcelona (plano de extensão da cidade). A especificidade de sua démarche pode ser melhor compreendida quando a comparamos àquela, contemporânea, de Haussmann – cujos “grandes trabalhos” (1853-1869), aliás, suscitarão a admiração do engenheiro espanhol. (CHOAY, 1988) (grifo nosso)

Em seguida ao momento histórico em que o urbanismo destaca-se como área do conhecimento (CHOAY, 1988), e a cidade passa a ser objeto de reflexão sistemática (VELHO, 1995), verifica-se no âmbito das ciências sociais a emergência de reflexões sobre a experiência cotidiana urbana e as racionalidades próprias desta

experiência, destacando-se neste sentido aqui os trabalhos de Simmel (FORTUNA, 2003).

As possibilidades de apropriação dos lugares no cotidiano incluem aspectos sensitivos como o olfato, a visão, a audição, o tato e o paladar. No entanto, esses aspectos costumam ser secundarizados no estudo da contemporaneidade (FORTUNA, 1998), o que por um lado fala sobre a sobrevalorização atribuída ao visual na vida mundana, e por outro da orientação epistemológica dos que atuam no âmbito acadêmico. Conforme Fortuna (1998), um dos pressupostos sob os quais as ciências sociais fundam seu objetivismo consiste na marginalização dos sentidos e das subjetividades, sendo que, mesmo nas abordagens sociológicas atentas aos sentidos e subjetividade, a dimensão sonora é pouco explorada e apresentada sob suspeita. Logo que:

Na Sociologia, mesmo nas vertentes mais relativistas e mais abertas ao reconhecimento do elemento sensível e emocional, esta inferiorização da variável sonora e auditiva encontra-se legitimada na contribuição influente desse fundador da disciplina que foi Georg Simmel. (FORTUNA, 1998 p. 23)

Simmel (1998 *apud* FORTUNA, 1998), mesmo duvidando da extensão das competências explicativas das sonoridades sobre as situações sociais das quais estas emergem, não encerra esta possibilidade. Antes disto, ele deixa-a em aberto.

(...) paradoxalmente ao mesmo tempo em que se mostra adepto da frágil capacidade explicativa que o sentido do ouvido fornece sobre a construção social, Simmel, admite que a partilha de um mesmo ambiente sonoro (uma audição ou espetáculo musical, por exemplo) pode promover o sentimento particular de “coletividade”, mesmo quando a consciência de sua “unidade” assente em meios sonoros e auditivos, se revele bem mais abstracta do que a conseguida em torno da comunicação oral direta e da fala (SIMMEL, 1981, p. 234 *apud* FORTUNA, 1998, p. 25)

2.2. IMAGENS DA CIDADE E SOCIABILIDADES URBANAS

Para Simmel (1996), as visões de mundo oriundas da arte fazem-se presentes e passam a ser parte integrante das sociabilidades urbanas, tanto na dimensão da vida ordinária quanto da vida acadêmica. Ao superar a visão da arte como esfera descolada do social, torna-se possível “entender as imagens como coisas que participam das relações sociais e, mais que isso, como *práticas materiais*” (MENESES, 2003, p. 45) (grifo do autor). Neste arranjo, a imagem-paisagem como forma artística de praticar o espaço e a “consciência de ver uma ‘paisagem’” (SIMMEL, 1996, p.15) como experiência vivida são ambas entendidas como indícios da presença e da participação da arte nas sociabilidades urbanas.

Efetivamente, a vida empírica, que de certa maneira não tem princípio, contém em permanência amostras e elementos dessas formações que, partindo daí, vão se elevar a um nível de desenvolvimento autônomo, cristalizado em torno de uma única idéia própria. (SIMMEL, 1996, p.18)

A paisagem consiste em um tipo de imagem onde se realiza, através do olhar, enquadramento da experiência vivida. Sendo que este enquadramento resulta por um lado na seleção de elementos para a composição da paisagem e, por outro, na rejeição de outros elementos que são deixados de lado. Em suma, a paisagem é resultante de um olhar seletivo. Esse olhar, que enquadra o mundo e o destaca sob forma de uma unidade, a paisagem, é entendido num sentido mais amplo do que a operacionalização da competência de ver. A paisagem que o olhar recorta resulta sim da competência de ver, mas é resultado também de um sentir (SIMMEL, 1996). Sendo que ambas instancias, ver e sentir, remetem às moventes práticas cotidianas (CERTEAU, 2008) e ao espaço banal (SANTOS, 2000). E posicionam a paisagem como ato que se realiza empiricamente, e que ao fazê-lo simultaneamente aciona e

dá conteúdo empírico à formação autônoma e externa, neste caso, a idéia paisagem.

Do entendimento das imagens como constituintes da experiência urbana, para o momento em que estas imagens passaram a ser utilizadas como fontes em estudos interessados em compreender a cidade, houve um distanciamento temporal. É apenas a partir da segunda metade do século XX que as imagens visuais passaram a figurar nesses estudos como fontes, e não mais como meras ilustrações. Neste lastro, outros aspectos sensitivos da experiência cotidiana vieram a ser destacados como conformadores de imagens participantes da fruição de um pedaço do mundo compreendido como uma unidade, como paisagem. Imagens vistas, imagens escutadas, imagens cheiradas, imagens sinestésicas são exemplo de práticas cotidianas que passam gradativamente a ser consideradas como objetos de estudo ou fontes de dado. Dentre estes estudos emerge, entre as décadas de 60 e 70 do século XX, a noção de paisagem sonora⁴ que resulta de “eventos *ouvidos* e não em objetos *vistos*” (SCHAFER, 2001, p.24)(grifo do autor). A invenção da noção de paisagem sonora propõe-se a viabilizar a apreensão sistematizada da dimensão audível de um lugar. Segundo Schafer (2001), autor que formulou essa noção, pensar o conjunto de sons do ambiente urbano enquanto paisagem sonora tornou-se possível a partir da ampliação dos sons na vida social, quantitativa e qualitativamente, gerada pelas técnicas e tecnologias que remetem à Revolução Industrial. Cabe ressaltar aqui, que o posicionamento de Schafer, de que o surgimento da noção de paisagens sonoras é favorecido por mudanças quali ou quantitativas no objeto de estudo, podem ser problematizado e confrontado com as transformações no cenário acadêmico e intelectual, o as transformações no

⁴ No original *soundscape*.

paradigma de ciência anteriormente referidas, que favoreceram num determinado momento a apreensão dos sons - que já existiam como realidade vivida – como objetos de reflexão.

Tendo em vista que a paisagem é tomada como imagem que participa de maneira intensa das sociabilidades urbanas, ao estender à paisagem sonora o status de imagem, lança-se bases para o tratamento dos sons de um lugar parte integrante e, como tal, influenciadora da experiência cotidiana na cidade. Se por um lado, em relação à paisagem pode-se afirmar que o reconhecimento desta como imagem do mundo atuante na vida cotidiana encontra-se estabelecido (SIMMEL, 1996), em relação à paisagem sonora este reconhecimento além de ser recente não está tão amplamente difundido seja no âmbito acadêmico seja na vida cotidiana. Pois não parece haver a compreensão de que se possa fruir uma paisagem sonora assim como se frui uma paisagem. Quiçá em decorrência da importância conferida para a visão como forma de apreensão do mundo em detrimento de outros sentidos (FORTUNA, 1998), da naturalização da perspectiva clássica e de mapas como formas fiéis de representar e registrar o mundo e seu espaço (CERTEAU, 2008; MENESES, 2003), os sons não tenham sido destacados como aspecto integrante das sociabilidades urbanas, mesmo frente à presença constante destes na experiência urbana cotidiana.

A noção de paisagem sonora distancia-se em sua definição da noção de paisagem, mas não somente por ser construída através de sentidos díspares, respectivamente audição e visão. Enquanto a paisagem se define a partir da escolha de elementos dados no espaço para compô-la como unidade, a paisagem sonora de Schafer constitui-se como conjunto de sons ouvidos num determinado lugar.

“Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio, ou mesmo um ambiente acústico como *paisagens sonoras*” (SCHAFER, 2001, p. 23)(grifo do autor). A paisagem sonora é, portanto apresentada menos como o resultado de um enquadramento vinculado a um sentimento de paisagem partilhado e mais como resultado da experiência sensível auditiva de estar em um lugar.

A noção de paisagem sonora define a audição como sentido mais permeável que a visão e que, em decorrência, permite uma seletividade menor. Os ouvidos são entendidos como mais suscetíveis a estímulos do que os olhos. Neste sentido, pode-se dizer que existem singularidades da escuta como maneira de vivenciar, construir e significar realidades na vida cotidiana na cidade. E, acerca da especificidade do sentido da audição, salienta-se que “o sentido da audição não pode ser desligado a vontade. Não existem pálpebras auditivas.[...] a única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis” (SCHAFER, 2001, p.29). Há portanto caracterização dos ouvidos como órgãos mais suscetíveis a estímulos do que os olhos. Pois, enquanto com os olhos pode-se focalizar a atenção em um objeto em prejuízo a outros e pode-se fechar-os deixando então de ver, com o ouvido não só inexistente a possibilidade de focar um objeto como não existem pálpebras. Cabe ressaltar, no entanto, que a necessidade de focar em um objeto deixando de considerar outros tantos é característica do viver na cidade grande.

A essência da atitude blasé consiste no embotamento do poder de discriminar. Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasé num tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre o outro. Esse estado de ânimo é o fiel reflexo subjetivo da economia do dinheiro completamente interiorizada. (SIMMEL, 1976, p. 18).

A atitude blasé ao assentar-se na presença quantitativamente intensa de estímulos nervosos, em oposição à vida na pequena cidade, e ao carregar como essência o “embotamento do poder de discriminar” (SIMMEL, 1976, p.18), contribui para a compreensão dos sons da cidade. Através da consideração da atitude blasé tomada como resposta dos indivíduos à densidade de possibilidades relacionais no ambiente urbano aliada a características singulares da escuta, pode-se ressaltar a dimensão sonora como constituinte inseparável e significativa da vida na cidade. Propõe-se então falar da escuta como um sentido receptor de uma grande densidade de estímulos, aos quais muitas vezes as pessoas mostram-se indiferentes. Isto se evidencia, nos casos em que mesmo em ambientes sujeitos a toda sorte de ruídos, num bar, por exemplo, as pessoas utilizem suas capacidades de focarem-se em apenas alguns destes, como na situação de uma conversa. A focalização necessária para a escuta de apenas algumas sonoridades constituidoras de determinada situação social implica na discriminação de outros tantos sons.

Ao considerar sonoridades como integrantes do dia-a-dia na cidade, e, a audição enquanto possibilidade de efetivar a experiência urbana é possível conceber a escuta como prática cotidiana (CERTEAU, 2008). Desta maneira, as pálpebras auditivas psicológicas pensadas por Schafer (2001) caracterizam-se como atitude blasé performatizada através da prática cotidiana da escuta. Ou seja, estas possibilitam que as pessoas ajam de maneira seletiva frente aos muitos estímulos sonoros que produzem e aos quais estão expostas. Em decorrência, pode-se falar em paisagem sonora, diferentemente do que conceituou Schafer (2001), como resultado de uma escolha de um enquadramento dos sons de um lugar, da mesma maneira que ocorre com o enquadramento da paisagem, através do olhar, de uma experiência vivida (SIMMEL, 1996).

Porém, a cidade de meados do século XIX e do século XX onde emerge a atitude blasé, guarda diferenças com a cidade do agora, início do século XXI, tanto em termos qualitativos quanto em termos quantitativos. Estas diferenciações resultam de, e resultam em, transformações na escala da cidade, na densidade de habitantes e de estímulos sociais e sensíveis, nas formas de morar, de relacionar-se com os vizinhos, de percorrer a cidade e, do que se vê, se ouve. Não obstante, os estímulos nervosos experienciados na cidade de antes encontram-se amplificados na cidade de agora, permitindo a atualização da atitude blasé como estratégia para estar na cidade ao longo do desenrolar da vida cotidiana, onde a cidade é espaço vivido, experienciado, significado, pensado, planejado, modificado. A luz da presença da atitude blasé como característica da racionalidade urbanística pode-se utilizar-se desta como elemento para explicar a permanência da compreensão da cidade como fenômeno visto de longe e de cima nos estudos que visam conhecer e intervir na cidade através do planejamento urbano. Haja visto que, na atualidade, a perspectiva permanece como forma corrente de olhar tanto para apreender quanto para intervir na cidade, conforme citação abaixo.

O olho totalizador imaginado pelos pintores de antanho sobrevive em nossas realizações. A mesma pulsão escópica freqüenta os usuários das produções arquitetônicas materializando hoje a utopia que ontem era apenas pintada. [...] A imensa texturologia que se tem sob os olhos seria ela outra coisa senão uma representação, um artefato ótico? É o análogo fac-símile produzido, graças a uma projeção que é uma espécie de colocação à distância, pelo administrador do espaço, o urbanista ou o cartógrafo. A cidade-panorama é um simulacro 'teórico' (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas. (CERTEAU, 2008, p.171).

Tendo em vista que a atitude *blasé* é condição do estar na cidade e assim, caracteriza a racionalidade dos que vivem, estudam e planejam cidade, e que ela por permitir a destituição de sentido dos movimentos e estímulos que fazem a cidade cria condições para que seja possível ver a cidade desconsiderando as

práticas cotidianas, dentre as quais se pode citar a escuta dos sons da cidade, pode-se chegar a formulação de que essa última, assim como tantas outras práticas são suprimidas da imagem da cidade que se tem no estudo ou no planejamento da cidade.

2.3. ESTUDOS SOBRE A CIDADE: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL NO BRASIL

Segundo Holanda (2007, p. 115), há uma “necessária interdisciplinaridade no trato do espaço urbano”. A partilha da cidade como objeto de reflexão por inúmeras áreas do conhecimento pode ser tomada como indício da demanda interdisciplinar posta por esse objeto. Como já exposto anteriormente, dentre as áreas do conhecimento dispostas no campo científico que contemplam a cidade nos seus estudos, como as artes, ciências exatas, da natureza, humanidades, essa pesquisa lança olhar ao planejamento urbano e regional (PUR). Na problematização da definição da área da arquitetura e urbanismo, Holanda (2007) põe em evidência que uma área do conhecimento não existe como algo dado.

Como em quaisquer âmbitos da realidade, empiricamente “arquitetura” não é um “dado”, não existe *em si*, independentemente de nossas representações. Não se trata do subjetivismo obscurantista pós-moderno: não nego *a realidade em si*, mas aceito que qualquer análise de tão ampla generalidade – a “realidade” – pressupõe conceitos, reflexões, representações. Assim, não há um “fato” arquitetura: ela consiste naquilo que é circunscrito por uma definição, por um ponto de vista que seleciona, inclui, exclui, qualifica; ela é “teoria-dependente”. (HOLANDA, 2007, p.115) (grifo do autor)

A existência de uma área do conhecimento, conforme Santaella (s/d., p.7), “não depende exclusivamente de seu alistamento em um elenco solidificado e pré-determinado de campos de saber instituídos como legítimos”. Também a partilha de um objeto de reflexão, de técnicas e métodos, e de perspectivas teórico-

epistemológicas são aspectos influentes, assim como o sentimento de pertencimento dos pesquisadores em relação à área e a própria enunciação desse sentimento. Todos esses elementos conjuntamente constituem uma área de saber específico.

Se a taxonomia das áreas do conhecimento não é algo dado, mas resultante de uma equação que envolve desde o auto-reconhecimento de pesquisadores em relação à área em questão até reconhecimento e legitimação externo por parte de órgãos de fomento, também o escopo de cada uma delas pode ser visto como algo que não está dado. Em relação ao conhecimento científico, Bachelard (1996, p. 18) diz que “Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.”. Se estendida a concepção de conhecimento científico de Bachelard (1996) ao campo científico, pode-se dizer que as áreas do conhecimento também são uma construção, que antes de serem óbvias, lógicas, ou banais, também podem ser objeto de interrogação. Sendo que essa interrogação deve considerar na sua elaboração o contexto histórico e social em que determinada taxonomia existe eficazmente (BOURDIEU, 2007).

A filosofia essencialista que era solidária com a noção de natureza continua ainda em ação em determinada utilização ingênua de critérios de análise, tais como sexo, idade, raça ou aptidões intelectuais, quando essas características são concebidas como dados naturais, necessários e eternos, cuja eficácia poderá ser apreendida independentemente das condições históricas e sociais que os constituem em sua especificidade para determinada sociedade e em determinado momento de tempo. (BOURDIEU, 2007, p.30)

Se retomado o interesse da presente dissertação em focar na área do conhecimento PUR, tendo em conta que uma área do conhecimento não é algo dado (BOURDIEU, 2007), nem seu escopo evidente (BACHELARD, 1996), mas uma construção (BACHELARD, 1996; BOURDIEU, 2007), coloca-se a necessidade para

a presente pesquisa de construir o que vai ser aqui entendido como área do conhecimento PUR.

O ponto de partida é o reconhecimento de que o PUR faz-se presente atualmente no contexto acadêmico brasileiro como uma área do conhecimento, pois ela encontra-se legitimada tanto por universidades e instituições de fomento de pesquisa, como pela existência de grupos de pesquisadores que se associam a ela. Respaldo para essa proposição encontra-se na existência da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR)⁵, de revistas especializadas em PUR⁶, de programas de pós-graduação em PUR⁷, de pesquisadores que estudam PUR, da enumeração do PUR na tabelas de áreas do conhecimento do CNPq e CAPES. No entanto, nem sempre, no campo científico brasileiro, o PUR existiu como área do conhecimento. Por não ter sempre existido, evidencia-se em relação à emergência do PUR brasileiro uma história, uma trajetória anterior, uma gênese nos termos de Elias (2006). O contexto em que desponta o que hoje no campo científico é reconhecido como área do conhecimento PUR não só antecedeu a legitimação institucional do PUR como área do conhecimento como foi marcado pela existência de limiares entre as áreas do conhecimento distintas das atuais, de maneira análoga ao que destacou Elias (2006) em relação ao contexto em que se deu a sociogênese da sociologia, descrito na citação a seguir.

⁵ A ANPUR foi fundada em 1983.

⁶ Como as revistas: Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, publicada pelo NERU (Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos) desde 1981, classificado no estrato B1 do sistema Qualis Áreas; Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, publicada pela ANPUR desde 1999, classificado no estrato A2 do sistema Qualis Áreas; Cadernos IPPUR, publicado pelo IPPUR/UFRJ desde 1986, classificado no estrato B1 do sistema Qualis Áreas; e Cadernos Metrópole, publicado pela PUC-SP desde 1999, classificado no estrato B1 do sistema Qualis Áreas.

⁷ PROPUR/UFRGS, IPPUR/UFRJ, MDU/UFPE, fundados na década de 1970.

Naquela época, a compartimentação das ciências sociais – estreitamente ligada ao ensino nos cursos universitários e às necessidades da divisão do trabalho no âmbito da pesquisa – não atingira ainda os padrões atuais. Eram menos claras as fronteiras entre os distintos saberes baseados no estudo das sociedades, tais como a economia, as ciências políticas, a história ou a sociologia, e entre todos esses campos e a filosofia. (ELIAS, 2006, p.167)

A atual especialização e divisão disciplinar do conhecimento científico não são idênticas aos arranjos anteriores. A ciência é, na sua busca por conhecer, caracterizada por um “desenvolvimento científico” (KUHN, 1998, p.201). Enquanto são percorridos caminhos para conhecer cientificamente, vão se apresentando novos objetos à reflexão, novas categorias, novas teorias, e simultaneamente, vão emergindo formas de organizar o saber que por vezes resultam na re-invenção dos limites disciplinares anteriormente estabelecidos, ou na transformação dos conteúdos de áreas já delimitadas.

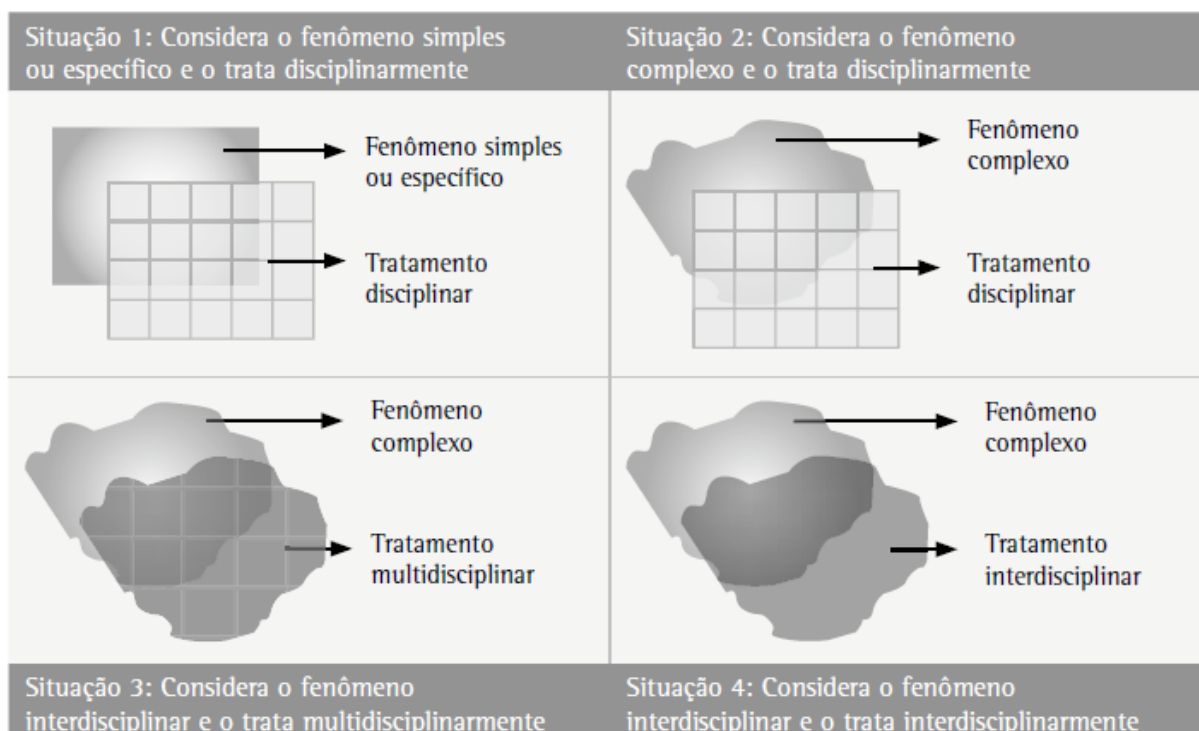
Novas descobertas e novas teorias não levam simplesmente ao abandono de teorias anteriores, mas, levam, muito mais, à sua transformação e, algumas vezes, à sua extensão, o que gera a enorme concentração e densidade da esfera científica e do papel que ela desempenha no tecido social. (SANTAELLA, s/d.,p.3)

Portanto, para construir o entendimento de PUR a ser utilizado nessa pesquisa, optou-se por lançar um olhar retrospectivo em relação ao surgimento e desenvolvimento dessa área de estudos no Brasil. O ponto de partida para isso é a indagação quanto ao que atualmente consiste a especificidade da área do conhecimento PUR no tratamento das questões urbanas e regionais, que a faz existir aparte de outras áreas do conhecimento que também se interessam pelo urbano. Cabe destacar, porém, que o reconhecimento do PUR como área do conhecimento dotada de especificidade na sua forma de conhecer o espaço urbano não é consenso.

Sem dúvida o planejamento urbano e regional não se constitui em campo de conhecimento específico, mas sim em área de aplicação de conhecimento, razão pela qual nela atuam profissionais com as mais diversas formações acadêmicas, em convívio e troca de conhecimentos que tem se revelado rica. (PIQUET et al, 2005, p.36)

Para Piquet et al (2005) é na aplicação de conhecimento oriundo de outras área do saber que reside a especificidade da área do conhecimento PUR. Chega-se, a partir da afirmação dessa autora, no entendimento de que no PUR não há uma forma de conhecer própria, específica. Mas uma situação onde, a partir da atuação de profissionais de áreas distintas, são aplicados simultaneamente, coexistindo, referenciais teórico e epistemológicos, métodos e técnicas de pesquisa adquiridos nas áreas de origem. Nessa perspectiva, haveria no PUR a atuação de diversas disciplinas para um tratamento multidisciplinar da cidade, conforme a “Situação 3” da figura abaixo.

Figura 1 - A relação entre a característica do objeto de estudo e o tratamento permitido pelas ferramentas de pesquisa, numa perspectiva de evolução da disciplinaridade para a interdisciplinaridade



Fonte: Reproduzido de Hoff et al, 2007, p.47.

Encarar, porém, o PUR como uma área do conhecimento interdisciplinar (RIBEIRO, 2002) permite vislumbrar um cenário onde sim há a presença de conhecimento produzido originalmente em áreas como a sociologia, geografia, arquitetura e urbanismo, história, engenharia, direito, antropologia, economia e ciência política, mas, fazendo surgir outras formas de ver o fenômeno urbano a partir da interação desses conhecimentos disciplinares, que deixam de ser puramente sociológicas, geográficas, arquitetônicas e urbanísticas, e assim por diante, e passam a ser formas específicas da área do conhecimento PUR de abordar o fenômeno urbano. Segundo Ribeiro (2002, p.65) pode-se falar da existência de “fundamentos disciplinares que sustentaram a afirmação do planejamento urbano e regional no ensino da pós-graduação”. Assim, o PUR pode ser visto como dotado de especificidade na forma como este apreende a cidade, e não como uma área onde saberes fragmentados pelas divisões disciplinares levam simultaneamente a apreensão da complexidade do fenômeno urbano.

Considerando o PUR como área do conhecimento interdisciplinar, e tendo em conta que um dos critérios que definem uma área do conhecimento é a afinidade entre práticas para conhecer abrangidas por tal área, pode-se inferir, portanto, que haja algo em comum no conhecimento produzido no âmbito do PUR brasileiro, que faz com que esse conhecimento situe-se nessa área do conhecimento e não em outra. O algo em comum, ou a especificidade do planejamento, para Certeau (2008)⁸, assenta-se na articulação entre o conhecimento da cidade, suas formas, usos, imagens, dinâmicas, e a possibilidade de proposição de formas de agir a partir desse conhecimento. Originalmente, há por detrás desse ímpeto, uma crença de que através do planejamento possa-se superar situações do cotidiano da cidade

⁸ Ver citação direta no corpo do texto introdutório desta dissertação, na página 11.

identificadas como problemáticas, tais como a existência de condições de sub-habitação, a violência, e os problemas de trânsito (JACOBS, 2000).

A atopia-utopia do saber ótico leva consigo há muito tempo o projeto de superar e articular as contradições nascidas da aglomeração urbana. Trata-se de gerir um aumento da coleção ou acúmulo humano. “A cidade é um grande mosteiro”, dizia Erasmo. Vista perspectiva e vista prospectiva constituem a dupla projeção de um passado opaco e de um futuro incerto numa superfície tratável. (CERTEAU, 2008, p.172)

Porém, na operacionalização do ímpeto por planejar, a articulação entre o conhecimento sobre a cidade e a proposição de soluções a partir desse conhecimento sobre uma cidade, nem sempre se concretiza. O planejamento praticado é realizado, por vezes, a partir de uma imagem parcial da cidade, um olhar distante que não vê a dinâmica urbana desde dentro (CERTEAU, 2008), ou de uma imagem utópica ou de “qualquer coisa que não as cidades reais” (JACOBS, 2000, p.5). Chega-se assim a situações onde, em vez de superar problemas, tem-se o agravamento dos existentes ou a emergência de outros novos (JACOBS, 2000).

No contexto brasileiro, a articulação entre o conhecer e o dar efetividade ao conhecimento também é apresentada como especificidade da área do conhecimento PUR. Esta articulação aparece sob o rótulo da aplicação⁹ do conhecimento, que é assumida como especificidade do PUR tanto por pesquisadores da área, conforme citação a seguir, quanto pelas agências de fomento que classificam o PUR como Ciência Social Aplicada.

A aplicação potencial do conhecimento não pode (e nem deve) ser confundida com o antes criticado pragmatismo ou com a aceitação da hegemonia do pensamento operacional. Ao contrário, a aplicação do conhecimento distingue, positivamente, a área do planejamento urbano e regional; orientando, também, o diálogo entre disciplinas (Bernardes et al., 2000). (RIBEIRO, 2002, p.68)

⁹ Aplicação aqui não se refere à aplicação do conhecimento de outras áreas no campo PUR conforme sugeriu Piquet (ver citação página 38).

O caráter aplicado da área do conhecimento PUR no Brasil pode atualmente ser pensado em termos de aplicabilidade do conhecimento produzido tanto para iniciativas que busquem uma melhor compreensão ou análise da cidade quanto estudos que visem a efetivação do conhecimento produzido através da proposição de intervenções na cidade ou soluções para problemas ali identificados. Porém segundo Maricato (2008), a articulação entre o conhecimento e a proposição de soluções a partir do que se apreendeu não é característica predominante do PUR brasileiro.

A maior parte dos estudos acadêmicos produzidos pelas filiadas a Anpur – Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, se referem a pesquisas e análises críticas e raramente a trabalhos propositivos. (MARICATO, 2008)

Nas universidades brasileiras, existem cursos de formação da área do conhecimento PUR apenas no nível de pós-graduação. No Brasil, o processo de consolidação do PUR como área de estudo nas universidades se deu justamente a partir da criação dos cursos de pós-graduação na área e, posteriormente, da fundação da ANPUR. Esta caminhada tem como característica marcante, ainda hoje, o fato de seus primeiros passos terem sido dados no âmbito da gestão do Estado, ou seja, fora da Universidade.

Foi no período pós-guerras que o Estado passou a ser pensado no Brasil como ator social comprometido e que, neste sentido, deveria intervir em prol do desenvolvimento social e econômico. Sendo que o planejamento seria a forma através da qual se promoveria o desenvolvimento social e econômico almejado. Um olhar retrospectivo permite a visualização de transformações as quais caracterizaram o processo de institucionalização e consolidação do PUR que, no

caso brasileiro, remetem à década de 40 do século XX (PIQUET; TORRES, 2008). Dentre os fatores incidentes na consolidação do planejamento urbano brasileiro, pode-se destacar o processo de urbanização do país. Esse processo teve incremento nas décadas de 50 e 60 do século XX, tendo ocorrido de múltiplas maneiras. Segundo Santos (1992, p.10), “a complexa organização territorial e urbana do Brasil guarda profundas diferenças entre suas regiões”. O processo de urbanização ao mesmo tempo em que é estimulado e pensado por profissionais do urbano alimenta a consolidação destes numa área de estudo. Desta forma, partindo do entendimento de uma incidência recíproca entre o processo de urbanização e de consolidação da área do planejamento urbano, cabe pensar em um desenvolvimento desigual, ou múltiplo, tanto da urbanização quanto da constituição da área do conhecimento planejamento urbano no Brasil. No quadro a seguir é possível observar a incidência do processo de consolidação do PUR como área do conhecimento manifestada sob forma de institucionalização em programas de pós-graduação.

Quadro 1 – Fundação dos Programas de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional

Programa	Ano de fundação
PROPUR/UFRGS	1970
IPPUR/UFRJ	1972
MDU/UFPE	1975

Fonte: PIQUET & RIBEIRO, 2008.

A institucionalização da área aqui em questão estava diretamente conectada com o desenvolvimento da Universidade no Brasil, e com o que Santos (1992, p.11)(grifo do autor) “[denominou] *meio técnico-científico*, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente

conteúdo de ciências e de técnicas”. Teixeira (1988), ao apresentar em 1968 perspectivas para a educação brasileira, projeta para a década de 70 o desenvolvimento da pós-graduação nacional.

“Nosso problema hoje, em 1968, era o problema de Humboldt na Alemanha em 1809, e era o problema da América em 1875, quando, sob a influência do ensino germânico, lançou as bases da universidade totalmente devota à escola de pós-graduação, unindo Harvard e ainda Wisconsin e Minnesota a John Hopkins, criando o ensino pós graduado da América, que data de 1875. Se formos felizes, dataremos da próxima década de 1970 a nossa fase de pós graduação. Na reestruturação que agora se anuncia, esboça-se esse novo espírito.” (TEIXEIRA, 1988, p.122).

Destacaram-se, nesses atos de planejamento, a utilização da concepção de cidade como conceito operatório predominantemente marcado por: “1. produção de um espaço *próprio* [...] 2. estabelecer um *não-tempo* [...] 3. enfim, a criação de um *sujeito universal* e anônimo”(CERTEAU, 2008, p. 173)(grifo do autor).

O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas destas presenças me são conhecidas. Muitas, sem dúvida mais determinantes, continuam implícitas – postulados ou dados estratificados nesta paisagem que é memória e palimpsesto. Que dizer desta história muda? (CERTEAU, 2008, p. 35).

Se a cidade/conceito operatório, como ferramenta para conhecer o acontecimento cidade encaminha para a elaboração dessa última como um espaço produzido aparte da dimensão temporal, do tempo movente e transformador, do que se passa na duração desta própria, e se a área PUR tem a cidade como lócus e objeto de reflexão, é possível inferir que hajam impactos desta tendência nos trabalhos oriundos da área PUR. Em caráter preliminar, no entanto, aponta-se que a ciência e o conhecimento científico são processos, e não algo dado, pronto. E neste sentido, destaca-se que o estudo da cidade recentemente (FORTUNA, 1998) parece ter virado em direção à exploração de aspectos que na abordagem inaugural da

cidade foram suprimidos. Em alguns estudos da área PUR, fazem-se presentes, as práticas cotidianas, o saber local, as imagens da cidade.

E, portanto, a partir do entendimento do PUR como área interdisciplinar produtora de conhecimento sobre a cidade; da reflexão sobre o que dá conteúdo à palavra-conceito cidade; da opção por privilegiar o estudo das práticas cotidianas para a compreensão da cidade; e por fim, do reconhecimento dos sons como componentes da vida cotidiana na/da cidade, questiona-se: os sons da cidade figuram nos estudos que buscam compreender a cidade e, em caso afirmativo, como são tratados?

3. SONS DA CIDADE NOS TEXTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL BRASILEIRO

3.1. SUPORTE E REGISTRO DO CONHECIMENTO

De maneira análoga aos estudos produzidos em outras áreas do conhecimento, o conhecimento produzido pelo PUR, é acessado e difundido através de alguns suportes privilegiados. Nesse caso, os suportes especialmente eleitos são os textos (artigos, relatórios, dissertações e teses) e as cartografias. Os níveis de legitimidade adquiridos ou atribuídos a cada uma dessas modalidades de registro e difusão do conhecimento diferem entre si. A escritura textual, de maneira geral, é o mais utilizado suporte para o registro e a difusão de conhecimento. Ela também figura como a fonte de dados que goza de maior legitimidade dentre as ciências humanas e sociais.

No escopo dessas ciências tem se manifestado um crescente interesse pela utilização de suportes diferentes da escrita, tanto para a produção quanto para o registro do conhecimento¹⁰. Essa tendência corresponde ao crescente interesse em explorar e comunicar aspectos de fenômenos não observáveis por meios tradicionais de pesquisa e revela que aquele paradigma de ciência, cujo objetivismo implicava na supressão de aspectos sensíveis, de subjetividades e de movimentos passados na escala cotidiana convive com outras concepções de ciência. A escrita,

¹⁰ A título de exemplo, referencia-se a presença em congressos representativos da área a existência de Gts ou sessões destinadas à discussão destes suportes variados para conhecer, produzir e difundir conhecimento. Apenas em 2009, encontrou-se discussões do tipo nos seguintes congressos: ENANPUR, ALAS, RAM, CISO, SIIT.

no entanto, ainda figura como meio mais utilizado para a produção, registro e difusão do conhecimento ¹¹.

Para a composição e organização de um quadro que permitisse a visualização das diferentes modalidades de produção, de divulgação, e de conhecimento, foram observados tipos de pesquisa, suas durações e a representatividade do veículo de divulgação em relação à área do conhecimento PUR. Dentre os diversos produtos e meios típicos de divulgação do trabalho acadêmico – livros, teses, dissertações, monografias e anais de evento – entende-se que os artigos veiculados através dos periódicos e dos anais de eventos são os mais relevantes para uma análise como a que aqui é proposta. Isso devido a quatro principais características destes veículos de conhecimento. Em primeiro lugar, porque eles encerram em si uma visão global da produção acadêmica literária: enquanto livros, teses, dissertações e monografias costumam versar sobre um tema único, os periódicos e os anais de eventos caracterizam-se por serem integrados por multiplicidade de temas. Em segundo lugar, porque eles são representativos da produção de uma determinada área em um determinado período, posto que a seleção dos temas passa por um controle coletivo – de comissões, coordenações, e, em última instância, da comunidade acadêmica em geral – garantindo que os temas tratados são os considerados relevantes naquele momento. Em terceiro, porque por terem uma permanência e uma periodicidade relativamente regular ao longo dos anos, eles propiciam um panorama longitudinal dos temas de pesquisa da área. E, finalmente, porque os periódicos e os anais de eventos contemplam a produção

¹¹ A título de ilustração cita-se o caso de trabalhos escritos tais como os de finalização de curso, teses, monografias e dissertações, que são exigidos como meio de registro dos resultados das pesquisas mesmo em cursos vinculados a áreas onde a escrita não é o lócus do conhecimento (como nas artes, na música, no cinema, na etnomusicologia). Não se está afirmando a inexistência de casos de aceitação de conhecimento registrado em suportes outros a escrita, apenas sinalizando para a sobrevalorização da escrita em relação a suportes como as imagens visuais ou os sons, entre outros.

acadêmica literária nos diversos níveis de formação, já que divulgam trabalhos de estudantes de graduação, de pós-graduação e de pesquisadores já formados e consolidados.

3.2. CONHECIMENTO DA ÁREA PUR: FONTES UTILIZADAS

Apesar de o PUR se constituir como área de conhecimento a nível internacional, a presente pesquisa preocupou-se em abarcar apenas a produção de conhecimento situada no contexto brasileiro. Assumiu-se, para tanto, a escrita como principal suporte para expressão do conhecimento científico dessa área de conhecimento.

Da definição inicial sobre o limite espacial em que se analisaria o objeto de pesquisa, o Brasil, passou-se à delimitação do período em que se procederia a análise. No Brasil, a década de 70 do século XX pode ser considerada como período de institucionalização do PUR como área do conhecimento nas Universidades (PIQUET; TORRES, 2008). Essa década constitui assim, o marco a partir do qual se pode identificar com maior precisão a localização do conhecimento vinculado a esta área, uma vez que, fundados os programas de pós-graduação em PUR e iniciada a articulação institucional entre esses programas, os mesmos passaram a atuar como pólos centralizadores do conhecimento em PUR. Essa atuação se dá através de dois níveis de produção de conhecimento: primeiro, através da produção dos docentes e pesquisadores associados aos programas de pós-graduação, e segundo, através da produção dos discentes vinculados a estes programas. Esta produção, conforme destacado anteriormente, deu-se através de alguns suportes específicos que privilegiam a escrita, a saber, artigos, dissertações, teses, relatórios de

pesquisa, livros e monografias. Estas modalidades de registro e divulgação da produção científica constituem, portanto, o conjunto de fontes para a pesquisa sobre os sons da cidade no PUR brasileiro.

Por buscar verificar a participação dos sons da cidade dentre a atual produção acadêmica em PUR sem perder de vista o comportamento da temática dos sons da cidade intra-área ao longo dos anos, definiu-se o alcance temporal desta investigação em correspondência ao tempo de existência do PUR como área do conhecimento institucionalizada. Definiu-se, desta maneira, 1970 à 2009 como período a ser explorado conquanto à produção de conhecimento em PUR no contexto acadêmico brasileiro.

Na seqüência passou-se à identificação de fontes de pesquisa, ou seja, das fontes de conhecimento produzido em PUR a serem consultadas dentro do arco temporal de 40 anos já estipulado. Ao adotar neste trabalho a noção de PUR como área do conhecimento buscou-se explicitar o limite dentro do qual seria verificada a participação dos sons da cidade enquanto temática de pesquisa. No entanto, mesmo tendo realizado esta delimitação conceitual frente à variedade de entendimentos existentes em relação ao PUR, por ocasião da transição da dimensão teórica para a empírica manifestaram-se novamente os efeitos da existência de um entendimento múltiplo de PUR. Em outras palavras, esta delimitação inicial não implicou na fixação clara e imediata de um correspondente empírico para a área do conhecimento PUR como objeto teórico: antes disso, ela apontou para algumas possibilidades de pesquisa no registro da produção escrita.

Num primeiro momento, realizou-se uma aproximação às categorias privilegiadas na produção em PUR, sendo elas as já mencionadas: artigos, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, livros e monografias. Foi identificado que os artigos estão presentes como forma de divulgação científica em diferentes momentos da carreira acadêmicas dos pesquisadores, e que, por serem um formato de texto onde se lê tanto resultados parciais de pesquisa quanto resultados finais, estes consistem em entrada simultânea para a visualização do que há de mais atual e para o que está consagrado numa área do conhecimento. Por esta razão, os artigos, veiculados através de anais de eventos e de periódicos, foram escolhidos como principal fonte para a coleta de dados. Apesar dos periódicos serem relevantes, eles não foram utilizados como fonte nessa pesquisa pois não havia a disponibilização em meio digital das séries inteiras das publicações importantes na área. Desta maneira, as fontes desta pesquisa restringir-se-iam apenas aos anais de eventos.

No entanto, pela institucionalização do PUR como área do conhecimento ter ocorrido na década de 70 e por sua consolidação ter permeado os anos 80, a divulgação de artigos através de anais de eventos não cobre o arco temporal que se pretendeu contemplar nesta pesquisa, pelo simples fato de serem mais recentes. A ANPUR, fundada em 1983, pode ser tomada como marco indicativo da consolidação do PUR no meio acadêmico brasileiro. A partir deste marco, os encontros bianuais desta associação passam a ser o momento de celebração e socialização do conhecimento produzido em PUR no país. Assim, os anais dos ENANPUR encerram um importante potencial informativo sobre a produção de conhecimento na área PUR desde o momento de sua primeira edição datada de 1986. Porém, por estarem disponíveis em meio digital somente os anais das edições mais recentes deste

evento – XIII (2009), XII (2007), XI(2005), e X(2003) ENANPUR, ficaria descoberto o período de 1970 a 2003. Para contornar este revés, optou-se por integrar às fontes de dados as dissertações e teses defendidas no PROPUR/UFRGS, uma vez que este foi o primeiro programa de pós-graduação em PUR fundado no Brasil, ainda no ano de 1970. Constatou-se, porém, que os trabalhos produzidos no PROPUR/UFRGS ao longo do recorte temporal delimitado para a pesquisa não estavam, na sua maioria, disponíveis na íntegra em formato digital. Todavia, no *site* do PROPUR/UFRGS encontram-se os títulos e resumos da totalidade dos trabalhos já defendidos no programa, que permitiriam sim uma aproximação ao conhecimento produzido, mesmo que limitado por não considerar o conteúdo completo destes trabalhos.

Outra possível ressalva em relação à utilização das teses e dissertações do PROPUR/UFRGS é o questionamento acerca da capacidade destas de informar sobre a produção em PUR de todo o Brasil, pois não foi possível precisar na ocasião de escolha das fontes de dados se o programa tinha alcance nacional, se ele era representativo da área PUR brasileiro tanto em termos de temáticas de pesquisa contempladas quanto em relação à composição do corpo discente. A questão da composição do corpo discente ser ou não representativa em relação à área PUR foi entendida em relação à origem dos alunos, se estes eram oriundos de diferentes regiões do Brasil ou somente do estado do Rio Grande do Sul¹². Porém, por entender que, mesmo no caso de um alcance regional, os trabalhos produzidos no PROPUR/UFRGS permitiriam uma aproximação qualitativa à existência concreta e institucional da área PUR desde os seus primórdios, optou-se por mantê-los como fonte de dados.

¹² Estado em que está localizado o PROPUR/UFRGS.

Em resumo, a escolha das fontes assentou-se no entendimento do (a)ENANPUR como encontro onde são socializados resultados de pesquisas representativas da atualidade do fazer PUR no Brasil nos diferentes níveis de formação e, (b) do PROPUR/UFRGS como primeiro programa de pós-graduação em PUR do Brasil, em parte representativo do desenvolvimento ao longo dos anos da produção da área PUR. Ao cabo da definição das fontes de dados, anais da X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR somados às dissertações e teses defendidas no PROPUR/UFRGS de 1970 a 2009, passou-se à definição de como realizar a busca pela participação da temática sons da cidade do PUR brasileiro.

3.3. PALAVRAS-CHAVE DA TEMÁTICA SONS DA CIDADE

Como identificar a presença da temática sons da cidade nos trabalhos produzidos na área do conhecimento PUR? A resposta a essa questão veio em forma de estratégia para o levantamento das formas de participação dessa temática na produção em PUR. A estratégia elaborada faz uso de prática comum no registro do conhecimento científico: a atribuição de palavras-chave. Em resumos, em artigos completos, em livros, em teses e dissertações, em relatórios de pesquisa, é verificada a utilização de palavras-chave para a identificação da temática abordada no trabalho em questão (HOFF et al. 2007, p.51). Nas palavras-chave, é possível também identificar, através do nome que é atribuído ao objeto de pesquisa, pistas sobre a forma como se trata ou é feita aproximação ao fenômeno empírico alvo de reflexão. No caso da temática sons da cidade, citam-se como exemplo, duas palavras-chave: ruído e música. Ambas remetem ao som como acontecimento na cidade, porém informando que num caso este será pensado como ruído e no outro como música. Nos trabalhos acadêmicos, as palavras-chave são comumente

apresentadas junto a elementos pré-textuais como título e resumo, sendo frutos porém do reconhecimento autoral de que estas sintetizam a temática central do texto. Desta forma, pode-se afirmar a existência de relação entre temas de pesquisa e palavras-chaves utilizadas para enunciar estes temas. Neste sentido, acredita-se que independentemente de constarem como elemento pré-textual, ou no corpo de um texto, as palavras-chave evidenciam a presença de uma, ou mais, temáticas de pesquisa. Portanto, o uso de palavras-chave foi adotado como estratégia para a localização da temática sons da cidade no conhecimento da área PUR.

Era cogitado que, uma vez iniciada a procura pela ocorrência da temática sons da cidade nos trabalhos selecionados para a análise, viessem a tona formas de presença – formas de enunciar – desta temática ainda não detectados. Éra-se consciente, portanto, que realizar a coleta de dados tendo como orientação somente critérios estabelecidos previamente – neste caso palavras-chave específicas – poderia culminar na desconsideração de formas de participação da temática sons da cidade presentes na empiria mas não previstas pela pesquisadora. Como esta pesquisa objetivava assimilar a variedade de formas de tratar os sons da cidade presentes na área do conhecimento PUR, optou-se pela construção de um corpus de pesquisa como estratégia para coleta e sistematização de dados. Pois, “a construção de um corpus tipifica atributos desconhecidos [...] no espaço social”. (BAUER & AARTS, 2002 p.40).

O corpus, como ferramenta para prover evidências acerca de uma proposição, é definido por critérios elásticos, modeláveis de acordo com as descobertas provenientes do desenvolvimento da pesquisa. Por ser um todo aberto à incorporação dados até que se estabeleça o final do processo de coleta de dados,

ele permitiria a modelagem dos critérios para a coleta de dados conforme fossem identificadas, ao longo do trabalho de campo, novas formas de participação e enunciação da temática sons da cidade ainda não previstas.

Para chegar a um conjunto de palavras-chave que permitisse a busca pela recorrência do tema “sons da cidade” nos trabalhos publicados na área PUR, foi composta uma lista inicial de palavras que deveria ser procurada em cada um dos textos selecionados. Para a relação desses vocábulos adotou-se como estratégia pesquisar as seguintes referências iniciais:

- bibliografia vinculada ao estudo dos sons da cidade buscando identificar as diferentes formas de nomear o fenômeno;

- dicionários sobre palavras derivadas dos vocábulos listados – através de pesquisa por sinônimos e antônimos, pela etimologia, e acerca dos elementos de composição dos vocábulos elencados com fins a ampliar a lista decorrente da etapa anteriormente apresentada.

Chegou-se assim a um conjunto de palavras, às quais foram aplicadas variações de gênero, número, e grau:

- ruído;
- audio/audição;
- sonoro;
- som;
- silêncio;
- barulho;
- música;
- escuta;

- ouvir;
- auricular;
- auscultar;
- acústica;
- quieto.

As palavras-chave acima listadas são entendidas como vocábulos com alto potencial associativo à temática sons da cidade. Porém é preciso considerar dois fatores que imprimem limite a presente pesquisa: primeiro que as palavras acima listadas podem também se associar a outras temáticas de pesquisa que não os sons da cidade. Cita-se como exemplo as mesmas palavras-chave apresentadas anteriormente, ruído e música. Ruído pode designar ruído na comunicação, distanciando-se da temática sons da cidade, ou ruído do tráfego aproximando-se da temática sons da cidade. Enquanto que música pode se referir a um elemento caracterizador da sociabilidade de um grupo de jovens, ou ainda ao conjunto de sons da cidade, respectivamente distanciando-se e aproximando-se da temática sons da cidade. E, segundo, podem haver outras formas de enunciar os sons que não as escolhidas para realizar busca pela presença da temática sons da cidade. Neste sentido, acrescenta-se que, o intuito deste trabalho não foi realizar uma representação idêntica do que se acontece na área PUR em relação aos sons da cidade, mas de, a partir da definição de critérios, aproximar-se à de presença desta temática de modo a alargar a compreensão de como esta se dá no PUR.

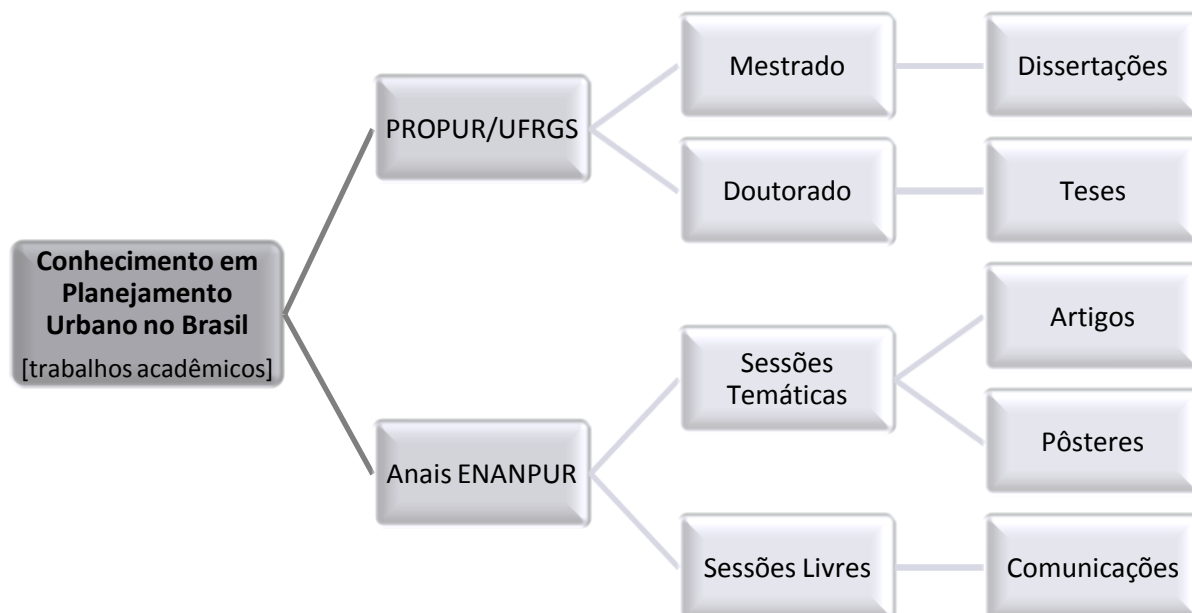
3.4. ANAIS DOS ENANPUR, TESES E DISSERTAÇÕES DO PROPUR/UFRGS: ANÁLISE PRELIMINAR DOS MATERIAIS PESQUISADOS

Os trabalhos acadêmicos coletados são as unidades de análise desta pesquisa. Por serem dados textuais, as unidades de análise são tratadas como unidades de texto, dentre as quais se distinguiram duas dimensões, uma caracterizada por trabalhos acadêmicos vinculadas a um curso de pós-graduação (PROPUR/UFRGS) e outra caracterizada por trabalhos apresentados em eventos científicos selecionados (X ao XIII ENANPUR).

Nos anais dos ENANPUR, os artigos apresentados oralmente ou em forma de pôster compõe as sessões temáticas. Enquanto que as sessões livres caracterizam-se como espaços para interlocução propostos por pesquisadores ou grupos de pesquisa nos quais, em geral, são apresentadas comunicações vinculadas a uma temática específica predeterminada pelos coordenadores da sessão. Esta temática, a partir da qual se organiza a sessão livre, é explicitada no texto de apresentação da mesma. Portanto, nestes casos, toma-se como unidade de análise o texto de apresentação da sessão e não o conteúdo das comunicações ocorridas na sessão.

A **Figura 2 - Unidades de análise em relação às fontes consultadas** sistematiza e apresenta visualmente as unidades de análise consultadas nesta pesquisa.

Figura 2 - Unidades de análise em relação às fontes consultadas



A coleta de textos acadêmicos produzidos no PROPUR/UFRGS foi realizada a partir dos dados disponibilizados na *web page*¹³ do programa onde estão disponíveis os títulos e resumos de todos os trabalhos defendidos no PROPUR/UFRGS desde sua fundação. Já a coleta de textos acadêmicos dos ENANPUR¹⁴ foi realizada nos anais dos encontros, onde estão disponíveis os trabalhos completos apresentados nas edições eleitas para análise do evento.

Foram coletadas ao total 1431 unidades de texto vinculadas à produção de conhecimento em PUR. Sendo que, cada trabalho defendido no PROPUR/UFRGS ou apresentado nos ENANPUR foi considerado uma unidade de análise. As tabelas **Tabela 1 - Frequência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo sua natureza** e **Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual das**

¹³ www.ufrgs.br/propur.

¹⁴ No site da ANPUR, www.anpur.org.br, estão disponíveis para *download* os anais do X e XI ENANPUR. Já os anais da XII e XIII podem ser consultados *online* nos seguintes endereços www.ufpa.br/xiiENANPUR/CD/index.html e www.anpur.org.br/anais/ena13/.

unidades de texto analisadas, segundo fonte original expõem os totais de unidades de texto coletadas em relação à natureza e fonte do trabalho.

Tabela 1 - Freqüência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo sua natureza

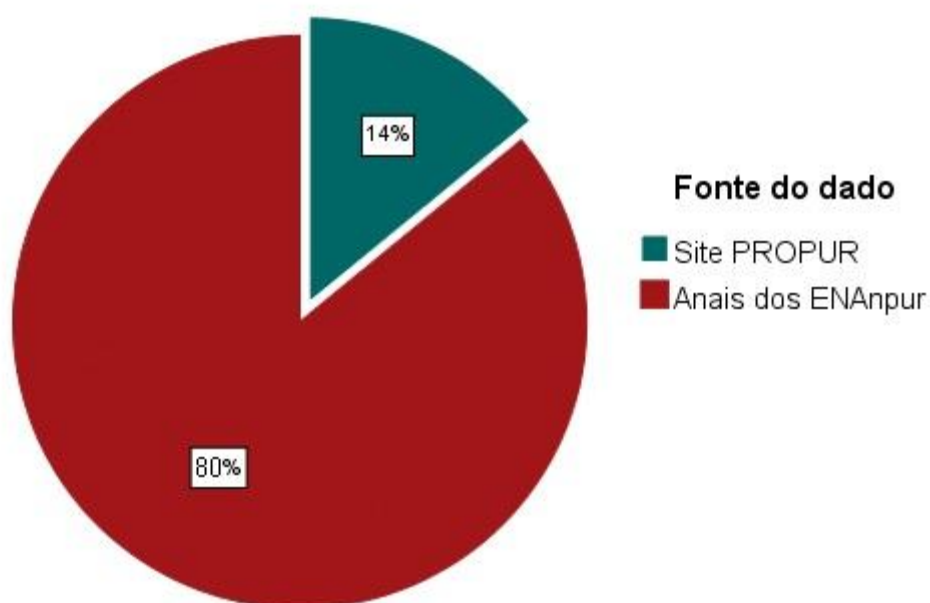
	Freqüência	Percentual
Dissertação	194	13,6
Tese	7	,5
Artigo	888	62,1
Pôster	217	15,2
Comunicação	125	8,7
Total	1431	100,0

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

As categorias de trabalho acadêmico observadas na **Tabela 1 - Freqüência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo sua natureza**, a saber dissertação, tese, artigo, pôster e comunicação, diferem entre si quanto o tipo de texto na qual foi realizada a coleta de dados. No caso das dissertações e teses, a coleta de dados foi realizada nos títulos e resumos. O nome do autor da dissertação ou tese foi também recolhido para investigação da área de formação deste, bem como o pertencimento institucional e localização geográfica da instituição em que o autor do trabalho se formou no nível de graduação. Já em relação aos artigos e pôsteres, foram consultados os trabalhos completos. Para as comunicações, utilizou-se o texto de apresentação da temática da sessão. Desta forma, cada sessão livre ou coordenada, foi considerada como uma unidade de análise, independentemente do número de propositores e expositores.

Dos trabalhos acadêmicos analisados, 201 foram produzidos no PROPUR/UFRGS, sendo que desses 194 eram dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado. Dentre os trabalhos coletados nos anais dos ENANPUR, 1105 foram artigos apresentados em sessões temáticas oralmente ou sob formato de pôster, e 125 foram sessões livres. Desta forma, do total de unidades coletadas, 14% tiveram como fonte o site do PROPUR/UFRGS e 86% os Anais do X ao XIII Encontro da ANPUR, conforme detalhamento da **Figura 3 – Composição dos dados coletados de acordo com a sua fonte** e da **Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo fonte original** apresentadas a seguir.

Figura 3 – Composição dos dados coletados de acordo com a sua fonte



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual das unidades de texto analisadas, segundo fonte original

Fonte do dado	Curso ou sessão de apresentação	Frequência	Percentual
Site PROPUR	Mestrado	194	13,6
	Doutorado	7	,5
Anais X ENANPUR	Sessão temática	213	14,9
	Sessão livre	0	,0
Anais XI ENANPUR	Sessão temática	183	12,8
	Sessão livre	26	1,8
Anais XII ENANPUR	Sessão temática	365	25,5
	Sessão livre	46	3,2
Anais XIII ENANPUR	Sessão temática	344	24,0
	Sessão livre	53	3,7
TOTAL		1431	100

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

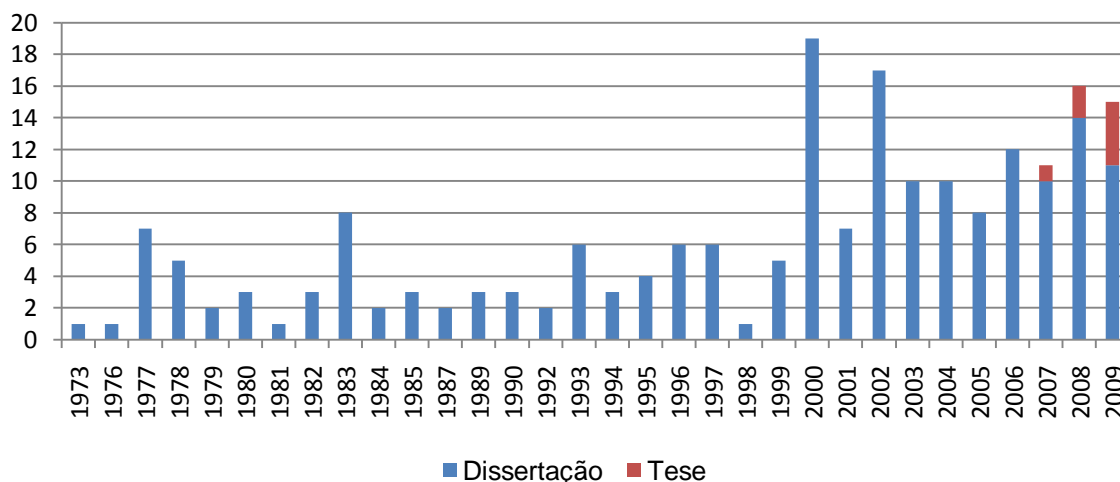
As unidades de análise coletadas no PROPUR/UFRGS abarcam um recorte temporal de 26 anos, de 1973 até o presente. Uma vez que o recorte temporal idealizado por ocasião da delimitação do alcance do arco temporal desta pesquisa era um pouco maior (de 1970 até 2009) faz-se necessário esclarecer que, embora o curso de Mestrado do PROPUR/UFRGS tenha iniciado em 1970, a primeira dissertação foi defendida no ano de 1973¹⁵.

No gráfico apresentado a seguir, **Figura 4 – Número de Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS: 1973-2009**, observa-se a distribuição dos trabalhos apresentados ano a ano, e que as teses passaram a figurar dentre os trabalhos defendidos no PROPUR/UFRGS a partir de 2007 -

¹⁵ Neste período, a duração do curso de mestrado era de quatro anos, diferente da situação atual, onde o prazo para a conclusão deste usualmente é de dois anos.

explicado pelo fato de o curso de Doutorado ter sido implementado no PROPUR/UFRGS em 2004, sendo a primeira tese defendida no ano 2007.

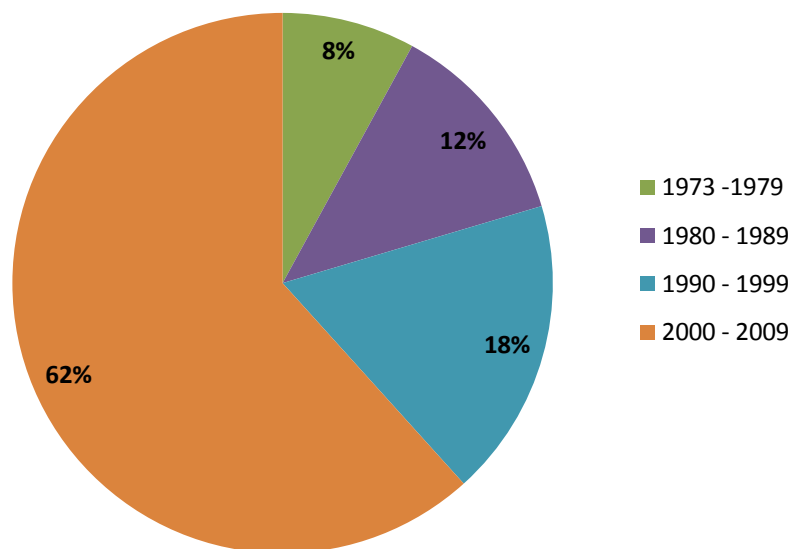
Figura 4 – Número de Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS: 1973-2009



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Se agrupados os trabalhos por década, conforme pode ser visualizado no gráfico correspondente à **Figura 5 – Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS, agrupadas por década, de 1973-2009**, nota-se que houve um aumento gradual na quantidade de teses e dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS. Isto evidencia que o programa desenvolveu-se em sintonia com o restante da pós-graduação brasileira, acompanhando sua expansão. Na década de 70, momento em que foram criados os primeiros cursos de pós-graduação no Brasil, concentram-se 8% dos trabalhos defendidos no PROPUR/UFRGS até 2009. Na década seguinte, são já 12%; e na década de 90, são 18%. Por fim, a partir do ano 2000 concentram-se a maior parte dos trabalhos: 62% das teses e dissertações já produzidas no programa foram defendidas neste período, que corresponde a pouco mais de um quartel dos 39 anos de existência do PROPUR considerados.

Figura 5 – Teses e Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS, agrupadas por década, de 1973-2009



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Durante a realização do recorte empírico da presente pesquisa, foi levantado questionamento em relação à origem dos alunos do PROPUR/UFRGS e ao alcance deste programa em relação ao território brasileiro. Para dar conta disso, foi realizado levantamento da unidade federativa em que se localizava a instituição onde esses alunos realizaram seus cursos de graduação. Conforme exposto na **Tabela 3 – Origem dos alunos egressos do PROPUR/UFRGS entre 1973 e 2009: unidade federativa onde realizaram suas graduações**, foi possível levantar esta informação para 81,1% dos alunos.

Tabela 3 – Origem dos alunos egressos do PROPUR/UFRGS entre 1973 e 2009: unidade federativa onde realizaram suas graduações

Unidade Federativa	Natureza do Trabalho				Total		Percentual cumulativo
	Dissertação		Tese		UT	%	
	UT	%	UT	%			
RS	134	82,2	5	3,1	139	85,3	85,3
SC	2	1,2	0	0	2	1,2	86,5
PR	8	4,9	0	0	8	4,9	91,4
SP	2	1,2	0	0	2	1,2	92,6
CE	1	0,6	0	0	1	0,6	93,2
ES	3	1,8	0	0	3	1,8	95
BA	2	1,2	0	0	2	1,2	96,2
DF	3	1,8	0	0	3	1,8	98
RN	1	0,6	0	0	1	0,6	98,6
PA	1	0,6	0	0	1	0,6	99,2
RJ	1	0,6	0	0	1	0,6	100
Total de casos válidos	194	96,7	7	3,1	201	100	-
Missing	36	-	2	-	38	-	-

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Considerando apenas os casos válidos dispostos na **Tabela 3 – Origem dos alunos egressos do PROPUR/UFRGS entre 1973 e 2009: unidade federativa onde realizaram suas graduações**, observa-se que 85,3% dos alunos são oriundos Rio Grande do Sul, o mesmo estado em que se localiza o PROPUR/UFRGS e que, 91,4% dos egressos do programa são ou desse estado ou dos restantes estados da Região Sul, Santa Catarina (SC) e Paraná (PR). Desta forma verifica-se que o conjunto de egressos do PROPUR/UFRGS é composto majoritariamente por alunos da região, não sendo significativa a presença de alunos de outras regiões do país. Porém, o fato da origem dos alunos não contemplar a extensão da área PUR no Brasil em termos territoriais não implica na elaboração de que o PROPUR/UFRGS não é representativo da área do conhecimento PUR. Pois este além de ser o programa de pós-graduação mais antigo da área (nota 5), de acordo com relatório de avaliação tri-anual da CAPES, ao lado dos cursos de Mestrado e Doutorado do

IPPUR/UFRJ (nota 6) e MDU/UFPE (nota 5) caracterizam-se como principais centro de formação da área PUR (CAPES, 2007).

Portanto, atribui-se ao estudo da produção acadêmica dos discentes do PROPUR a possibilidade de lançar olhar, em certa medida, sobre a produção acadêmica brasileira em PUR. E, admite-se ainda que a horizontalidade deste recorte permite perscrutar pistas sobre quais temas foram presença, e quais temas foram ausência ao longo dos 40 anos de pesquisa em PUR na pós-graduação brasileira.

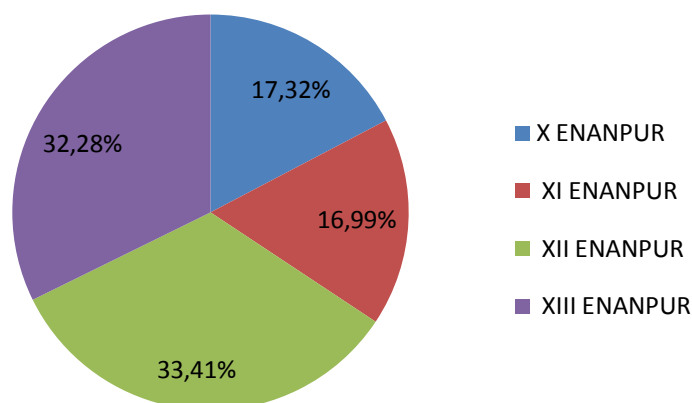
As unidades de análise coletadas nos anais do X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR abarcam um arco temporal de 6 anos, sendo que considerando que os trabalhos apresentados em cada edição foram necessariamente realizados antes desta edição é possível estender em até 4 anos¹⁶ para trás o tempo de abrangência de cada encontro. Neste caso o alcance temporal de 6 anos, de 2003 a 2009, passaria a ser de 10 anos, de 1999 a 2009. Desta forma, tomando os ENANPUR e os seus anais como representantes significativos do conhecimento produzido em PUR no Brasil, os dados coletados nos anais do X, XI, XII, XIII ENANPUR podem ser entendidos como informantes acerca da atualidade do conhecimento produzido na área do conhecimento PUR brasileira.

Das unidades de análise, aproximadamente 17% foram coletadas nos anais do X ENANPUR, 16% nos anais do XI ENANPUR, 33% nos anais do XII ENANPUR, e 32% nos anais do XIII ENANPUR. No gráfico correspondente à **Figura 6 – Contribuição das X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR no total de unidades de**

¹⁶ Tempo que usualmente correspondente a realização de um curso de doutorado.

análise coletadas nos anais do evento, de 2003-2009 é possível observar essa distribuição com os percentuais exatos:

Figura 6 – Contribuição das X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR no total de unidades de análise coletadas nos anais do evento, de 2003-2009



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

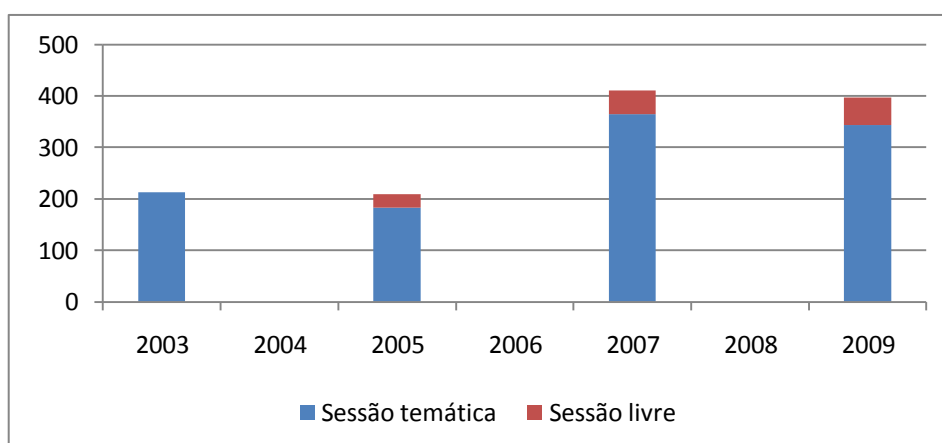
No gráfico número tal, é possível observar a distribuição dos trabalhos apresentados nas edições do ENANPUR consultadas segundo o tipo de sessão – temática ou livre. Vê-se que as sessões livres foram incorporadas nos anais do evento a partir de 2005, apresentando incremento sucessivo nas edições seguintes do evento. Nos anais do X ENANPUR identificou-se apenas a documentação de sessões temáticas, não foi possível, portanto, precisar se houveram sessões livres/coordenadas e essas não foram documentadas, ou se nessa edição do evento foram realizadas sessões desse tipo.

Em relação ao número de trabalhos apresentado em cada uma das edições do evento, nota-se que houve um aumento significativo no XII ENANPUR, estabelecendo duas fases, que podem ser visualizadas na **Figura 7 Número de trabalhos apresentados no X, XI, XII e XIII ENANPUR, por tipo de sessão: 2003-**

2009. As X e XI edições agrupam-se na primeira fase, com um total de 213 e 209 trabalhos/sessões livres apresentados, e, na segunda, praticamente dobrando o número de trabalhos apresentados, temos a XII e XIII edições do ENANPUR, respectivamente 411 e 397 trabalhos/sessões livres.

Se comparadas entre si, as fases observadas no ENANPUR revelam uma razão de crescimento de 91,47% (**Tabela 4 – Trabalhos apresentados por fase do ENANPUR, e razão de crescimento da 2ª fase (XII e XIII ENANPUR) em relação à 1ª fase (X e XI ENANPUR).**).

Figura 7 Número de trabalhos apresentados no X, XI, XII e XIII ENANPUR, por tipo de sessão: 2003-2009



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Tabela 4 – Trabalhos apresentados por fase do ENANPUR, e razão de crescimento da 2ª fase (XII e XIII ENANPUR) em relação à 1ª fase (X e XI ENANPUR)

	Edições do Evento	Trabalhos/ sessões livres apresentados	Razão de Crescimento
1ª fase	X ENANPUR	422	-
	XI ENANPUR		
2ª fase	XII ENANPUR	808	91,47
	XIII ENANPUR		

Fonte: Bando de Dados da Pesquisa

3.5. LEVANTANDO A RECORRENCIA DOS SONS

Ao perscrutar os temas tratados dentre as dissertações defendidas no PROPUR foi possível verificar a baixa recorrência do tema sons da cidade, sua presença é praticamente nula. Dentre as teses e dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS, foi identificada a recorrência de apenas um vocábulo com potencial associativo a temática dos sons da cidade: ruído. Esse vocábulo foi encontrado em uma dissertação, defendida no ano de 1993.

Tabela 5 – Número de Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade: 1973-2009

Período	Número de Dissertações	Referência aos sons				
		tema central	no título	no resumo	absoluto	total %
1973 - 1979	16	0	0	0	0	0,00%
1980 - 1989	25	0	0	0	0	0,00%
1990 - 1999	36	0	0	1	1	0,01%
2000 - 2009	117	0	0	0	0	0,00%
TOTAL*	194	0	0	1	1	0,01%

*dados recolhidos em dezembro de 2009
Fonte: Site do PROPUR/UFRGS.

É interessante apontar, a partir da leitura da **Tabela 5 – Número de Dissertações defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade**, que após a presença da única referência à temática sons da cidade registrada, no período de 1990 à 1999, segue-se um período de aumento da produção no PROPUR: de 2000 a 2009, concentram-se a maior parte das dissertações defendidas nesse programa (60% das dissertações). Isso significa uma maior probabilidade de proliferação de novos temas e, dentre eles, do tema sons,

que já havia sido tratado em uma dissertação. Contudo, não é o que se observa: o tema sons da cidade configura-se aqui apenas como uma ausência.

Em relação às teses defendidas desde a abertura do curso de doutorado, os sons da cidade são ausência absoluta enquanto temática de pesquisa central. Cabe lembrar aqui que foram analisados apenas os resumos e títulos das teses e das dissertações, e que esses elementos textuais costumam expor sinteticamente aspectos centrais dos respectivos trabalhos, não dando a ver aspectos secundários. Não é possível, portanto, descartar a possibilidade da temática dos sons da cidade aparecer como aspecto secundário no corpo de texto desses mesmos trabalhos. Na **Tabela 6 – Número de Teses defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade: 2007-2009**, observa-se que das sete teses defendidas, nenhuma centrou interesse no tema sons da cidade.

Tabela 6 – Número de Teses defendidas no PROPUR/UFRGS em relação ao tema dos sons da cidade: 2007-2009

Ano	Número de Teses defendidas	Referência aos sons da cidade	
		no título	no resumo
2007	1	0	0
2008	2	0	0
2009	4	0	0
TOTAL*	7	0	0

*dados recolhidos em dezembro de 2009
Fonte: site do PROPUR/UFRGS.

Pode-se tomar esse resultado como indicativo da inexpressiva recorrência da temática sons da cidade no conjunto dos trabalhos produzidos no âmbito do PROPUR/UFRGS desde a fundação do programa até 2009, pelo menos considerando a temática sons da cidade como aspecto central. Assim, poder-se-ia a partir dos resultados encontrados no PROPUR/UFRGS reiterar a proposição de Fortuna (1998), exposta na introdução dessa dissertação, em relação à inexistente,

ou pouco freqüente reflexão sobre os sons nas ciências sociais puras e aplicadas. Retomando, à luz dessa constatação, o reconhecimento dos sons como componentes da vida cotidiana na/da cidade e, como temática concernente ao PUR na medida em que este se dedica a pensar a cidade, e a pensá-la com a intenção de intervir, questiona-se: por que os especialistas que se dedicam a esta prática ignoram os sons da cidade? O que esse dado diz acerca dessa área de estudos e do fazer destes profissionais? E ainda: será que de fato os sons são um tema totalmente ausente nesses trabalhos, ou será que eles aparecem apenas como aspectos secundários? Cabe destacar que a evidência apontada pelos dados até aqui analisados tem seu alcance limitado pela busca por palavras-chave ter sido realizada nos resumos e títulos dos trabalhos, uma vez que somente algumas das teses e dissertações estavam disponíveis em formato digital. Não se pode descartar, portanto, que se pudesse chegar a um resultado diferente caso fosse possível realizar a mesma busca por palavras-chave no corpo do texto das teses e dissertações.

Tendo em conta que a produção de conhecimento pelos discentes do PROPUR/UFRGS foi tomada como representativa da área PUR, e que nos dados coletados a temática sons da cidade foi praticamente nula, veio a tona o seguinte questionamento: essa ausência reflete a situação da temática na totalidade da área PUR brasileira? Os dados apresentados até agora poderiam conduzir a uma resposta afirmativa em relação a essa questão, fazendo pensar que a temática sons na cidade é uma ausência absoluta nos estudos de PUR. Contudo, se observados os anais dos ENANPUR, a situação muda de figura. Se dentre os trabalhos publicados no PROPUR não foi localizada expressiva recorrência dos vocábulos escolhidos para busca, nos anais da ENANPUR estes já se fizeram mais presentes.

Dessa maneira, não se sustentaria a afirmação de que na área PUR a ausência da temática dos sons da cidade seja regra.

Estes dados são de suma importância e favoreceram o surgimento de novas perguntas quanto à presença da temática sons da cidade nos estudos PUR. E, para respondê-las, foi necessário uma redefinição da pesquisa proposta. Fez-se necessário redirecionar a exploração: frente à ausência do tema nas teses e dissertações analisadas, a presença nos trabalhos apresentados nos ENANPUR ganhou novo interesse e significado, demandando não somente uma abordagem quantitativa, mas também qualitativa – desenvolvida no capítulo seguinte. Na **Tabela 7- Total de Vocábulo**s relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada, apresenta-se a recorrência dos vocábulos associados ao tema sons na cidade resultante da contagem feita nos anais do X ENANPUR, XI ENANPUR, XII ENANPUR e XIII ENANPUR.

Tabela 7- Total de Vocábulos relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada

	Total de vocábulos	Varição absoluta do total de vocábulos em relação à edição anterior	Varição do total de vocábulos em relação à edição anterior do evento - %	Razão de crescimento acumulada no período %
X ENANPUR	130	-	-	-
XI ENANPUR	205	75	57,69	57,69
XII ENANPUR	357	152	74,15	174,62
XIII ENANPUR	579	222	62,18	345,5

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

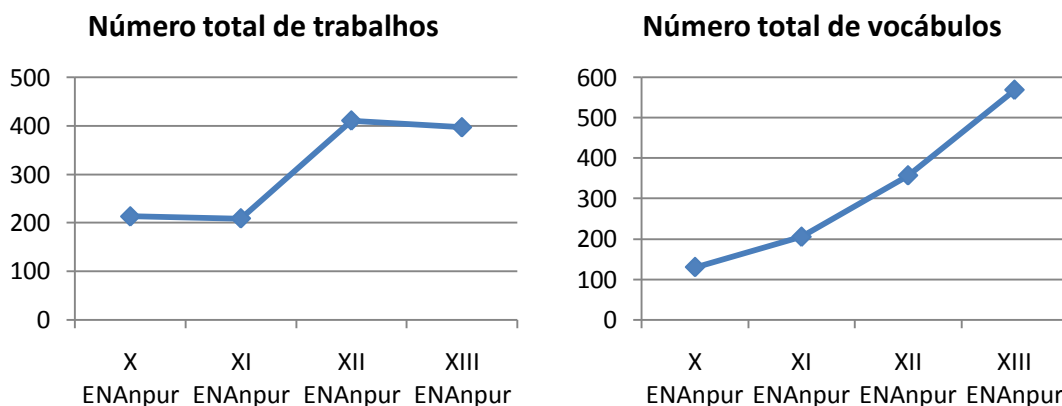
Tabela 8 - Total de trabalhos ou sessões livres apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada no período

	Total de trabalhos ou sessões livres	Varição em relação a edição anterior do evento - %	Razão de crescimento acumulada no período %
X ENANPUR	213	-	-
XI ENANPUR	209	-1,88	-1,88
XII ENANPUR	411	96,65	92,96
XIII ENANPUR	397	-3,41	86,38

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

A razão de crescimento entre o número total de vocábulos com potencial associativo à temática sons da cidade identificados no início e no final do período analisado – de 2003 a 2009 é de 345,5% (**Tabela 7- Total de Vocábulos relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada**). Este número é, em muito, superior à razão de crescimento do número de trabalhos/sessões livres apresentadas neste mesmo período, a saber, 86% (**Tabela 8 - Total de trabalhos ou sessões livres apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada no período**). Além da evidente diferença em termos do crescimento relativo total – onde a presença dos vocábulos pesquisados cresceu quatro vezes mais do que o número de trabalhos apresentados – há também uma diferenciação na forma em que se deu o crescimento destas variáveis ao longo das edições do ENANPUR. Na **Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR**, é possível visualizar a curva de crescimento tanto do número de trabalhos apresentados no ENANPUR quanto da presença dos vocábulos pesquisados.

Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Analisando a Tabela 7- Total de Vocábulos relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada, a Tabela 8 - Total de trabalhos ou sessões livres apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada no período e, a Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR é possível observar que, enquanto o número de vocábulos teve um crescimento gradativo a cada edição do evento, apresentando razões de crescimento parciais sempre positivas e bastante significativas, o número total de trabalhos apresentados nos ENANPUR teve seu crescimento marcado por um crescimento abrupto no XII encontro. Esse crescimento repentino configurou duas fases, 2003-2005 e 2007-2009, nas quais os números de trabalhos apresentados permaneceram praticamente estáveis, apresentando ainda leve redução nas edições XI e XIII em relação às respectivas edições precedentes. Ou seja, o repentino crescimento dado na XII edição não se repetiu na XIII edição, permanecendo um salto brusco e isolado na curva de crescimento dessa variável.

A seguir, apresenta-se a **Tabela 9 – Freqüência por vocábulo na X, XI, XII e XIII edição do ENANPUR**, que mostra a ocorrência dos vocábulos pesquisados nos anais das edições selecionadas do ENANPUR.

Tabela 9 – Freqüência por vocábulo na X, XI, XII e XIII edição do ENANPUR

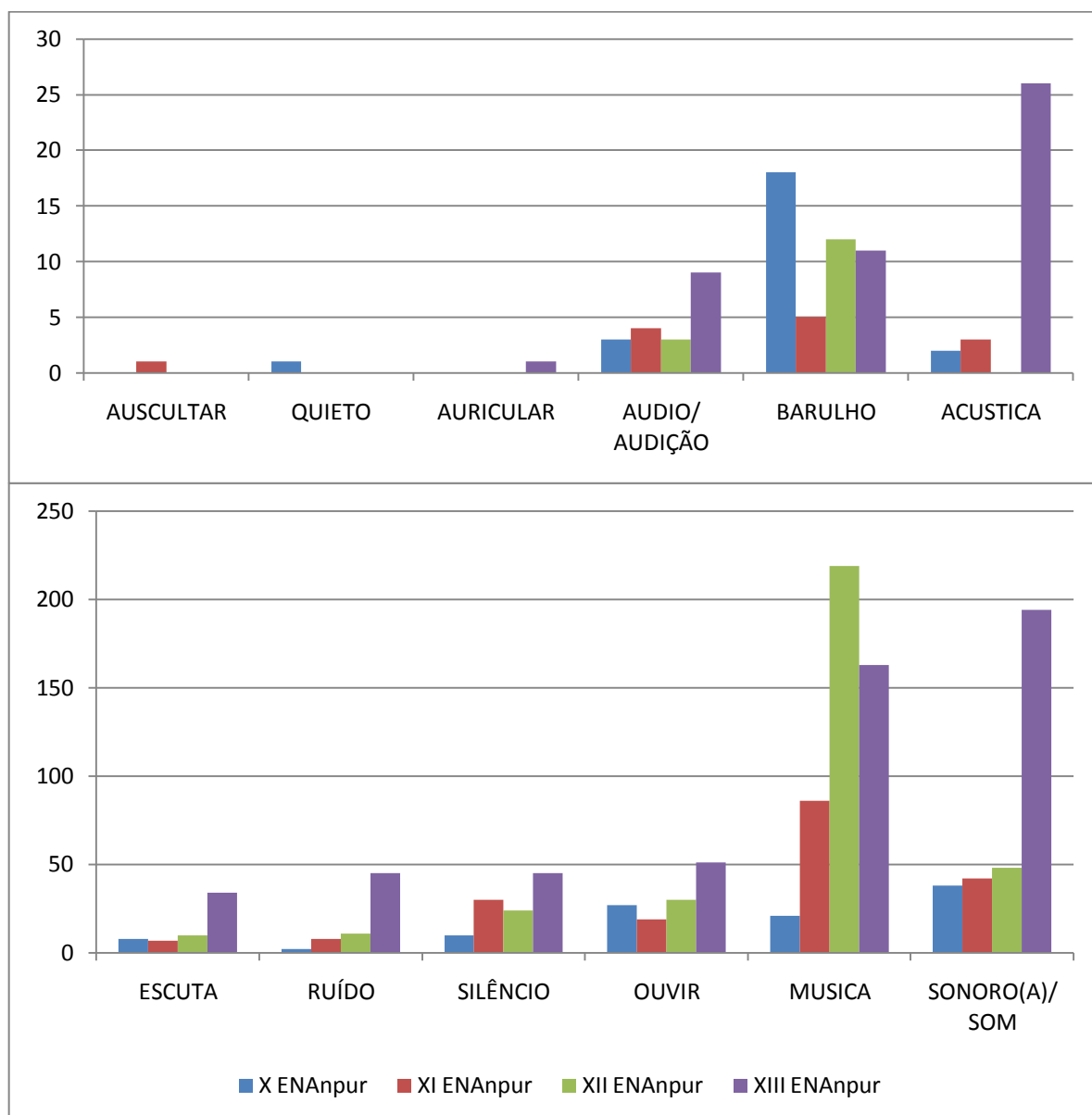
Vocábulo	X ENANPUR	XI ENANPUR	XII ENANPUR	XIII ENANPUR	TOTAL
RUÍDO	2	8	11	45	66
AUDIO/AUDIÇÃO	3	4	3	9	19
SONORO(A)/ SOM	38	42	48	194	322
SILÊNCIO	10	30	24	45	109
BARULHO	18	5	12	11	46
MUSICA	21	86	219	163	489
ESCUITA	8	7	10	34	59
OUVIR	27	19	30	51	127
AURICULAR	0	0	0	1	1
AUSCULTAR	0	1	0	0	1
ACUSTICA	2	3	0	26	31
QUIETO	1	0	0	0	1
TOTAL	130	205	357	579	1271

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Considerando a seqüência temporal dos ENANPUR analisados, nota-se que, de 2003 a 2009, a presença de palavras com potencial associativo à temática sons da cidade foi aumentando gradativamente. Em termos nominais, a contagem total de vocábulos atingiu o número de 1271, distribuídos nas edições do evento da seguinte forma: 130 no X ENANPUR, 205 no XI ENANPUR, 357 no XII ENANPUR e 579 no XIII ENANPUR (conforme apresentado na **Tabela 7- Total de Vocábulos relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados**

nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada). Este dado evidencia que no período observado, na área do conhecimento PUR, houve o incremento no interesse por pesquisar e divulgar conhecimento associado à temática sons da cidade. De forma que as duas últimas edições do ENANPUR correspondem à maior recorrência de todas as palavras-chave pesquisadas, com exceção de “quieto”, “barulho” e “auscultar”.

Figura 9 – Número de Vocábulo por edição do ENANPUR, do X ao XIII encontro

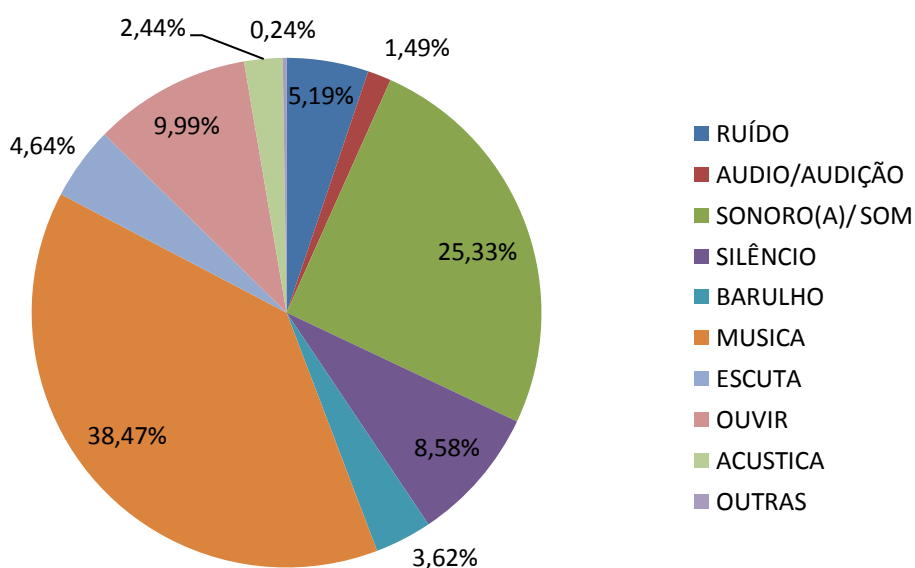


Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

No gráfico anterior (**Figura 9 – Número de Vocábulos por edição do ENANPUR**) observa-se a predominância das últimas duas edições do ENANPUR em relação às outras no que tange à presença dos vocábulos pesquisados.

As palavras-chave “música” e “sonoro(a)/som” corresponderam juntas a mais da metade dos casos onde se identificou recorrência de vocábulos com potencial associativo à temática sons da cidade, destacando-se respectivamente com 489 e 322 ocorrências. Na **Figura 10 - Contribuição de cada vocábulo para o total de recorrências de palavras-chave nos anais da X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR**, podemos observar a importância da contribuição de cada vocábulo para o total de recorrências de palavras-chave encontradas - em ordem decrescente, foi: “música”, “sonoro(a)/som”, “ouvir”, “silêncio”, “ruído”, “escuta”, “barulho”, “acústico” e “outras”.

Figura 10 - Contribuição de cada vocábulo para o total de recorrências de palavras-chave nos anais da X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

É importante lembrar aqui que estes vocábulos podem estar associados a temática sons da cidade ou, ainda, a outras temáticas de pesquisa. Portanto, a partir dos valores dispostos acima, não é possível afirmar que houve constante presença da temática sons da cidade e que esta demonstrou crescimento ao longo dos últimos encontros realizados. Para realizar tal aferição, seria necessário fazer uma análise de conteúdo dos contextos em que os vocábulos apareceram, o que permitiria o estabelecimento da força com que cada um dos vocábulos pesquisados associa-se à temática.

4. SENTIDOS DOS SONS NO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

A partir da contagem da recorrência de palavras-chave potencialmente associadas à temática sons da cidade nos ENANPUR, ficou evidente que os sons da cidade fazem-se presente nos estudos de PUR brasileiros. Se, por um lado, a identificação da recorrência dessa temática nos X, XI, XII e XIII ENANPUR permitiu a observação da crescente presença das palavras-chave escolhidas ao longo das últimas edições do encontro e a visualização de um panorama geral de como ao longo dos últimos anos os sons apareceram no PUR brasileiro, por outro, nesta contagem não ficaram evidentes os sentidos vinculados ao som em cada uma destas recorrências. Assim, não foi possível afirmar que o crescimento de palavras-chave corresponderia a um aumento de pesquisas interessadas em tratar da dimensão audível da cidade. Além disto, tampouco foi possível identificar quais sons são estudados e quais são ignorados, ou, ainda, como estes sons são recortados e posteriormente enunciados no PUR brasileiro.

Tendo em conta que os números que retornaram à contagem das palavras-chave não informavam a respeito das abordagens aos sons da cidade existem no PUR; nem diziam se as recorrências identificadas estavam realmente vinculadas à temática sons da cidade; ou se havia alguma forma consolidada de pensar e apresentar os sons da cidade no PUR, foi realizada uma análise do sentido e do contexto em que as palavras faziam-se presentes, de forma a que fosse possível compreender melhor as maneiras correntes de pensar os sons no PUR e também qualificar os números obtidos através da contagem das palavras-chave.

Foi necessário realizar um recorte nas 1271 unidades de análise coletadas nos anais da X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR para viabilizar o aprofundamento da investigação e permitir que se chegasse à análise do sentido e contexto de recorrência das palavras-chave. Escolheu-se trabalhar com a XIII edição do ENANPUR, devido a dois motivos: primeiro, por ter sido nessa, dentre as quatro edições consideradas, que se concentraram a maior parte das contagens das palavras-chave escolhidas (um total de 579 recorrências); segundo, porque foi também neste encontro no qual foram identificados uma maior variedade de formas de enunciar o fenômeno sons da cidade, visto que nela encontro-se o maior número de palavras-chave selecionadas (dez, das doze consideradas).

Após o recorte das unidades de análise, restritas então aos textos coletados no XIII ENANPUR, passou-se para a realização de procedimentos de organização dos dados que permitissem a análise das palavras-chave em seus contextos. Frente às 579 palavras-chave contadas no XIII ENANPUR, e ao intuito de realizar uma análise dos sentidos vinculados à presença do som através de diversas formas de enunciá-lo (seja como ruído ou como música, ou como ambiente, e assim por diante) optou-se pela utilização do *software* NVivo como estratégia para a visualização simultânea de todas as recorrências e contextos em que apareciam as palavras-chave buscadas, para em momento posterior, analisar a relação entre as palavras-chave em contexto com a temática sons da cidade.

O *software* NVivo é voltado para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, oferecendo a possibilidade de manipulação simultânea de um volume de dados que, manualmente, seriam, se não impossíveis, fruto de trabalho demasiadamente longo. A interface do programa oferece uma série de ferramentas às quais cabe ao

pesquisador avaliar a pertinência e a aplicabilidade à pesquisa em questão. Neste estudo, lançou-se mão da ferramenta de criação de categorias de análise, os *nodes*, e o estabelecimento de vínculos entre essas categorias (*nodes*) e as unidades de análise (*sources*) da pesquisa. No projeto criado, cada palavra-chave deu origem a um *node* ao qual foram vinculados os trechos das unidades de análise onde essas eram localizadas. Desta forma, tornou-se possível agrupar em relatórios por palavras-chave a totalidade de trechos de texto onde apareceu cada uma dos vocábulos pesquisados. Sem o auxílio da manipulação de dados digital não seria possível gerar este tipo de relatório contemplando a totalidade de palavras-chave levantadas no XIII ENANPUR, pois estaria posta demanda por um maior tempo para realização manual de tarefa semelhante, incompatibilizando-se assim sua realização com a duração de pesquisa para dissertação de mestrado. Uma vez importadas para dentro do ambiente de trabalho do software, as unidades de análise poderiam ser manipuladas por meio de codificações, ou seja, de estabelecimento de vínculos entre os *nodes* e os trechos de texto onde as palavras-chave eram localizadas. Um trecho de texto poderia ser vinculado a tantos *nodes* quantas palavras-chave fossem identificadas nele. Desta forma se uma frase hipotética versasse sobre a música das ruas oriunda dos ruídos do tráfego e dos sons dos pássaros, esse trecho de texto seria vinculado aos seguintes *nodes*: música; ruído; e, som. Outra possibilidade posta pelo ambiente de trabalho do NVivo é a recodificação automática dos vínculos de um *node*, que pode ser direcionada tanto para outro *node*, quanto pode servir para o agrupamento de vínculos na conformação de um conjunto (*set*). Nesta pesquisa, o recurso de recodificação foi utilizado para agrupar as palavras-chave em conjuntos, elaborados a partir das semelhanças na forma de abordar e enunciar os sons identificadas nas unidades de análise.

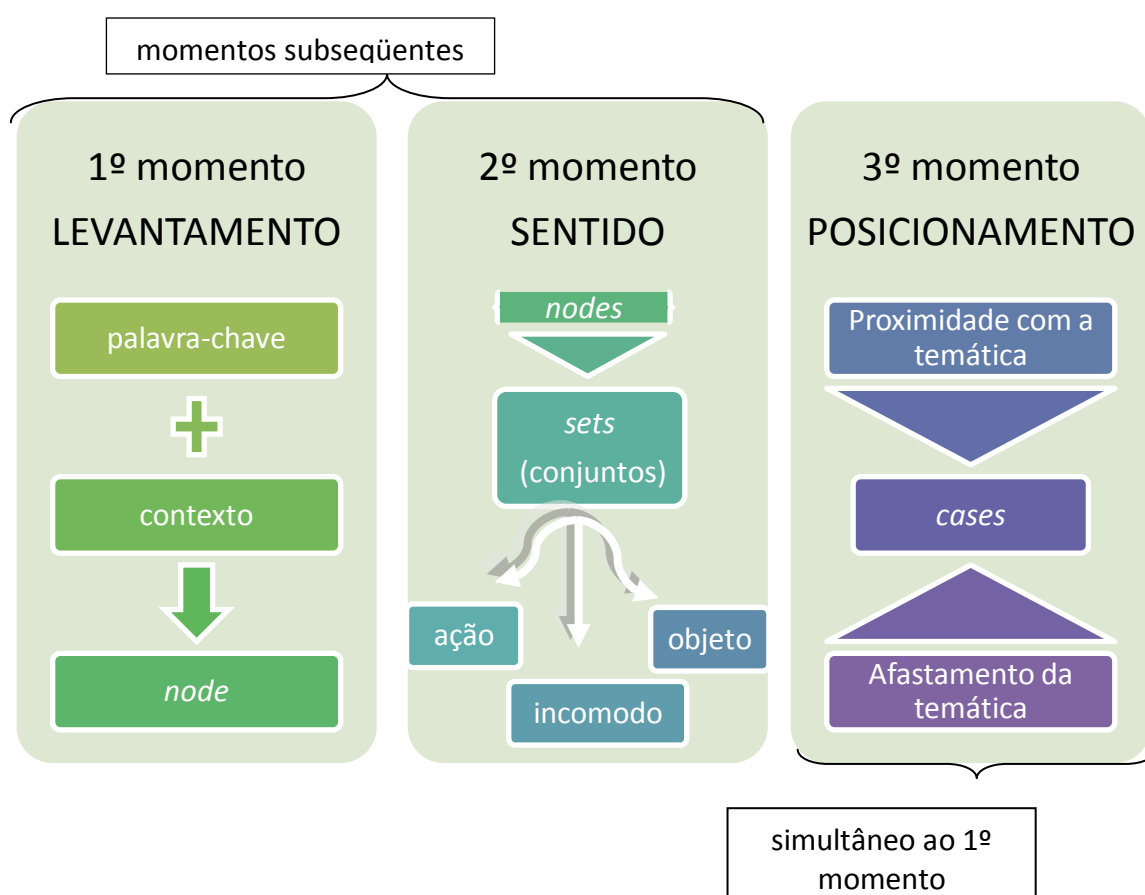
Nas unidades de análise foram realizadas buscas por palavra-chave através das ferramentas *Text Search Query* e *Find*. As buscas se deram no texto completo, considerando inclusive citações, títulos e subtítulos, referências bibliográficas e notas de rodapé. Optou-se pela codificação caso a caso, e não pela codificação automática dos resultados de busca, para permitir contato da pesquisadora com os trechos dos textos onde se localizavam os vocábulos e, assim. Visou-se, com isso, ganhar familiaridade com as presenças dos sons da cidade nos textos em PUR, e dar início ao refinamento de sua análise.

A cada trecho do texto onde se localizava um vocábulo integrante da lista de palavras-chave selecionadas, realizava-se uma codificação deste. Ou seja, era realizado um *link* entre o trecho de texto e o *node* correspondente ao vocábulo, gerando assim uma Unidade de Texto (UT) codificada no *node* em questão. Esta codificação permitiu a visualização simultânea em forma de relatório de todos os trechos de textos dos anais da XIII ENANPUR onde se identificou, por exemplo, a palavra ruído. São apresentados, a seguir, os três diferentes momentos de codificação que estiveram presentes na análise dos sons da cidade nos textos em PUR, que também podem ser visualizados na **Figura 11 – Etapas da codificação**.

No primeiro momento, as unidades de análise coletadas foram submetidas novamente a um processo de busca por palavras-chave, com vistas à realização de codificação de cada recorrência com potencial associativo à temática sons da cidade. Cada palavra-chave utilizada para a realização de busca deu origem a um *node*, que tinha como intuito agrupar trechos das unidades de análise onde uma mesma palavra-chave fazia-se presente. Desta forma, foram criados 11 nós, cada um correspondendo a uma palavra-chave: acústica, áudio, auricular, barulho,

escuta, música, ouvir, ruído, silêncio, som, sonoro. Não foram criados nós para as palavras-chave que não foram recorrentes no XIII ENANPUR, a saber, quieto e auscultar. E, os vocábulos som e sonoro que inicialmente foram contados como uma única palavra-chave foram aqui desmembrados, passando cada um deles a corresponder a um nó.

Figura 11 – Etapas da codificação



No segundo momento, com objetivo de chegar à compreensão de sentidos atrelados à enunciação dos sons da cidade no PUR, as unidades de texto codificadas por palavra-chave foram analisadas e posteriormente agrupadas em três conjuntos de acordo com a forma mais comum de presença do som. Destaca-se aqui que não haviam categorias pré-definidas para o agrupamento das semelhanças

nos no tratamento da temática sons da cidade. E que, por esse motivo, a partir da situação observada no *corpus* de pesquisa que se sistematizou os seguintes conjuntos: (A) sons apareciam como uma ação ou resultado de uma ação; (B) se apareciam através da expressão de um juízo de valor ou da escuta dos sons quando estes de alguma forma geravam um incômodo; (C) se os sons faziam-se presentes como objetos a partir dos quais poderiam ser agenciadas paisagens, ambientes, músicas.

No terceiro e último momento de codificação, para analisar a relação de cada uma das UTs com a temática sons da cidade, foram criados dois *cases*: um representando a associação e outro a dissociação à temática. Foram analisados os trechos de texto que davam conteúdo a cada um dos *nodes* criados e estabelecidas relações entre essa UT e os *cases* em termos de proximidade e distanciamento em relação à temática sons da cidade, sendo que todas as UTs foram classificadas em relação a um ou outro *case*.

4.1. LEVANTAMENTO DAS PALAVRAS CHAVE E CODIFICAÇÃO: NODES

Nessa etapa da codificação das unidades de análise, foram vinculados trechos dos textos aos nós correspondentes às palavras-chave identificadas nestes mesmos trechos. Das onze palavras-chave aqui utilizadas para realizar as buscas, música e ouvir foram as mais frequentes nas unidades de análise, evidenciando que essas palavras-chave estão presentes num maior número de trabalhos, aparecendo respectivamente em 28 e 26 textos. Em relação à quantidade de vezes que foi tecido um vínculo entre um *node* e um trecho de texto, as palavras-chave música e som foram as mais numerosas, tendo sido codificadas respectivamente 108 e 81 vezes.

Observam-se na **Tabela 10 – Unidades de análise e palavras-chave codificadas por node** os totais referentes à codificação das palavras-chave nos anais do XIII ENANPUR, tanto em relação ao número de trabalhos onde elas foram recorrentes (coluna 1. Unidades de análise - source), quanto em relação à quantidade de codificações realizadas, ou seja, o número total de ocorrências de cada vocábulo contando-se as repetições dentro de um mesmo texto, (coluna 2. Palavras-chave codificadas - *coding references*). Ainda nessa tabela pode-se verificar que, em 158 dos 344 trabalhos apresentados no XIII ENANPUR, fizeram-se presentes palavras-chave com potencial associativo à temática sons da cidade. Ou seja, os sons estiveram presente de alguma forma em 45,93% dos trabalhos apresentados no evento.

Tabela 10 – Unidades de análise e palavras-chave codificadas por node

	1. Unidades de análise - source	2. Palavras-chave codificadas - coding references
Acústica	5	25
Áudio	5	9
Auricular	1	1
Barulho	10	11
Escuta	11	32
Música	28	108
Ouvir	26	51
Ruído	15	34
Silêncio	27	39
Som	17	81
Sonoro	13	45
TOTAL	158	436

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

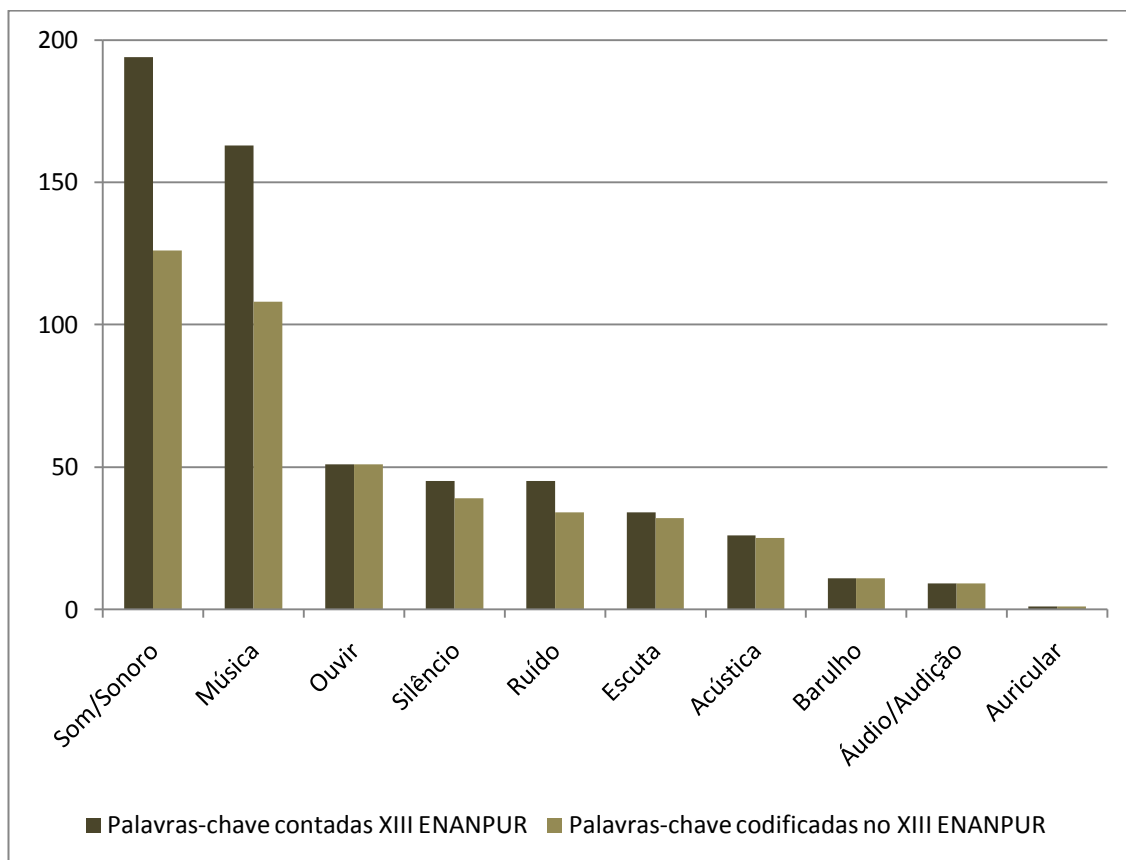
Analisando a **Tabela 7- Total de Vocábulo**s relacionados ao tema sons da cidade presentes nos trabalhos apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada, a **Tabela 8 - Total de trabalhos**

ou sessões livres apresentados nas X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR e razão de crescimento acumulada no período e, a **Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR** é possível observar que, enquanto o número de vocábulos teve um crescimento gradativo a cada edição do evento, apresentando razões de crescimento parciais sempre positivas e bastante significativas, o número total de trabalhos apresentados nos ENANPUR teve seu crescimento marcado por um crescimento abrupto no XII encontro. Esse crescimento repentino configurou duas fases, 2003-2005 e 2007-2009, nas quais os números de trabalhos apresentados permaneceram praticamente estáveis, apresentando ainda leve redução nas edições XI e XIII em relação às respectivas edições precedentes. Ou seja, o repentino crescimento dado na XII edição não se repetiu na XIII edição, permanecendo um salto brusco e isolado na curva de crescimento dessa variável.

A seguir, apresenta-se a **Tabela 9 – Freqüência por vocábulo na X, XI, XII e XIII edição do ENANPUR**, que mostra a ocorrência dos vocábulos pesquisados nos anais das edições selecionadas do ENANPUR.

Tabela 9 – Freqüência por vocábulo na X, XI, XII e XIII edição do ENANPUR, constam valores referentes à contagem de palavras-chave nos anais dos ENANPUR, e observam-se variações entre o número total de palavras-chave contadas e o número de palavras-chave codificadas, respectivamente 579 e 436. Na **Figura 12 – Variação no número de palavras-chave codificadas e contadas no XIII ENANPUR** visualizam-se as variações ocorridas em cada uma das palavras-chave contadas e codificadas no XIII ENANPUR.

Figura 12 – Variação no número de palavras-chave codificadas e contadas no XIII ENANPUR



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

A variação no número de palavras-chave observada na **Figura 12 – Variação no número de palavras-chave codificadas e contadas no XIII ENANPUR** decorre de dois fatores, que estão diretamente ligados aos objetivos da realização de etapas distintas desta pesquisa. Primeiro, de um momento de aproximação mais ampla à presença dos sons no conhecimento produzido em PUR através das teses e dissertações do PROPUR/UFRGS e dos anais dos X, XI, XII, XIII ENANPUR e segundo, de um momento onde se pretendia um olhar aprofundado em relação às formas e sentidos recorrentes no tratamento dos sons no PUR através dos anais do XIII ENANPUR. Pontua-se que o objetivo na contagem por recorrência de palavras-chave era levantar os totais referentes à presença de termos que poderiam ser

associados à temática sons da cidade. Já na codificação, o objetivo principal era refinar a contagem realizada anteriormente de forma a permitir a análise dos sentidos vinculados ao tratamento dos sons no âmbito do PUR, além de verificar se as palavras contadas poderiam ou não ser vinculadas a temática sons da cidade. O primeiro e mais influente fator na diminuição de valores aqui referida foi a recorrência repetida numa mesma frase de uma palavra, que pode ser visualizado na **Unidade de Texto I**, onde a palavra ruído aparece duas vezes, sendo então codificada apenas uma vez.

Unidade de Texto I

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST7\GT7-283-561-20081220120342>](#)

Sob a ótica (ou a audição) de Attali, o **ruído** entra novamente na música um pouco antes dos conflitos e guerras do Século XX, ou seja “antes da ascensão do **ruído** social” (ATTALI, 1996, p. 10). (ARAGÃO, 2009) (destaque nosso)

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

A decisão por codificar apenas uma e não duas vezes uma mesma palavra-chave quando esta se repetia numa frase foi tomada devido a que o foco da presente etapa da pesquisa que não consistia mais numa contagem para identificação da presença dos sons no PUR, mas sim para a análise os sentidos comuns e predominantes acionados por cada palavra-chave. Aqui, portanto, a codificação repetida de múltiplas recorrências de uma palavra-chave numa mesma sentença não traria contribuições para a análise de sentidos. O segundo fator participante na diminuição do total de palavras-chave contadas para o total de palavras-chave codificadas foi a aparição de palavras-chave como nome de editoras, a saber: Ed. Escuta e Ed. John Wiley and Sons, que foram consideradas

por ocasião da contagem de palavras-chave, mas que não foram incluídas na codificação por serem nomes próprios e não expressões em contexto.

Assim, conforme apresentado no **Quadro 2 – Codificação e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR em comparação à frequência e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR e no período correspondente ao X, XI, XII e XIII ENANPUR**, na codificação houveram 436 vínculos estabelecidos entre palavras-chave e seus respectivos *nodes*, em vez de haver uma repetição do valor obtido através da contagem no XIII ENANPUR de 579 palavras-chave.

Quadro 2 – Codificação e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR em comparação à frequência e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR e no período correspondente ao X, XI, XII e XIII ENANPUR

	Palavras-chave codificadas no XIII ENANPUR (coding references)		Palavras-chave contadas XIII ENANPUR		Total de Palavras-chave contadas (X à XIII ENANPUR)	
	ABSOLUTO	ORDEM	ABSOLUTO	ORDEM	ABSOLUTO	ORDEM
Som/Sonoro	126	1 ^o	194	1 ^o	322	2 ^o
Música	108	2 ^o	163	2 ^o	489	1 ^o
Ouvir	51	3 ^o	51	3 ^o	127	3 ^o
Silêncio	39	4 ^o	45	4 ^o	109	4 ^o
Ruído	34	5 ^o	45	4 ^o	66	5 ^o
Escuta	32	6 ^o	34	5 ^o	59	6 ^o
Acústica	25	7 ^o	26	6 ^o	31	8 ^o
Barulho	11	8 ^o	11	7 ^o	46	7 ^o
Áudio/Audição	9	9 ^o	9	8 ^o	19	9 ^o
Auricular	1	10 ^o	1	9 ^o	1	10 ^o
Quieto	0	11 ^o	0	10 ^o	1	10 ^o
Auscultar	0	11 ^o	0	10 ^o	1	10 ^o
TOTAL	436	-	579	-	1271	-

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Podemos observar-se no **Quadro 2 – Codificação e ordenamento por palavras-chave no XIII ENANPUR em comparação à frequência e ordenamento por**

palavras-chave no XIII ENANPUR e no período correspondente ao X, XI, XII e XIII ENANPUR que a ordem de contribuição das palavras-chave na participação dos sons no PUR mantém-se predominantemente a mesma tanto na contagem quanto na codificação destas. Destaca-se aqui que a aproximação à presença dos sons no XIII ENANPUR através de dois procedimentos metodológicos distintos, contagem e codificação, levou à construção de cenários idênticos em relação às palavras-chave. Contribuindo assim para uma maior confiabilidade dos resultados obtidos.

Ressalta-se que o ordenamento de palavras-chave encontrado no período correspondente ao X, XI, XII e XIII ENANPUR difere, mesmo que de modo sutil, do identificado no XIII ENANPUR. Quando considerados o total de palavras-chave nas últimas quatro edições do ENANPUR há uma inversão nas primeiras duas posições, passando a música a contribuir menos do que som/sonoro no XIII ENANPUR. A partir da observação dessa inversão, pode-se questionar se ela está informando sobre uma mudança na forma em que os sons são tratados no PUR, ou se ela consiste num fato isolado ocorrido na XIII edição do evento. Responder esta última questão demandaria um trabalho que não seria viável agora, pois seria necessário comparar com edições futuras do ENANPUR, mas mesmo assim deve ser aqui registrada a importância de se esclarecer esse ponto em pesquisas futuras.

4.2. DOS SENTIDOS PREDOMINANTES POR PALAVRA-CHAVE AO SEU AGRUPAMENTO: SETS

A partir do agrupamento das recorrências dos sons da cidade nos textos em PUR pelos sentidos predominantes na utilização de cada uma das palavras-chave, verificou-se que as referências ao fenômeno som como objeto a partir do qual se

conformam um ambiente, ou uma paisagem, ou músicas, foi conjunto o mais numeroso, tanto se consideradas as palavras-chave codificadas (63%) quanto se consideradas a quantidade de trabalhos (unidades de análise) onde foram identificadas palavras-chave (40%). A forte presença da apreensão dos sons como objetos – correspondente ao conjunto (C) Sons como objeto – pode ser observada no **Quadro 3**, e visualizada nas **Figura 13** e **Figura 14**, apresentadas a seguir.

Quadro 3 - Quantidade de fontes (*sources*) e codificações (*coding references*) das palavras-chave por *node* em relação aos conjuntos (*sets*), sendo eles (A) Sons como ação, (B) Sons que incomodam e (C) Sons como objeto

sets \ nodes	(A) Sons como ação		(B) Sons que incomodam		(C) Sons como objeto		TOTAL	
	<i>sources</i>	<i>coding references</i>	<i>sources</i>	<i>coding references</i>	<i>sources</i>	<i>coding references</i>	<i>sources</i>	<i>coding references</i>
Acústica	0	0	0	0	5	25	5	25
Áudio/Audição	5	9	0	0	0	0	5	9
Auricular	1	1	0	0	0	0	1	1
Barulho	0	0	10	11	0	0	10	11
Escuta	11	32	0	0	0	0	11	32
Música	0	0	0	0	28	108	28	108
Ouvir	26	51	0	0	0	0	26	51
Ruído	0	0	15	34	0	0	15	34
Silêncio	0	0	27	39	0	0	27	39
Som/Sonoro	0	0	0	0	30	126	30	126
TOTAL	43	93	52	84	63	259	158	436

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Figura 13 - Sentidos recorrentes dos sons, por conjunto, em relação ao total de fontes consultadas (unidades de análise - *sources*), no XIII ENANPUR

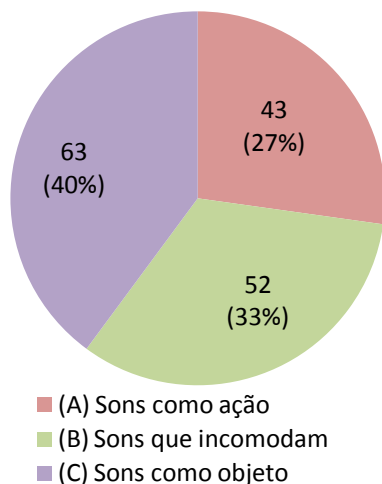
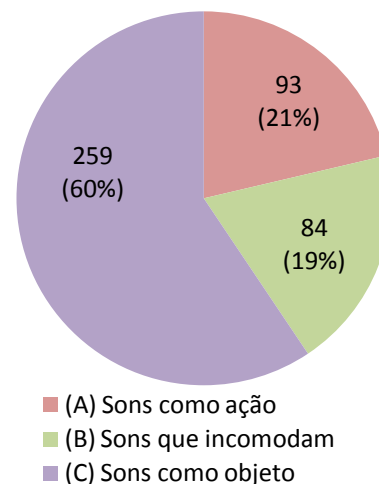


Figura 14 - Sentidos recorrentes dos sons, por conjunto, em relação ao total de palavras-chave codificadas (*coding references*), no XIII ENANPUR



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Ainda no **Quadro 3**, na **Figura 13** e na **Figura 14** verifica-se que as menções onde sons apareciam como uma ação ou resultado de uma ação – agrupadas no conjunto (A) Sons como ação – foram o segundo sentido mais recorrente, correspondendo a 21% do total de palavras-chave codificadas. Se considerada a quantidade de trabalhos pertencentes ao conjunto (A) Sons como ação, em comparação com o conjunto (B) Sons que incomodam, nota-se que o primeiro deixa de ser o segundo e passa a ser o terceiro sentido mais recorrente, aparecendo em 27% dos trabalhos do XIII ENANPUR onde a presença de palavras-chave com potencial associativo a temática sons da cidade foi verificada.

Assim, observa-se também no **Quadro 3**, na **Figura 13** e na **Figura 14**, que o conjunto (B) Sons que incomodam caracterizou-se como o segundo sentido mais numeroso em relação ao número de trabalhos abrangidos, correspondendo a 33% do total de unidades de análise. Esse conjunto englobou as ocorrências onde se

associa o som a uma situação ou um sentimento de incômodo, falava-se aí de ruído, barulho, silêncio evidenciando a atribuição de juízo de valor em relação ao fenômeno sonoro. Se considerada a quantidade de palavras-chave codificadas, porém, o sentido agrupado no conjunto (B) Sons que incomodam deixa de ser o segundo e passa a ser o terceiro mais recorrente, com 19% do total de codificações.

Foram expostos, até aqui, os procedimentos e resultados da codificação das palavras-chave em *nodes*; o subsequente agrupamento dos *nodes* em conjuntos (*sets*); e a participação de cada um desses conjuntos no total de recorrências dos sons no XIII ENANPUR. A seguir, são apresentados, acompanhados de trechos de textos coletados nas unidades de análise, os sentidos predominantes em cada palavra-chave que permitiram a construção dos conjuntos (A) Sons como ação, (B) Sons que incomodam e (C) Sons como objetos.

4.2.1. (A) SONS COMO AÇÃO

Áudio/audição, auricular, escutar, ouvir: estes foram os *nodes* que deram origem ao primeiro conjunto de referências aos sons. As aparições dessas palavras-chave ora indicam modos de fazer, de realizar uma ação – audição, ouvir ou ainda, escutar – ora a adjetivação de um sujeito que realiza a prática, a ação ou acontecimento. Os vocábulos aparecem associados à ação de apreender um som através do sentido da audição. Nos anais do XIII ENANPUR, o som que é escutado, ouvido, captado através da audição caracteriza-se, e neste sentido pode ser diferenciado, como fala, opinião, som da cidade, som do ambiente, música ou rádio.

Foram aqui identificadas quatro variações dentre os sentidos recorrentes na presença dos sons. A primeira dessas consiste na escuta, ou na possibilidade de escuta, de falas, de opiniões de sujeitos. Essa forma de presença de palavras-chave corresponde aos casos nos quais o potencial associativo contido na palavra-chave em relação à temática sons da cidade não se realiza, pois o que está sendo enunciado tem mais relação com a escuta de opiniões do que do fenômeno sonoro.

Na **Unidade de Texto II** e na **Unidade de Texto III**, coletadas a partir de buscas pelas palavras-chave escuta e ouvir, pode-se verificar como estas palavras podem associar-se tanto à ação de apreensão do fenômeno sonoro como também a ações de outro alcance.

Unidade de Texto II

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST6\GT6-692-535-20081220105121>](file:///C:/Internals/XIII%20ENANPUR/Sessões%20Temáticas/ST6/GT6-692-535-20081220105121/)

Reference 1 - 0,80% Coverage

Neste sentido, **ouvimos** técnicos de prefeituras, lideranças comunitárias, membros de assessoria técnica e lideranças de movimentos organizados, o intuito deste procedimento foi o de recuperar a memória do processo de ocupação das favelas pesquisadas e estabelecer relações com o início do processo de comercialização.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Unidade de Texto III

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST8\GT8-280-275-20090308125346>](file:///C:/Internals/XIII%20ENANPUR/Sessões%20Temáticas/ST8/GT8-280-275-20090308125346/) - § 1 reference coded [0,52% Coverage]

Reference 1 - 0,52% Coverage

Convidam-se os técnicos e os tecnocratas a dar sua opinião; são **escutados** atentamente (ainda que não sempre), porém não decidem. Em que pese seus esforços para erigir-se em classe, não logram sair do status a que estão impostos, o de um grupo de pressão ou o de uma casta..." (LEFÈBVRE, 1983, p.158)

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Outra variante da presença dos sons como ação consiste na escuta dos sons de um lugar, de um ambiente, que pode ser observada **Unidade de Texto IV** onde fala-se sobre a possibilidade de escuta dos sons de um córrego. Nestes casos, a experiência de estar no lugar aparece como que permeada por aspectos sensíveis, tais como a audição e a visão, conforme **Unidade de Texto V**, onde tendo Simmel como referência são destacadas características da vida na cidade. A experiência auditiva surge então como forma de vivenciar a cidade. Há, em algumas referências, o reconhecimento de uma posição de sujeito que escuta o lugar. E esta escuta pode culminar com a emergência de uma comunidade ou de hábitos auditivos. É apontado ainda, que a escuta de um lugar produz elementos para que se forme uma imagem do lugar. Nesta variação, os sons são tratados como características intrínsecas e influentes do estar na cidade.

Unidade de Texto IV

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST6\GT6-533-951-20090322235008>](#) - § 1 reference coded [0,58% Coverage]

Reference 1 - 0,58% Coverage

As manifestações sensíveis deste último córrego principiam na altura da rua Gregório Serrão, graças a bocas de lobo por onde se pode **ouvir** o som das águas que passam a vários metros de profundidade.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Unidade de Texto V

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST3\GT3-209-776-20081220191037>](#) - § 1 reference coded [0,85% Coverage]

Reference 1 - 0,85% Coverage

Em 1902, Simmel já nos fala que o homem que mora na metrópole enfrenta todos os dias, um turbilhão de estímulos, especialmente visuais e **auditivos**. Segundo ele, o homem da metrópole, atordoado com tantos estímulos, se esgota e torna-se muitas vezes incapaz de reagir, como seria esperado, a todos esses estímulos. Nesse ponto, as pessoas partem para um comportamento de atitude ou ar *blasé* na grande cidade, isto é, aquilo que é exatamente “a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada” (SIMMEL, 1987).

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Se, na escuta de opiniões nota-se uma dissociação das unidades de texto em relação aos sons da cidade, ao analisar unidades de texto vinculadas ao que se denomina a escuta do lugar, o potencial de associação das palavras-chave escuta, ouvir e audição concretizam-se em relação aos sons da cidade.

Uma terceira variação da presença de palavras-chave privilegiando um caráter ativo, põem em evidência a existência de um aparelho auditivo, de um ouvido. E, uma quarta, e última variação conta sobre a ação de escutar músicas e, também de ouvir programas de rádio, que pode ser verificadas nas **Unidade de Texto VI e Unidade de Texto VII.**

Unidade de Texto VI

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST7\GT7-288-672-20081220165736>](#) - § 2 references coded [1,25% Coverage]

Reference 1 - 0,98% Coverage

Assim, são territórios apropriados para conversarem, ficar à toa em seu momento de não fazer nada e para **escutar** a sua música preferida, abrindo espaço para aquelas bandas que precisam se estabelecer no cenário underground e também porque não há outros locais disponíveis para as apresentações das bandas.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Unidade de Texto VII

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST7\GT7-106-37-20081126144622>](#) - § 1 reference coded [0,54% Coverage]

Reference 1 - 0,54% Coverage

Com relação a este aspecto, os moradores costumam exemplificar que, em caso de doença, além de disporem de hospitais, têm a quem recorrer. À noite as pessoas podem sair e parar nas ruas, apreciar vitrines iluminadas, ouvir música, têm diversões como cinema, televisão e conversas nas casas dos conhecidos.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

4.2.2. (B) SONS QUE INCOMODAM

Neste conjunto foram agrupadas as unidades de texto coletadas a partir das buscas pelas palavras-chave: ruído, barulho e silêncio. Nestas surgiram basicamente duas distintas formas de presença da temática dos sons, uma primeira destacando correlação entre som e problema, ruído, barulho; e outra referente à prática de silenciar opiniões, falas, sujeitos sociais. Fizeram-se presentes também referências sobre as transformações na forma como o ruído era pensado no âmbito da música de concerto. E ainda sobre o ruído como elemento que interfere e prejudica a comunicação.

O fio que permitiu alinhar estas duas formas de presença de palavras-chave com potencial associativo à temática sons da cidade foi a identificação da operação de juízos de valor, atribuídos seja a sons de um determinado local, seja às práticas de silenciar. Não raro, estes juízos de valor apareciam acompanhados de posicionamentos ideológicos de quem os expressava.

Unidade de Texto VIII

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST2\GT2-166-663-20081220173900>](#) - § 1 reference coded [0,28% Coverage]

Reference 1 - 0,28% Coverage

A partir do final dos anos 1980 nota-se um **silêncio** consternado, “tendo o tema planejamento *strictu sensu* praticamente desaparecido da cena acadêmica brasileira”.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Nos casos de silenciamento de sujeitos, uma vontade de que estes sujeitos não fossem silenciados aparecia como elemento às vezes implícito, e às vezes explícito. Na **Unidade de Texto VIII**, observa-se como o silêncio é remetido com caráter crítico, como se fosse um incômodo. Nos casos em que os ruídos do tráfego

– **Unidade de Texto IX**, ou barulho dos jovens eram apresentados, havia também a presença de ímpeto de neutralizar estas manifestações sonoras.

Unidade de Texto IX

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST4\GT4-519-845-20081220213340>](#) - § 1 reference coded [2,45% Coverage]

Reference 1 - 2,45% Coverage

Diante da presença significativa do automóvel nas cidades brasileiras, a pesquisa procura verificar os parâmetros adotados pelos instrumentos legais para a criação de áreas que poderiam contribuir para minimizar as emissões de **ruidos** e fumaças provocadas pelos veículos motorizados. Para tanto, inicia com uma análise comparativa entre os índices de verde por habitante e por veículo, encontrados atualmente em Fortaleza, e os índices previstos para a cidade pela Lei de Uso e Ocupação do Solo, LUOS - Lei nº 7987/96.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Pode-se ainda observar que o som, ver **Unidade de Texto X**, também é apresentado como barulho característico da cidade, principalmente a partir do advento da revolução industrial e do crescente advento das máquinas.

Unidade de Texto X

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST4\GT4-1042-914-20090319230319>](#) - § 1 reference coded [1,30% Coverage]

Reference 1 - 1,30% Coverage

Segundo Keith Thomas (1983), o preservacionismo seria fruto de um processo de revalorização da natureza pela sociedade ocidental que teve início durante o período moderno na Europa. Para este autor, a valorização do mundo natural não só data do período moderno como também é fruto das transformações intrínsecas à modernidade, entre elas a superpopulação das cidades, a poluição gerada pela crescente atividade industrial, o aumento do **barulho** e uma maior separação entre o campo e a cidade. Desta forma, a antiga crença de que a natureza tinha sido criada apenas para o proveito do homem – baseada no cristianismo e em uma determinada interpretação da Bíblia – foi gradualmente encontrando contestações.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Os sentidos aqui atrelados aos sons remetem geralmente a um sentimento de negatividade, de problema, de incômodo, consolidado em adjetivações como: insalubridade, poluição, caos. Que pode ser observado na **Unidade de Texto XI**. O controle social acompanhado de uma vontade de higienização da cidade, semelhante à proposta do urbanismo no início do século XX, caracteriza parcialmente as recorrências em relação aos sons da cidade agrupadas nesse conjunto.

Unidade de Texto XI

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST5\GT5-1055-1017-20090319213301>](#) - § 1 reference coded [1,73% Coverage]

Reference 1 - 1,73% Coverage

Da mesma forma que o morador, para o não-morador o comércio existente na Levada exerce um importante papel na construção de sua imagem, principalmente porque o lugar é associado ao grande fluxo de pedestres desencadeado por esta atividade. Assim, tanto para os moradores e não - moradores participantes da pesquisa, quando se menciona a palavra Levada, a primeira coisa que lhe vem à cabeça é grande número de pessoas que se deslocam pelo bairro (figura 07). Para os moradores este aspecto é um ponto positivo, pois além de proporcionar o convívio social, também proporciona um grande número de vendas. Já para os não moradores é um ponto negativo porque está fortemente associado à feira, despertando sensações de confusão, **barulho** e caos.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

4.2.3. (C) SONS COMO OBJETOS

A linha que permitiu costurar as palavras-chave acústica, música, som, sonoro em uma categoria, foi a delimitação do som como objeto que pode a partir de combinações dar forma e conteúdo para outras figurações. Enquanto que a parecença na forma de pensar e tratar os sons da cidade como objetos constitui-se como linha que costura as palavras-chave nesse conjunto, nota-se que a partir da aproximação dos textos dão-se a ver diferenças. Diferenças num mesmo

significante, por exemplo, o conteúdo da palavra sonora quando associada à poluição, poluição sonora, em relação esta mesma palavra quando associada à paisagem, paisagem sonora. Difere também o carro de som do som dos carros. Os significantes alinhavados no conjunto das presenças dos sons no PUR como objeto, resultaram no grupo mais volumoso, tanto em relação às unidades de análise nas quais foram encontradas palavras-chave, quanto no que toca à quantidade de palavras-chave codificadas.

Algumas recorrências da palavra-chave acústica juntamente com som dizem sobre a possibilidade de isolar os sons de um ambiente em relação aos sons de outro ambiente, pondo em perspectiva um entendimento dos sons como elemento que deve ser barrado. O som ambiental é apresentado como objeto que pode configurar paisagens sonoras, ou adjetivar a cidade como fator poluente, a saber, poluição sonora. A poluição sonora enfatiza o som como elemento negativo no espaço urbano, e é acompanhada de adjetivações que reforçam a tendência do som em desqualificar o ambiente urbano: insalubridade, impactante, periculosidade, prejudicialidade. Na **Unidade de Texto XII** e na **Unidade de Texto XIII** podem ser observados exemplos do som como aspectos associados à poluição.

Unidade de Texto XII

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST4\GT4-1126-1072-20090108113438>](#) - § 1 reference coded [1,08% Coverage]

Reference 1 - 1,08% Coverage

Por fim, trabalhadores, empresários e outros cidadãos que forem *prejudicados com o fim da exploração* (ou de outras fases) e com os resíduos e outras coisas deixados pelo empreendimento; *Impactados ambientalmente* – os que foram influenciados por mudanças no meio físico, no ecossistemas e na paisagem (poluição, assoreamentos, variação químico-física da condição da água e ar, mortandade e contaminação de animais, diminuição do lençol freático, **impactos sonoros** e de odores etc.).

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Unidade de Texto XIII

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST4\GT4-537-343-20081219022303>](#) - § 1 reference coded [0,42% Coverage]

Reference 1 - 0,42% Coverage

A expansão urbana também resulta no aumento de circulação de veículos, com rápida deterioração dos pavimentos e aumento da **poluição sonora** e do ar, prejudicando os hábitos da fauna local e a tranqüilidade do lugar.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Por outro lado, quando associada à noção de paisagem, formando a palavra-chave composta paisagem sonora, despontam outras facetas do som além, das já mencionadas a partir da poluição sonora. A paisagem sonora põe em destaque a participação dos sons no que se reconhece como espaço. E, problematiza a composição sonora das cidades, sem deixar de lado porém, a vontade de higienizar a paisagem sonora urbana. O som é também recorrente neste conjunto de unidades de análise como objeto projetado a partir de aparelhos de som e, principalmente, carros de som.

Se o som, a paisagem e a poluição sonora trazem à vista nas suas recorrências tendência em apresentar os sons como elementos que podem desqualificar o espaço, a música desponta como objeto sonoro que participa de maneira mais positiva na apreensão do espaço que pode ser lida na **Unidade de Texto XIV** e na **Unidade de Texto XV**. A música aparece como arte, como ofício, como manifestação de práticas culturais, como parte integrante do espaço vivido.

Unidade de Texto XIV

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST2\GT2-154-200-20081216091008>](#) - § 1 reference coded [0,98% Coverage]

Reference 1 - 0,98% Coverage As marcas da memória suburbana na região do ABC também podem ser verificadas na resistência cultural de muitos grupos envolvidos na manifestação de práticas culturais característica de áreas rurais como folia de reis, congada, catira e samba-lenço, que em momentos festivos percorrem as ruas da cidade. A **música caipira** é também uma manifestação vivenciada na cidade em especial com a apresentação da Orquestra de Violeiros de Mauá.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

Unidade de Texto XV

[<Internals\XIII ENANPUR\Sessões Temáticas\ST1 - Políticas públicas e planejamento urbano e regional\GT1-34-34-20081202122028>](#) - § 1
reference coded [1,59% Coverage]

Reference 1 - 1,59% Coverage

A partir do que já foi exposto, portanto, entender-se-á aqui por espaços públicos, *locus* privilegiados de vida urbana e social, como aqueles espaços vividos e construídos no *cotidiano*, nas relações de proximidade que a própria esfera pública contemporânea promove e que possibilitam àqueles que a freqüentam amplas formas de uso e apropriação de acordo com os seus vários e múltiplos anseios, desejos, paixões etc. – por meio do lúdico, da **música**, das artes, do falar junto, do tête-à-tête, dos jogos de interpretações, do lazer que pressuponha o uso e a apropriação do corpo etc. – que compõe os múltiplos sentidos da existência humana.

Fonte: Banco de dados Sons da Cidade, elaborado a partir dos anais do XIII ENANPUR.

4.3. E A TEMÁTICA SONS DA CIDADE NO PUR?

Partindo do reconhecimento dos sons como componentes da cidade concernentes ao PUR, discorre-se aqui sobre as formas observadas dessa temática de pesquisa fazer-se presente na área do conhecimento em questão. A temática sons da cidade aparece na literatura como objeto de reflexão recente, e sua emergência parece atrelar-se à transformações no campo do saber nas quais se inserem o PUR. Além disto, conforme discutido anteriormente, as palavras-chave utilizadas para a realização de investigação da presença dos sons da cidade no PUR poderiam estar ou não associadas à temática dos sons da cidade. Nesse sentido emerge o seguinte questionamento: foi verificada a presença da temática sons da cidade no PUR brasileiro?

Para responder a esta questão, no terceiro momento de codificação das unidades de análise buscou-se posicionar cada uma dessas em termos de proximidade e distanciamento da temática sons da cidade. As recorrências onde os

sentidos dos sons diziam sobre o fenômeno sonoro, sua presença e impactos na experiência cotidiana urbana foram consideradas como formas de apresentar os sons próximas ao que se denominou temática sons da cidade. E as recorrências onde as palavras-chave informavam sobre situações outras que as anteriormente citadas, foram qualificadas como distanciadas da temática sons da cidade. Ouvir opiniões de atores sociais, silenciar vozes de grupos em processos decisórios, registrar em áudio uma entrevista são exemplos de recorrências de palavras-chave que foram consideradas distantes da temática dos sons da cidade.

Assim foi possível verificar que no maior número de unidades de análise, ou seja, no maior número de trabalhos do XIII ENANPUR onde foi identificada ao menos uma palavra-chave com potencial associativo à temática sons da cidade, este potencial não se concretizou. Foram 60,42% as unidades de análise onde as palavras-chave foram avaliadas como distantes da temática sons da cidade e, 39,58% as unidades de análise onde as palavras-chave levantadas foram utilizadas de maneira a aproximar-se da temática sons da cidade. Desta forma, é possível afirmar que no período correspondente ao XIII ENANPUR a temática sons da cidade era tratada pelo PUR. O fato do valor do distanciamento em relação à temática ter sido mais elevado do que o de proximidade, instigou à colocação de outros questionamentos. Um deles remete a presença da temática nos períodos anteriores ao XIII ENANPUR, mais precisamente às X, XI e XII edições do evento, para as quais foram realizadas contagens de palavras-chave. Tendo em vistas que a temática sons da cidade é reconhecida como tema emergente, e que as frequências das palavras-chave foram aumentando progressivamente ao longo das quatro edições do evento analisadas (conforme **Figura 8 – Número total de trabalhos e vocábulos por edição do ENANPUR**), pode-se inferir, mesmo sem poder indicar

com precisão, que parte dessas recorrências tenham ocorrido por desenvolvimento da temática sons da cidade.

Foi ainda realizado cruzamento dos resultados referentes ao posicionamento das unidades de análise em relação à temática sons da cidade com os três conjuntos oriundos da agregação de unidades de análise por partilha de sentidos, que pode ser verificado no **Quadro 4– Posicionamento (%) dos conjuntos de palavras-chave (sets) em relação à temática sons da cidade, por número de trabalhos e por quantidade de palavras-chave codificadas** .

Quadro 4– Posicionamento (%) dos conjuntos de palavras-chave (sets) em relação à temática sons da cidade, por número de trabalhos e por quantidade de palavras-chave codificadas

sets	POSICIONAMENTO EM RELAÇÃO A TEMÁTICA SONS DA CIDADE			
	DISTANTE		PRÓXIMO	
	Número de trabalhos (<i>sources</i>) %	Palavras-chave codificadas (<i>coding references</i>) %	Número de trabalhos (<i>sources</i>) %	Palavras-chave codificadas (<i>coding references</i>) %
(A) Sons como ação	20,14	10,88	6,25	10,65
(B) Sons que incomodam	18,75	17,13	15,97	9,95
(C) Sons como objetos	21,53	23,84	17,36	27,55
TOTAL	60,42	51,85	39,58	48,15

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Nota-se a partir desse cruzamento que a mesma situação de predominância de uma dissociação em relação à temática dos sons da cidade que foi observada em relação ao total de codificações se mantém nos conjuntos (A) Sons como ação, (B) Sons que incomodam e (C) Sons como objetos. Nota-se também no **Quadro 4– Posicionamento (%) dos conjuntos de palavras-chave (sets) em relação à temática sons da cidade, por número de trabalhos e por quantidade de**

palavras-chave codificadas que o percentual total de palavras-chave próximas à temática sons da cidade, de 48,15% diferencia-se do percentual de trabalhos próximos a essa temática, 39,58. Analisando ainda o posicionamento em relação à temática sons da cidade, nota-se que o conjunto que mais se aproximou à temática sons da cidade foi o conjunto (C) Sons como objetos.

Em relação à aproximação e distanciamento da temática sons da cidade, as palavras-chave comportam-se de maneiras variadas, se analisadas uma a uma, e não agrupadas em conjunto. Desta maneira pode-se dividi-las em dois grupos, um referente às palavras que majoritariamente apresentaram-se de maneira afastada à temática sons da cidade e outra que tendeu a aproximar-se da temática. O primeiro grupo é integrado pelas palavras-chave áudio/audição, escuta, música, ouvir e silêncio. E o segundo grupo, é formado pelas palavras-chave acústica, auricular, barulho, ruído e som/sonoro. No **Quadro 5 – Palavras-chave (*nodes*) próximas à temática sons da cidade** verifica-se que som/sonoro e ruído foram as palavras-chave que mais se aproximaram a temática em termos relativos.

Quadro 5 – Palavras-chave (*nodes*) próximas à temática sons da cidade

	<i>sources</i> (%)	<i>coding</i> <i>references</i> (%)
Acústica	2,98	5,69
Auricular	0,60	0,23
Barulho	5,95	2,28
Ruído	6,55	5,24
Som/sonoro	12,50	24,37

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa

Pode-se inferir que as palavras-chave que majoritariamente foram acionadas nos textos em PUR para tratar dos sons no âmbito da temática sons da cidade, a saber, acústica, barulho, ruído e som/sonoro, são indicadores mais adequados para a realização de investigações semelhantes.

A este ponto já se pode afirmar que os sons fazem-se presentes no PUR brasileiro, através de sentidos variados, porém cabe perguntar ainda, se o som aparece como aspecto central nos trabalhos em PUR em que ele é recorrente? Ou se ele aparece apenas como aspecto secundário nas análises? Duas evidencias apontam para a compreensão de que os sons costumam ser tratados no PUR como aspectos secundários de análises: uma delas consiste em que nas buscas por palavras-chave nos títulos e resumos (elementos textuais onde são expostas idéias centrais dos textos) das dissertações e teses defendidas no PROPUR/UFRGS de 1973 a 2009 foi identificada apenas uma ocorrência do vocábulo ruído; outra evidencia decorre da realização de uma média das palavras-chave contadas na X, XI, XII e XIII edições do ENANPUR em relação ao total de trabalhos apresentadas nestas mesmas edições, através da qual se verificar que palavras-chave com potencial associativo aos sons aparecem média uma vez por trabalho, volume que seria incompatível com o tratamento recorrente deste como temática central.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Tanto na experiência banal quanto na científica, o conteúdo da noção cidade é parcialmente acessado e adquirido através da vivência de componentes sensíveis.¹⁷ Através da audição, da gustação, do tato, da visão, da olfação e de sinestésias destes recursos sensitivos, partes da cidade são experienciadas, fruídas. Nesta perspectiva situou-se o mote da presente dissertação de analisar a participação da temática sons da cidade no PUR brasileiro, e tencionar os sons como possível entrada analítica para o estudo da cidade.

A possibilidade de uma pessoa viver um momento em que não haja som, salvo em casos de restrições no aparelho auditivo, não existe. Mesmo quando o não-som é buscado, ele não é encontrado. Schafer (2001) conta sobre uma experiência empreendida pelo compositor John Cage que entra em uma câmara anecóica – câmara projetada para impedir que sons externos a esta sejam percebidos por quem está no seu interior e também que ondas sonoras propaguem-se, inibindo assim a ocorrência de eco. Cage, ao sair da câmara relatou que escutou dois sons, um agudo e um grave, que de acordo com o engenheiro responsável, correspondiam respectivamente ao som de seus sistemas nervoso e sanguíneo, demonstrando assim a inviabilidade de uma situação de silêncio absoluto.

Partindo da escuta da variedade de sons projetados nas diversas situações e indagando sobre a atuação destes sons no cotidiano na cidade, propôs-se o entendimento de que os sons e a escuta são aspectos relevantes dos processos de reconhecimento do espaço da cidade. Propôs-se também que a escuta e o ato de

¹⁷Sensíveis no sentido de seres realizadas através dos sentidos da audição, da gustação, do tato, da visão, da olfação.

atribuição de sentidos remeteriam às sociabilidades urbanas e aos processos de estabelecimento e re-estabelecimento destas, mesmo sendo ambas atividades que, de certa maneira, são efetivadas individualmente.

Quando os sons da cidade são ouvidos pelas pessoas, outras experiências sensíveis estão sendo simultaneamente vivenciadas. No entanto, a audição é definida como um sentido que permite a apreciação de um tipo de estímulo específico, que são as ondas sonoras. Logo, a percepção da onda sonora constitui-se como uma forma *sui generis* de fruir o mundo, à qual podem associar-se outros componentes sensíveis – por exemplo, visuais ou olfativos. No entanto, reitera-se que mesmo frente à possibilidade de sinestesia, cada um dos sentidos apresenta um percurso que conduz à apreensão de diferentes aspectos do espaço urbano. Neste sentido, pode-se dizer que, assim como o que é visual se captura com o olhar, o que é sonoro se captura com a escuta. A delimitação da audição como sentido marcado pela performatização da atitude blasé (que conduz por um lado à escuta de alguns sons da cidade e por outro, à não-escuta de um conjunto de outros sons) é proposta como contribuição para a compreensão das relações entre sons-cidade-cotidiano.

Bourdieu (1997) problematiza o efeito que a ocupação de um determinado lugar na estrutura espacial física e social tem sobre as relações que são estabelecidas nos campos. As estruturas internas do espaço social ou dos campos se traduzem de certa maneira na estrutura do espaço físico. Pode-se dizer que a estrutura do espaço físico, sendo este o palco das lutas cotidianas por poder, e assim por retenção do capital em jogo, tem também certo efeito sobre as relações sociais, efeito este pouco explorado em interpretações sobre o espaço – no âmbito das humanidades. Nestas, ao interpretar as práticas e relações sociais, a influência

do espaço físico é colocada em surdina. A assunção da existência de um efeito de lugar contribui para a superação de um pensamento substancialista dos lugares que poderia incorrer na sobre-valorização de aspectos da estrutura física ou da estrutura social do espaço na interpretação do mesmo. Esse é o caso das análises com tendências deterministas do espaço, que ora maximizam o papel do lugar físico, ora, do lugar social, esquecendo assim do que o autor apresenta como essencial: a necessidade de uma “análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico” (BOURDIEU, 1997, p.159). O fato de o efeito de lugar, no que tange ao espaço físico, ser pouco recorrente em análises, parece ter relação com *invisibilidade*.

Os espaços arquitetônicos, cujas injunções mudas dirigem-se diretamente ao corpo, obtendo dele, com a mesma segurança que a etiqueta das sociedades de corte, a reverência, o respeito que nasce do distanciamento, ou melhor, do estar longe, à distância respeitosa, são, sem dúvida, os componentes mais importantes, em razão de sua invisibilidade (...), da simbólica do poder e dos efeitos completamente reais do poder simbólico. (BOURDIEU, 1997, p.163)

Segundo Wisnik (2006), a noção som e sentidos atribuídos a esta noção são construídos no escopo da cultura.

Enquanto experiência do mundo em seu caráter intrinsecamente ondulatório, o som projeta o limiar do sentido na medida da sua estabilidade e instabilidade relativas. Este sentido é vazado de historicidade – não há nenhuma medida absoluta para o grau de estabilidade e instabilidade do som, que é sempre produção e interpretação de culturas. (2006, p.30).

A partir das reflexões de Wisnik (2006) e Martin (1995) é reiterada a inexistência de uma associação lógica ou natural entre o som e o sentido. Pois, para ambos, a instauração de sentidos referentes aos sons não pode se dar se não em relação ao seu contexto. Toma-se como exemplo da inexistência de sentido intrínseco ao som o caso dos sons de carro que, em uma corrida de Fórmula 1,

podem ser escutados como prazerosos mas que, no caso do tráfego urbano, são usualmente escutados como incômodo. Ainda nesta direção, a escuta do canto de um mesmo pássaro pode tanto conduzir à plenitude do contato com a natureza no ambiente urbano quanto à plena irritação quando se quer dormir ou estudar. Destes dois exemplos, sublinha-se que, primeiro, as fontes sonoras na cidade são múltiplas, segundo, que os limites físicos que separam o privado do público – como as paredes de uma casa – não são barreiras para os sons da mesma forma como o são para a visão¹⁸.

Referências literárias sobre temas concernentes aos sons e às questões urbanas produzidas nas seguintes áreas do conhecimento: música, etnomusicologia, acústica, sociologia, antropologia, geografia, urbanismo e PUR tratam os sons através de diferentes enfoques. Sons da cidade são enfocados como música (SIMMEL, 2003; DE NORA, 2000), como ruído (BAIGORRI, 1995; NUNES & RIBEIRO, 2008), como som (MARTIN, 1995; WISNIK, 2006), como paisagem sonora (SCHAFFER, 2001; RAIMBAULT & DUBOIS, 2005), como linguagem-comunicação (SIMMEL, 2003; CANEVACCI, 1993), como imagem sonora ou possibilidade de conformação de dimensão imagética (DELEUZE, 2007; LYNCH, 1997; FORTUNA, 1998; VEDANA, 2010).

Dentre esses enfoques, situa-se a noção de paisagem sonora que é tecida paralelamente a um projeto de ecologia acústica que pretende propor alternativas para a resolução de um problema social identificado por Schaffer, um problema de ecologia sonora. O projeto, intitulado *The World Soundscape Project*, foi desenvolvido do final da década de 1960 até meados da década de 1970 e, buscava

¹⁸ Este exemplo restringe-se às paredes de casas e apartamentos que não foram submetidas a tratamento de isolamento acústico.

recuperar ambientes sonoros já extintos quanto à variedade de sons e fontes sonoras, preservar sons em extinção e evidenciar a necessidade de redução dos níveis de ruído nas cidades, sob pena de alterações prejudiciais na saúde dos indivíduos. É, portanto, a partir da problematização da poluição sonora como característica da vida na cidade que se delineia o que veio a se entender como paisagem sonora. A obra de Schafer é referenciada em estudos sobre sons ambientais em distintas áreas do conhecimento indicando que suas proposições, mesmo que com caráter militante, constituem base para o pensar sobre os sons ambientais. A noção de paisagem e seu reconhecimento como categoria participante na fruição do mundo prepara terreno para o lançamento da noção de paisagem sonora, que em alguma medida pode-se afirmar, inspira-se da noção de paisagem. Porém, a noção de paisagem sonora, resulta em conceito operacional que difere da noção de paisagem em termos epistemológicos. Frente às limitações da utilização do conceito de paisagem sonora se tomado na acepção proposta por Schafer, propõe-se para exploração em trabalhos futuros, a realização de estudo aprofundado entre as divergências e parecenças entre o conceito de paisagem e paisagem sonora. Pois, a partir da recuperação dos aspectos do conceito de paisagem e de fusão desses com o conceito de paisagem sonora, pode-se chegar a um conceito operatório que permita uma melhor exploração dos sons.

O estudo da cidade através dos sons tem sua relevância ressaltada uma vez reconhecido que parte da experiência cotidiana da cidade é sonora. Desta maneira, seria possível tanto o estudo dos espaços através do conhecimento de como as pessoas escutam um lugar, quanto o estudo de um espaço e das práticas efetivadas neste a partir da escuta deste mesmo espaço pelo pesquisador. Tendo em vista que o procedimento para conhecer a cidade a partir de seus sons implica na delimitação

de metodologia para escuta ou para o estudo da escuta de um lugar, a continuidade deste trabalho aponta para a reflexão sobre a documentação, registro e apresentação do conhecimento construído através estudo com sons.

Considerado o período abarcado por esta pesquisa de 1970 a 2009, conclui-se que os sons da cidade, não aparecem como temática central de pesquisa nos estudos da área PUR brasileira. Essa conclusão explica-se pela inexpressiva ocorrência das palavras-chave pesquisadas nos títulos e resumos das dissertações e teses do PROPUR/UFRGS e nos títulos dos anais do X, XI, XI e XIII ENANPUR. Não pode-se no entanto considerar que haja uma ausência absoluta dos sons da cidade em relação ao período pesquisado do PUR brasileiro.

No período mais recente, de 2003 a 2009, foi possível observar que houve um crescimento gradual da temática sons da cidade nos textos completos dos anais do X, XI, XI e XIII ENANPUR. Conforme apresentado anteriormente, há em média uma palavra com potencial associativo aos sons da cidade por trabalho apresentado nesse recorte temporal. Porém, têm-se elementos para inferir que os sons no PUR sejam temática ainda pouco comum, mas que se encontra em expansão. Neste sentido, retoma-se aqui o percentual de 48,15% palavras-chave próximas e 51,85% distantes à temática sons da cidade verificada na XIII ENANPUR. Se aplicado esse percentual com a média de uma recorrência de palavra-chave por trabalho no período abrangido pelo X, XI, XII e XIII ENANPUR, chega-se a um cenário onde a participação da temática é ainda menor no PUR brasileiro. Esse cenário corresponderia à identificação de uma palavra-chave de fato vinculada à temática sons da cidade a cada dois trabalhos em PUR.

A pouca exploração dos sons nos estudos sobre a cidade é percebida tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Quantitativos, se pensados em relação à quantidade de referências bibliográficas disponíveis quando comparada a outras temáticas da área PUR, como a habitação de interesse social, a gestão da cidade. E, qualitativa, pois, por mais que sejam identificadas várias formas de nomear o fenômeno sonoro, não se tem como correspondente o tratamento de vários aspectos desse fenômeno, outrossim, é comum um mesmo aspecto ser nomeado de formas variadas.

Portanto, partindo do entendimento dos sons como elementos constitutivos da experiência cotidiana na cidade e tendo em vista que quando recorrentes os sons da cidade costumam ser como aspectos secundários e pouco aprofundados, a presente dissertação buscou evidenciar que os sentidos, incluindo a audição, são fontes que alimentam a experiência cotidiana na e da cidade. Destacou-se também a atuação dos sons enquanto experiência sensível constitutiva dos processos de subjetivação na cidade. E, neste sentido, questiona-se: por que os sons da cidade são notadamente pouco explorados como dados de pesquisa e objetos do conhecimento nos estudos em Planejamento Urbano e Regional? Por que essa inexpressividade, uma vez que sons também constituem, de forma mais específica, a apreensão dos espaços e, de maneira mais generalizada, a experiência humana e a própria cidade?

Tendo em conta que foi possível verificar que, na produção de conhecimento da área PUR, os sons da cidade são tema de baixa recorrência e, que, dentre os estudos realizados com produtos publicados, os sons não costumam ser tratados como foco central, além de identificar-se uma tendência em tratá-los como um problema, como ruído, como causador de poluição sonora, como fator prejudicial à

saúde. E busca-se na relação entre a experiência social cotidiana e a forma como os sons vieram a ser tratados pelos estudos em PUR elementos para entender a baixa recorrência dos sons no PUR. Salienta-se nesse sentido que desde o urbanismo moderno os sons não foram aspecto da cidade de destaque. Possivelmente tal fato guarde relação com o desenvolvimento da atitude blasé. Pois, se era tão intensificada a massa sonora da experiência cotidiana da cidade industrial se comparada com a experiência de cidade anterior à Revolução Industrial, pode-se inferir que o desenvolvimento de barreiras à percepção racional de sons influenciou o tratamento destes pela ciência. Ou seja, propõe-se que a performatização da atitude blasé pelos cientistas, pelos urbanistas, nas suas vidas cotidianas em relação aos sons como estratégia para tornar viável as suas experiências cotidianas teve como consequência no plano da ciência a mesma atitude semelhante para com os sons.

São também levantados como contribuição para o entendimento da baixa recorrência dos sons no PUR dois aspectos já discutidos. Um primeiro refere-se à existência de duas vertentes epistemológicas às quais corresponderiam formas de apreender as cidades distintas e conviventes no PUR: uma marcada por um olhar distante, e outra, por um olhar de perto (CERTEAU, 2008). E um segundo consiste na centralidade do olhar e da imagem visual como forma de capturar e representar o mundo, que por um lado contribuíram na sobrevalorização da visão em relação aos outros sentidos, tais como a audição, o tato, a gustação e o olfato, e por outro prepararam lugar para o surgimento posterior de aproximações ao real mediadas por esses sentidos inicialmente subvalorizados.

Se os sons são elementos sempre presentes e constituintes da cidade, e da vida cotidiana na e da cidade, não são eles também elementos a serem explorados para a compreensão dos processos sociais que ocorrem na cidade? E ao planejamento do espaço urbano, não seria essencial compreender as imagens simbólicas que os habitantes da cidade retêm da dimensão sonora urbana. Como definir se um ruído é demasiado intenso, desconsiderando que há um ouvinte que ao ouvir o som e a intensidade deste, atrela a estes e atualiza sentidos e significações que são desconhecidos por quem ouve de longe?

Estes questionamentos permitem uma rápida consideração acerca das intervenções para o planejamento da cidade, tais como leis e planos diretores, onde os sons estão presentes como temática sendo considerados como ondas e avaliados a partir de procedimentos de mensuração com decibelímetros, visando estabelecer níveis de tolerabilidade. Através desses procedimentos e dessas abordagens, os estudos dos sons da cidade tomam uma forma que poderia ser considerada rigorosa, por sua objetivação através de instrumentos que os representam realisticamente. Porém, se partirmos do entendimento de que os objetos de reflexão são sempre objetos construídos (BOURDIEU, 2007) e construídos a partir de uma inquietação, de uma pergunta (BACHELARD, 1996) é possível dar um passo para trás em relação às medições de ruído com decibelímetros, e adicionar outros elementos para a compreensão dos ruídos na cidade. Não se está afirmando que não existam ruídos nocivos a saúde dos indivíduos, nem que na cidade não haja figurações marcadas pela densidade e intensidade de estímulos sonoros, mas se está chamando atenção para o componente sociocultural atuante nestas definições. Já foi aqui discutido que aos sons não correspondem sentidos intrínsecos, posto que os sentidos são atribuídos

por indivíduos (MARTIN,1995; WISNIK, 2006). Também já foi apresentado que esses processos de significação se dão em momentos da experiência cotidiana como forma duração do espaço (CERTEAU, 2008; SANTOS, 1999) nos quais o espaço simultaneamente é forjado e, no seu acontecer, sugere formas de acontecer aos eventos vindouros (BOURDIEU, 1997). Fora da duração de um determinado momento cotidiano, um mesmo som pode receber diferentes sentidos, inclusive para um mesmo indivíduo. Nesta perspectiva, as mensurações dos níveis de ruído trazem não mais do que uma apreensão parcial do fenômeno sonoro. É possível traçar um paralelo entre esta forma de apresentar os sons (como algo objetivo, posto que meramente concreto/físico) com a perspectiva clássica (pensada como forma objetiva e realista de retratar e apreender a cidade): trata-se respectivamente de uma escuta e de um olhar distantes e de fora da experiência cotidiana. Assim como a cidade vista de longe e de cima impede a visualização das práticas que fazem a cidade enquanto acontecimento, enquanto cidade, os sons urbanos quando tratados apenas como ruídos a serem medidos, inviabilizam a consideração da escuta como prática cotidiana onde competências sensitivas atuam e se reinventam impactando o estar na cidade de uma maneira ampla. As medições de níveis de ruído são uma forma de aproximação ao fenômeno sonoro que contribuem, sim, para a compreensão de determinadas facetas deste fenômeno, mas que deixam descoberta outras tantas facetas. E é neste sentido que emergem recentemente uma série de estudos não somente no PUR, mas também nas ciências sociais, problematizando formas e meios para estudar os sons urbanos que contemplem o fenômeno desde outras perspectivas. O som como elemento participante nas imagens da cidade e, como tal, constitutivo das práticas cotidianas, territorializações, processos identitários, são exemplos de formas de aproxima-se ao som que vem

sendo ensaiadas na antropologia (VEDANA, 2010), sociologia (FORTUNA, 1998), geografia (TORRES, 2007), e também no PUR (MACHADO, 2010; ARAGÃO, 2009).

Todas estas questões são postas a título de não concluir este trabalho, mas de instigar sua continuidade, e encaminhar para uma última reflexão: como trazer para o PUR os sons, como e onde tratá-los como aspectos centrais de forma a ampliar a apreensão para além da suas escutas distanciadas, destituídas das práticas cotidianas e das formas que estas tomam no dia-a-dia...

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Thais A. La dimensión sonora de la ciudad a partir de la pasada del vendedor de Chegadinho. In: Anais do XXIII ALAS, Buenos Aires, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico : contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAIGORRI, Artemio. **Apuntes para una sociologia del ruido**. In: V Congreso Español de Sociologia. Granada, 1995.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: _____; GASKELL, Georg. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002, p.39-63.

BAUER, Martin W. **Análise de ruído e música como dados sociais**. In: _____; GASKELL, Georg. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002, p.365-390.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre *et al.* **Ofício de Sociólogo : metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

_____. **Efeitos do Lugar**. In: Bourdieu, P. (org.) *A Miséria do*

Mundo. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANEVACCI, Massimo. **Introdução**. In A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CAPES. **Documento de Avaliação da Área de Planejamento Urbano e Regional e Demografia**. Brasília, 2009.

_____. **Documento de Área: Planejamento Urbano e Regional e Demografia**. Brasília, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: vol.1 - artes do fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. **Urbanisme**. In: Pierre MERLIN, Françoise CHOAY (ed.). Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement. Paris: PUF, 1988, pp. 683-690.

_____. **O urbanismo : utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo : Perspectiva, 2007.

De NORA, Tia. **Music in the everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Para além da imagem-movimento & recapitulação das imagens e dos signos**. In: A Imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ELIAS, Norbert. **Sobre a sociogênese da economia e da sociologia**. In: Escritos e ensaios: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

FORTUNA, Carlos. **Imagens da Cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 1998, nº51, p.21-41. Disponível em: <www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=666>.

_____. **Dossier Simmel: A estética e a cidade**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2003, nº67, p.101-127. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=844>>

HOFF, Débora Nayar et al. **Os desafios da pesquisa e ensino interdisciplinares**. Revista Brasileira de Pós-Graduação, Brasília, v. 4, n. 7, p. 42-65, julho de 2007. Disponível em: <http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.4_7jul2007/Experiencias_Artigo1_n7.pdf>. Acesso em 6 agosto 2010.

HOLANDA, Frederico de. **Arquitetura sociológica**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.9, nº1, maio de 2007. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revistas/ANPUR_v7n1.pdf>.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KHUN, Thomas S. **A resolução das revoluções**. In: A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectivas, 1998, p. 183-200.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Renata Silva. **Abordagens aos sons da cidade: entre o cotidiano e a prática científica**. Revista Iluminuras v. 11, n. 25 , 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15559/9233_p.1-11>

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis,

RJ: Editora Vozes, 2008.

MARTIN, Peter J. **Sounds and Society: Themes in the sociology of music**. New York: Manchester University Press, 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História, São Paulo, 2003, v. 23, nº 45, p. 11-36. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>.

NUNES, Monica; RIBEIRO, Helena. **Interferências do ruído do tráfego urbano na qualidade de vida: zona residencial de Brasília/DF**. Cadernos Metrópole, 2008, nº19.

PICON, Antoine. **Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmannização**. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti, Org. *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: Ed. USP, 2001, p. 65-89.

PIQUET, Rosélia; LEAL, José A. A.; TERRA, Denise C. T. **Mestrado profissional: proposta polêmica no sistema brasileiro de pós-graduação: o caso do planejamento regional e urbano**. RBPG: Revista Brasileira de Pós-Graduação (CAPES), Brasília: v. 2, n. 4, p. 30-37, jul.2005. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=67455&type=P>>.

PIQUET, Rosélia Périssé da Silva; RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Tempos, idéias e lugares: o ensino do Planejamento Urbano e Regional no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.10, nº1, maio de 2008. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revistas/rev_ANPUR_v10_n1.pdf>.

RAIMBAULT, Manon; DUBOIS, Danièle. **Urban Soundscapes: Experiences and Knowledge**. Cities, 2005, vol. 22, nº5, p.339-350. Disponível em:

<www.elsevier.com/locate/cities>. Acessado em 29 de junho de 2008.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Sociabilidade, Hoje: leitura da experiência urbana.** Caderno CRH, Salvador, v.18, nº45, 2005, p.411-422.

_____. **O ensino do planejamento urbano e regional: propostas à ANPUR** . Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.4, nº1/2, maio/novembro de 2002, p. 63-72. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revistas/rbeur_4_1_e_2.pdf>.

SANTAELLA, Lucia. **Áreas de conhecimento e a organização da universidade.** PUC-SP: Redesenho Institucional. São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www.pucsp.br/redesenho/downloads/areas_conhecimento_Santaella.pdf> Acesso em 30 junho 2010.

SANTOS, Milton. **O papel ativo da geografia: um manifesto.** In: Anais do XII Encontro Nacional de Geógrafos, Florianópolis, 2000.

_____. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise.** Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, 1999, nº2, p.15-26.

_____. **Modernidade, meio técnico-científico e urbanização no Brasil.** Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, 1992, nº1, p.9-22.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp 2001.

SIMMEL, Georg. **Estúdios Psicológicos y Etnológicos sobre Música.** Buenos Aires: Editorial Gorla, 2003.

_____. **Filosofia da Paisagem**. Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, 1996, nº12, p.15-24. Disponível em: <<http://www.reocities.com/CollegePark/library/8429/index12.html>>.

_____. **A metrópole e a vida mental**. In: O fenômeno urbano. Guilherme Otavio Velho (org). Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.11-25.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

TORRES, Marcos Alberto. **A percepção da paisagem sonora da cidade de Curitiba**. In: Anais do II Colóquio Nacional do NEER. Curitiba: UFPR, 2007

VEDANA, Viviane. **Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana**. Revista Iluminuras v. 11, n. 25 , 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15537_p.1-15>

VELHO, Gilberto. **Estilo de Vida Urbano e Modernidade**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1995, vol.8, nº16, p.227-234.

WISNIK, José Miguel. **O som e o Sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.